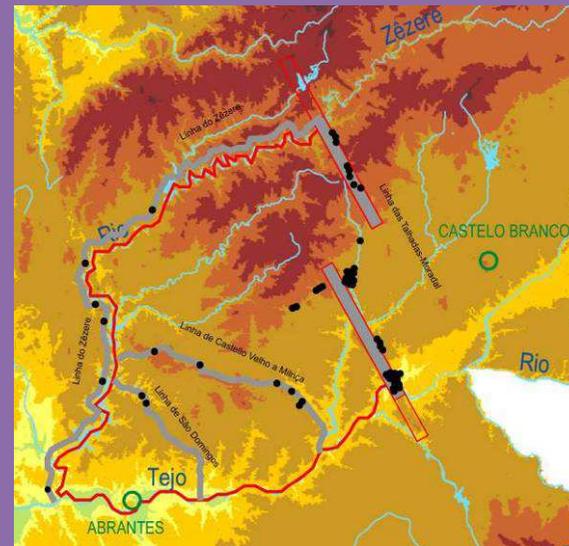


**A LINHA DAS TALHADAS - MORADAL
E O SISTEMA DEFENSIVO DE ABRANTES.
RESULTADOS DOS TRABALHOS DE PROSPECÇÃO
ARQUEOLÓGICA E DE PESQUISA DOCUMENTAL**

**The Talhadas-Moradal Line and the Abrantes
Defensive System. Outcome of the archaeological
field works and documental research**

Mário Jorge Mascarenhas Monteiro



Vila Velha de Ródão, 2013

**A LINHA DAS TALHADAS-MORADAL
E O SISTEMA DEFENSIVO DE ABRANTES.
RESULTADOS DOS TRABALHOS DE PROSPECÇÃO
ARQUEOLÓGICA E DE PESQUISA DOCUMENTAL**

**The Talhadas-Moradal Line
and the Abrantes Defensive System.
Outcome of the archaeological field works and documental
research**

Mário Jorge Mascarenhas Monteiro¹

Palavras-chave: fortes e baterias; estruturas militares; Guerra dos Sete Anos; Guerra das Laranjas; Invasões Francesas; Linhas de Torres Vedras; Conde de Lippe.

Key words: forts and batteries; military structures; The Seven Years' War; War of the Oranges; French Invasions; Lines of Torres Vedras; Count of Lippe.

Resumo

Apresentam-se os resultados das campanhas de prospecção arqueológica, realizadas no âmbito do Projecto da Linha Defensiva das Talhadas-Moradal, assim como os dados obtidos na pesquisa documental.

Constatou-se que a Linha das Talhadas-Moradal se encontrava inserida num sistema defensivo mais amplo e complexo, constituído por quatro linhas, cuja função seria defender Abrantes e, conseqüentemente, servir como uma porta, no corredor da Beira Baixa, para o acesso a Lisboa, tendo-se atribuído a este complexo a designação “Sistema Defensivo de Abrantes”.

Tendo sido o Conde de Lippe (como Marechal-General dos Exércitos Portugueses) o autor dos planos e executor dos mesmos, há indícios de que também tenha sido este reconhecido estratega o autor dos planos para a defesa de Lisboa, posteriormente ampliados e designados como Linhas de Torres Vedras, ainda que não tenha sido o seu executor.

Por fim, apresenta-se uma curiosa laje grafitada, recentemente encontrada entre as pedras removidas no âmbito da escavação arqueológica do Forte das Batarías I.

¹ Arqueólogo de EMERITA, Lda. e colaborador da Associação de Estudos do Alto Tejo.

Abstract²

The results of the archaeological prospection campaigns carried out under the Project Talhadas-Moradal Defensive Line are presented as well as the data obtained in documentary research.

It was found that the line Talhadas-Moradal was inserted in a broader and more complex defensive system, consisting of four lines, whose function was to defend Abrantes and, hence, serve as a door to access Lisbon in the hallway of Beira Baixa, having been designated "Abrantes defense system".

The Count of Lippe (as Marshall-General of the Portuguese Army) was the author and performer of these plans, and there is evidence that this recognized strategist was also the author of the plans for the defense of Lisbon, later expanded and designated as Lines of Torres Vedras, although he was not its executor.

Finally, a curious engraved slab recently found among the stones removed under an archaeological excavation of the Fort Batarías I is presented.

Introdução

Os trabalhos desenvolvidos encontram-se integrados no âmbito do Projecto da Linha Defensiva das Talhadas-Moradal, contando com o apoio da Associação

de Estudos do Alto Tejo (AEAT) e da Câmara Municipal de Proença-a-Nova (CMPN).

Os trabalhos arqueológicos foram dirigidos por Mário Monteiro, tendo contado com a participação de Francisco Henriques, André Pereira, João Carlos Caninas e Mário Chambino.

O projecto encontra-se integrado na linha de investigação promovida pela Associação de Estudos do Alto Tejo (Francisco Henriques e João Carlos Caninas), ao abrigo do Programa *Auri Tagus*, e no Projecto da constituição do Centro de Interpretação dos Fortes e Baterias em Sobreira Formosa, da responsabilidade da Câmara Municipal de Proença-a-Nova.

Estes trabalhos foram financiados pelos participantes, por EMERITA - Empresa Portuguesa de Arqueologia, Lda., nas deslocações e cedência de arqueólogos, e pela Câmara Municipal de Proença-a-Nova, nas estadias e na execução do levantamento topográfico de três estruturas por técnicos da autarquia.

1. Objectivos

Pretendeu-se nesta fase desenvolver a pesquisa documental e campanhas de prospecção arqueológica no sentido de identificar e localizar estruturas que compunham a Linha das Talhadas-Moradal.

² Traduzido por Mónica Vieira.

O objectivo consistiu na prospecção das áreas de portela e vias associadas (locais por onde passariam vias de circulação viária e/ou pedestre) na linha formada pelas serras das Talhadas e do Moradal, onde se encontram mencionadas documentalmente estruturas militares construídas nos séculos XVIII-XIX, nomeadamente:

- Porto do Tejo / Vila Velha de Ródão e Nisa;
- Milhariça / Vila Velha de Ródão;
- Catraia (ou Venda, ou Campo do Alvito) / Proença-a-Nova;
- Sesmo / Castelo Branco;
- Cardoso / Oleiros;
- Orvalho / Oleiros.

Relativamente à passagem na Foz do Cobreão, e apesar de não terem sido aqui construídas estruturas, era, todavia, um ponto de passagem pedestre onde se sabe terem passado contingentes do exército invasor.

Localizam-se entre o Rio Tejo e o Rio Zêzere, formando uma linha defensiva com redutos construídos, em geral, na face Este das serras, encontrando-se associada à posição da Catraia uma linha de retirada, na retaguarda, ao longo da qual se construíram estruturas que serviriam para proteger a deslocação, em caso de necessidade, dos contingentes militares defensores.

A longo prazo o Projecto tem como objectivo identificar todas as estruturas associadas à referida linha defensiva, entre o Rio Tejo e o Rio Zêzere, ao longo da Serra das Talhadas e da Serra do Moradal, de modo a adoptar medidas de salvaguarda das estruturas militares que compõem a linha, a realizar o seu estudo científico, a sua valorização e divulgação.

Os trabalhos de prospecção não foram programados, tendo decorrido ao longo de 2009 consoante a disponibilidade da equipa de trabalho.

Para a sua execução obteve-se o apoio da Câmara Municipal de Proença-a-Nova, entidade que tem desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento do projecto, assim como na preservação e salvaguarda deste património cultural.

2. A morfologia e geologia do terreno

A Serra das Talhadas e a Serra do Moradal, localizadas na plataforma metassedimentar das Beiras (Figura 1), formam uma muralha natural de sentido NNO-SSE e altitudes variáveis entre os 500 m e 618 m nas Talhadas e os 912 m e 838 m no Moradal, sendo formadas por duas extensas cristas quartzíticas, atravessadas pelo Rio Tejo, pelo Rio Zêzere e alguns seus afluentes, cujas paredes quase verticais são uma autêntica fortificação natural.

Segundo Carlos Neto de Carvalho (Carvalho & Rodrigues, 2012, p. 188) “as cristas quartzíticas ordovícicas erguem-se relativamente aos metassedimentos do Grupo das Beiras cerca de 200-250 m e apresentam uma linha de cumeeada

muito regular, como que nivelada, a uma cota próxima dos 600 m (v.g. Galego, com 618 m é o ponto mais alto da serra das Talhadas). Esta corresponde à Superfície Inicial, quando o aplanamento geral da Cordilheira Varisca Europeia na região atingiu a cota dos topos das cristas, há cerca de 150 milhões de anos. A serra das Talhadas mostra-se assim um excelente exemplo de um relevo do tipo Appalachian, a par com a vizinha serra do Moradal, para norte.”

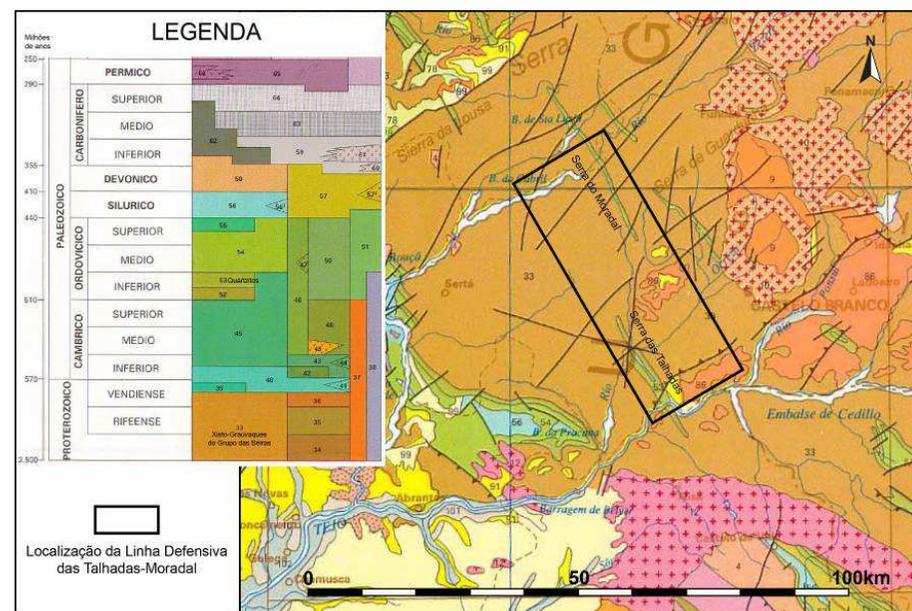


Figura 1. Extracto do Mapa Geológico de la Península Ibérica, Baleares y Canarias, à Esc. 1:1.000.000, Instituto Tecnológico Geominero de España, Madrid, 1994. Extraído de <http://www.zonu.com/detal/2010-09-01-12020/Mapa-geologico-de-Espana-1994.html>

A plataforma metassedimentar caracteriza-se pelo predomínio de rochas xisto-grauváquicas do Grupo das Beiras, datado do Neoproterozóico, composto por xistos argilosos finos alterados devido a acções de metamorfismo, possuindo filões quartzosos. A rocha xistenta é maioritariamente de má qualidade (partindo-se em lâminas finas e quebradiça), não permitindo a extracção regular de blocos de médias e grandes dimensões para a construção.

Trata-se de uma área montanhosa de relevo muito irregular, profundamente recortada por ribeiras e ribeiros que circulam por vales sinuosos e alcantilados, por vezes meandrizantes, sendo a sua travessia com toda a logística de um exército muito difícil e apenas possível em quatro ou cinco locais.

3. Enquadramento histórico

Em 1762, reinando D. José I, Portugal vê-se envolvido na Guerra dos Sete Anos devido à recusa de assinar o Pacto de Família com as cortes de Espanha e França. Perante a iminente invasão do território nacional por um exército Franco-Espanhol o Marquês de Pombal pede auxílio ao governo britânico, que por sua vez indica, como militar capaz para liderar o Exército Português, Wilhelm Schaumburg-Lippe (Conde soberano de Schaumbourg - principado na Baixa Saxónia, Alemanha), que então servia no Exército Inglês. Em 3 de Julho daquele ano chega a Portugal e de imediato afirma-se em Decreto a sua nomeação como Marechal General dos Exércitos, encarregando-o do “governo das armas de todas as tropas de infantaria, cavallaria, dragões e artilharia, além de diretor geral de todas elas.”

“A 3 de Julho do referido ano se expediu o decreto nomeando-o marechal general dos exércitos, e encarregando-o do governo das armas de todas as tropas de infantaria, cavalaria, dragões e artilharia, e director geral de todas elas. Chegando a Lisboa, o conde de Lippe tratou logo de ver quais as tropas sólidas com que podia dispor, e reconheceu que apurando-as bem não tinha para compor o exercito de operações mais de 7 ou 8 mil ingleses e outros tantos portugueses, porque o resto das tropas nacionais era preciso para guarnecer as praças ou formado de recrutas mais prejudiciais do que úteis nas marchas que deviam constituir as manobras principais da defensiva. Tendo apenas essa diminuta força para se opor ao exercito franco-espanhol, que constava de 42.000 homens e 93 canhões, o marechal decidiu-se a limitar as suas manobras a conservar-se na defensiva, procurando apenas inquietar a marcha dos invasores, e tendo as suas tropas concentradas lança-las num momento imprevisto sobre algum ponto fraco do inimigo, imitando assim o sistema de guerra do grande Frederico.” Transcrição de texto retirado de Portugal. Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico (www.arqnet.pt).

O Exército Franco-Espanhol contava com cerca de 30.000 efectivos espanhóis e 10.000 franceses (comandados pelo Marechal Príncipe de Beauvau), sendo inicialmente comandante em chefe o Marquês de Sarriá, posteriormente substituído pelo Conde de Aranda.

Perante a inferioridade numérica e a carência de equipamento militar do Exército Luso-Inglês, Lippe adopta uma estratégia defensiva explorando habilmente os erros do inimigo, dificultando as suas manobras, aproveitando a seu favor as dificuldades do terreno. O objectivo seria evitar a batalha e fechar

ao invasor os acessos para o interior do Reino, objectivo amplamente conseguido.

Em 5 de Maio as forças espanholas entram em Portugal iniciando-se a invasão pelo Norte (por Trás-os-Montes) com o objectivo de conquistar Miranda, abrindo uma linha de invasão pelo Mondego. Contudo, os planos de invasão são alterados e o Exército Franco-Espanhol concentra as suas forças na fronteira da Beira Alta com o objectivo de conquistar Almeida, a partir da qual ficaria em condições de avançar para Sul ou para Oeste. Após a conquista de Almeida o Marquês de Sarriá demite-se do cargo sendo substituído pelo Conde de Aranda no comando do exército. Em 16 de Setembro o novo comandante opta por avançar para Sul e apoderar-se de Castelo Branco, de onde poderia avançar sobre Abrantes, solução aprovada por Filipe V que antecipando-se às forças do Conde de Aranda invade a fronteira da Beira com um exército comandado pelo Marechal de França, Duque de Berwick e conquista Castelo Branco. Porém, no avanço para Abrantes encontra-se perante uma muralha natural, que se prolongava entre o Tejo e o Zêzere, formada pelas serras das Talhadas e do Moradal, obrigando-o a parar.

“A Serra das Talhadas, embora só por si considerada inexpugnável, foi contudo, durante a campanha de 1762, fortificada pelo Conde de Lippe que “quis aumentar a força d’esta forte posição”, mandando construir vários redutos que, no dizer do Coronel Vasco Salema “os soldados de Junot [em 1807] puderam-nos admirar quando, penosamente mas sem um único tiro, subiam as Talhadas” (Silva, 1976, p. 98).

Ao serviço de D. José I, como Marechal-General do Exército Português, Lippe pôde adoptar para o Exército Português organização e tácticas actualizadas que tivera ocasião de praticar com as suas reduzidas forças no exército aliado da Guerra dos Sete Anos. Porém, teve também ocasião de conhecer, e depois adaptar através dos seus escritos, tácticas de resistência não convencional, utilizadas secularmente por Portugal, um pequeno país constantemente obrigado a resistir a um maior.

Deixa Portugal em Setembro de 1764, sendo elevado por D. José I à dignidade de príncipe de sangue com tratamento de alteza e recebendo nessa ocasião valiosos presentes, que consistiram em 6 canhões de ouro pesando cada um 32 libras montados em reparos de ébano chapeados de prata, um botão e uma presilha de brilhantes. Recebe também um par de pistolas profusamente ornamentadas, uma das quais se encontra em exposição no Museu Militar de Lisboa.

4. O sistema defensivo

A Linha Defensiva das Talhadas-Moradal é criada no âmbito da Guerra dos Sete Anos (1756 – 1763), em 1762, por ordem do Marechal-General Conde de Schaumbourg-Lippe, estratega contratado para comandar as forças portuguesas contra o invasor. Estabelece o quartel-general em Abrantes (considerada uma porta para Lisboa no corredor da Beira Baixa) e decide fortificar as serras das Talhadas e do Moradal, para onde se dirigia o invasor, utilizando os pontos dominantes das serras. Arquitecta assim uma linha

defensiva com aproximadamente 50 km de extensão, entre o Tejo e o Zêzere, constituída por diversos tipos de redutos, aproveitando as formações naturais do terreno e criando obstáculos que dificultavam a progressão do invasor.

Todavia, esta é apenas a primeira linha de um sistema defensivo muito mais complexo. Uma segunda e uma terceira linhas são traçadas em torno de Abrantes, de forma a gozar os intentos do invasor ou a permitir uma retirada em segurança.

Temos assim uma segunda linha designada como *Linha de Castello Velho a Milriça* (Castello Melhor & Cardoso, 1810), onde se encontram referenciadas seis baterias.

“Esta linha apoia a direita na Montanha de Castello Velho e corre sobre as outras de muita inacessibilidade até à Serra de Santo Antão vem depois pela Serra d’ Amendoa, que he muito accesivel até S. Miguel, donde se dirige por huma sucessão de colinas, humas vezes na frente, outras na retaguarda da estrada q. vem de Castello Branco, Sobreira Formosa e vai apoiar a esquerda na Serra da Milriça” (Castello Melhor & Cardoso, 1810, p. 452).

Uma terceira linha designada como *Linha de São Domingos* (Castello Melhor & Cardoso, 1810), onde se encontram referenciadas duas baterias, atrás da qual se encontrava acampado o grosso do Exército Luso-Inglês e onde se reuniram todos os corpos militares em retirada.

“Apoia a Esquerda sobre as margens do Codes que são muito escabrosas, na confluência deste rio com o Zezere e vai sobre ellas até S. Domingos, fazendo

huma curva concava a respeito das posições que o inimigo pode tomar na frente passa por dentro do povo e tomando depois as Serras de S. Tiago, Magos, Alcravella, Santa Clara, Chan, Lercas, e o Monte que com esta faz a garganta por onde passa o Rio Frio, apoia a direita na confluência de Rio Frio, Coadoiro, e Tejo” (Castello Melhor & Cardozo, 1810, p. 453).

As segunda e terceira linhas seriam maioritariamente preenchidas por contingentes de infantaria, dispostos em pontos estratégicos, estando a artilharia sobre as principais vias para Abrantes.

Para além destas, é delineada uma quarta linha ao longo do rio Zêzere, como último recurso para impedir o avanço dos invasores sobre Lisboa. Trata-se da *Linha do Zêzere*, na qual são referidas baterias em todos os pontos onde seria mais fácil a travessia do rio. Encontraram-se até à data menções a seis baterias, uma das quais é identificada na Carta Arqueológica de Tomar (Batata, 1997, n.º 124), como sendo da época das Invasões Francesas. A nosso ver esta possibilidade é errónea (é muito usual na tradição popular atribuir à época dos franceses todo este tipo de estruturas), dado que apenas a 1.ª invasão se dá por esta via e não houve qualquer intenção de travar o invasor, aliás, as ordens eram recebê-los sem disparar um tiro. Deste modo, a linha deverá ter sido projectada e os redutos construídos em 1762 e 1801, ainda que seja possível terem sido construídos outros redutos entre esses anos.

“Para aumentar mais os obstáculos nas passagens do Zêzere, o conde de Lippe, mandou para lá três a quatro batalhões em postos repassados e fortificados junto das suas margens [do Zêzere] em Dornes, Rio Fundeiro,

Ponte Cabril, Foz d’Alge, e em todas as mais partes onde havia possibilidade de passar. Fez igualmente estabelecer bateria em lugares vantajosos, tornando, a par disto, mais escarpadas as margens do rio por toda a parte por onde se via aparência de poder ser praticável. Também mandou estabelecer uma cadeia de postos sobre a margem meridional do Tejo, para segurar a comunicação com Mr. de Burgoyne [que se encontrava na margem sul do Tejo em Porto do Tejo], sendo mui conveniente deixá-lo em sua posição” (Soriano, 1876, p. 90).

“Foi encontrar [Junot em 1807, na travessia do Zêzere em Punhete – agora Constância], na margem direita, os restos dos redutos construídos em 1801 e que, se estivessem guarnecidos com portugueses decididos a defenderem Portugal, certamente teriam impedido a progressão do Exército Francês” (Silva, 1976, p. 102).

Temos assim um sistema defensivo projectado e mandado construir por Lippe em 1762, que passaremos a chamar Sistema Defensivo de Abrantes (Figura 2), que tem como intuito primordial servir de porta para o acesso a Lisboa, tendo sido utilizado e reorganizado entre 1762 e 1801.

Entre 1796 e 1801 as relações diplomáticas entre Portugal e Espanha encontram-se em crise, sendo cada vez mais óbvio para o governo português que se avizinhava uma invasão do país. Tal deveu-se à participação de Portugal nas campanhas da Catalunha e do Rossilhão, onde participou uma divisão auxiliar portuguesa que deu apoio ao Exército Espanhol, acabando este auxílio por colocar Portugal numa posição muito difícil quando Espanha e França puseram fim às hostilidades (no Tratado de Basileia, em 22 de Julho de

1795) e se tornam aliados (pelo Tratado de Santo Ildefonso, assinado em 18 de Agosto de 1796), em ambos os casos sem o conhecimento do governo português. Ficando Portugal em estado de guerra com a França, e consequentemente com a Espanha, a primeira pressiona a segunda para que Portugal integre a liga ofensiva que tinham estabelecido contra a Inglaterra, sendo a condição principal para obter a paz abandonar a aliança com a Inglaterra e fechar os portos aos navios ingleses. No caso de Portugal não aceitar as condições estava prevista a invasão, iniciando-se em 1797 a concentração do exército espanhol junto à fronteira. Terá sido neste período que são realizados reconhecimentos do sistema defensivo e construídos novos redutos, havendo referências aos reconhecimentos, como o realizado pelo Barão de Wiederhold entre Zezere e Serra da Estrella (Castello Melhor & Cardozo, 1810, p. 455) e a redutos que poderão ter sido construídos nesta época (idem, 1810, p.447).

Em 1801 dá-se a Guerra das Laranjas (considerada por alguns investigadores como a 1.ª invasão napoleónica), tendo a linha defensiva da Beira Baixa sido organizada e comandada pelo Marquês d'Alorna. Neste ano a Linha das Talhadas-Moradal é reestruturada e equipada com novas estruturas e construída uma estrada militar para facilitar as comunicações (a estrada do Marquês de Alorna). Contudo, a força invasora entra pela fronteira do Alentejo, não tendo os contingentes da Beira Baixa (milícias) participado na guerra.

Em 1807 a 1.ª Invasão Napoleónica entra por esta linha sem ser disparado um tiro, como ordenado pelo príncipe regente D. João (futuro D. João VI), pelo que as estruturas militares se encontravam despojadas de homens e armamento.

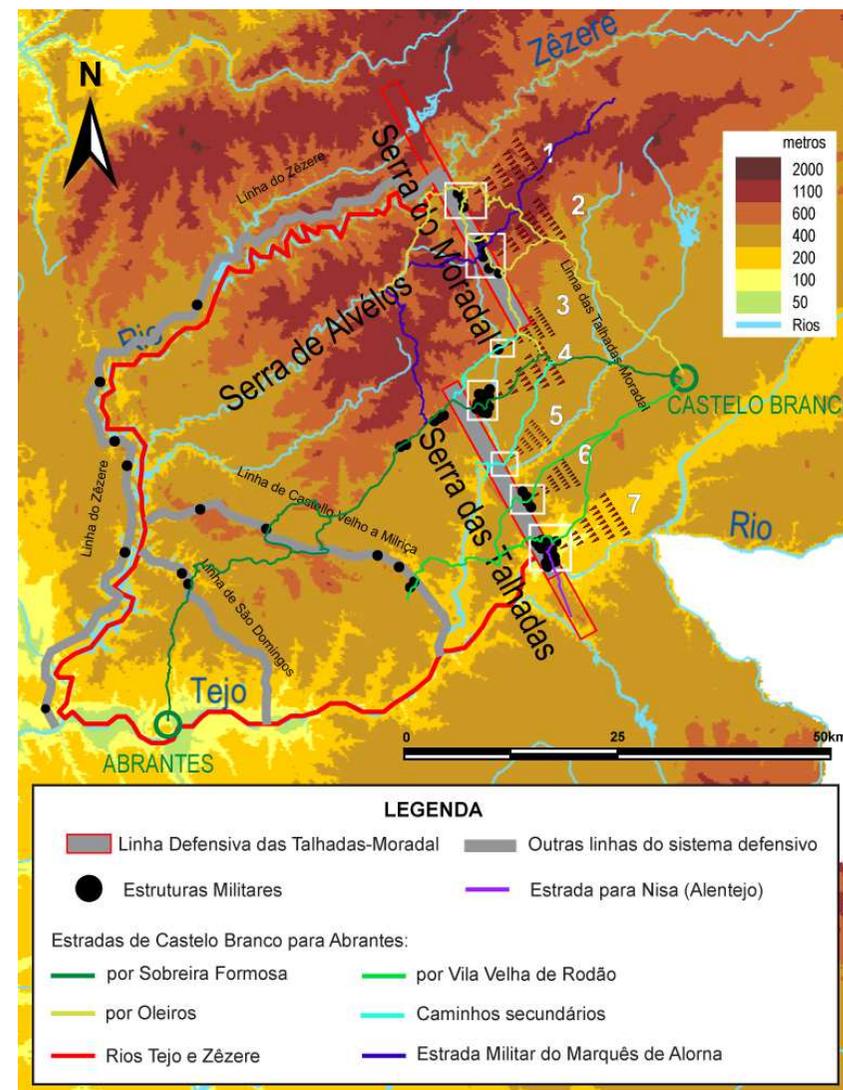


Figura 2. Linha das Talhadas Moradal no Sistema Defensivo de Abrantes. Sobre extracto de Mapa Hipsométrico de Portugal (adaptação de mapas temáticos disponíveis em www.guiadeportugal.pt). **Pontos de Passagem:** 1 - Orvalho (Moradal - Oleiros) / pedestre e viaturas; 2 - Cardoso (Moradal - Oleiros) / pedestre e viaturas; 3 - Sesmo (Talhadas e Moradal - Castelo Branco) / pedestre; 4 - Catraia (Talhadas - Proença a Nova) / pedestre e viaturas; 5 - Foz do Cobreão (Talhadas - Proença-a-Nova e Vila Velha de Rodão) / pedestre; 6 - Portela da Milhariça (Talhadas - Vila Velha de Rodão) / pedestre e viaturas; 7 - Porto do Tejo (Talhadas - Vila Velha de Rodão e Nisa) / pedestre e viaturas - travessia do rio.

Em 1810, ainda no âmbito das Invasões Napoleónicas (ou Guerra Peninsular) é feito o reconhecimento das linhas pelo Marquês de Castello Melhor e Manoel Jozé Dias Cardoso, tendo como objectivo reestruturá-las e reactivá-las. Tendo este relatório a data de 16 de Junho de 1810, é certo que o reconhecimento foi realizado no sentido de reactivar e ocupar o sistema defensivo em caso de necessidade e, certamente, em articulação com as Linhas de Torres Vedras, que estariam então numa fase final da sua construção (iniciada em 1809). A Terceira Invasão Napoleónica, sob o comando do Marechal André Massena, teve início em 23 de Julho de 1810 e terminou em 11 de Maio de 1811, todavia deu-se pelo Nordeste de Portugal (por Almeida), tomando o caminho de Coimbra e chegando as forças avançadas do Exército Francês defronte das Linhas de Torres Vedras no dia 11 de Outubro.

Possivelmente, terá sido após a derrota de Napoleão na Península Ibérica, em 1814, que o Sistema Defensivo de Abrantes é abandonado e não mais utilizado, tal como as Linhas de Torres Vedras.

Ambos os planos defensivos (de Abrantes e de Lisboa) revelam uma visão do terreno e um pensamento estratégico em tudo semelhantes. Em ambos se tira

partido da morfologia do terreno, aproveitando as condições de defesa natural que este facultava (o relevos das serranias, os rios, a costa Atlântica), fortificando regiões cujo ponto nevrálgico, Abrantes e Lisboa, se encontra na extremidade de um “triângulo”, protegido em ambas as faces pelas águas do Rio Zêzere, do Rio Tejo e da Costa Atlântica e fechado por fortificações, cuja função era estarem presentes em caso de necessidade, não tendo permanentemente um contingente militar nestas posições (Figura 3). Em ambos são construídas estruturas que controlavam as principais vias de circulação e apoiavam uma eventual retirada das tropas, servindo neste caso como obstáculos. Sendo para os nossos olhos uma estratégia lógica, à época foi inovadora e não atingível por muitas estratégias militares, pelo que cremos ser o projecto inicial das Linhas de Torre Vedras, possivelmente, da autoria do Conde de Lippe.

Segundo Gneisenau, um militar que foi aluno de Lippe, “a sua proposta sobre a defesa de Portugal, que foi enviada a Lisboa, contem passo a passo no maior pormenor, todas as medidas que mais tarde Lord Wellington lá tomou [as Linhas de Torres], cujas posições e movimentos não são mais que a execução dos dados e indicações de Lippe” (Brito, 2011).

Porém, o estudo do terreno em volta de Lisboa, com a finalidade de organizar posições defensivas que protegessem a capital do Reino e seus arredores, remonta, pelo menos, ao início do século XVII, surgindo num trabalho publicado em 1608 (http://pt.wikipedia.org/wiki/Linhas_de_Torres_Vedras) como sendo necessário implementar um sistema de defesa afastado de Lisboa.

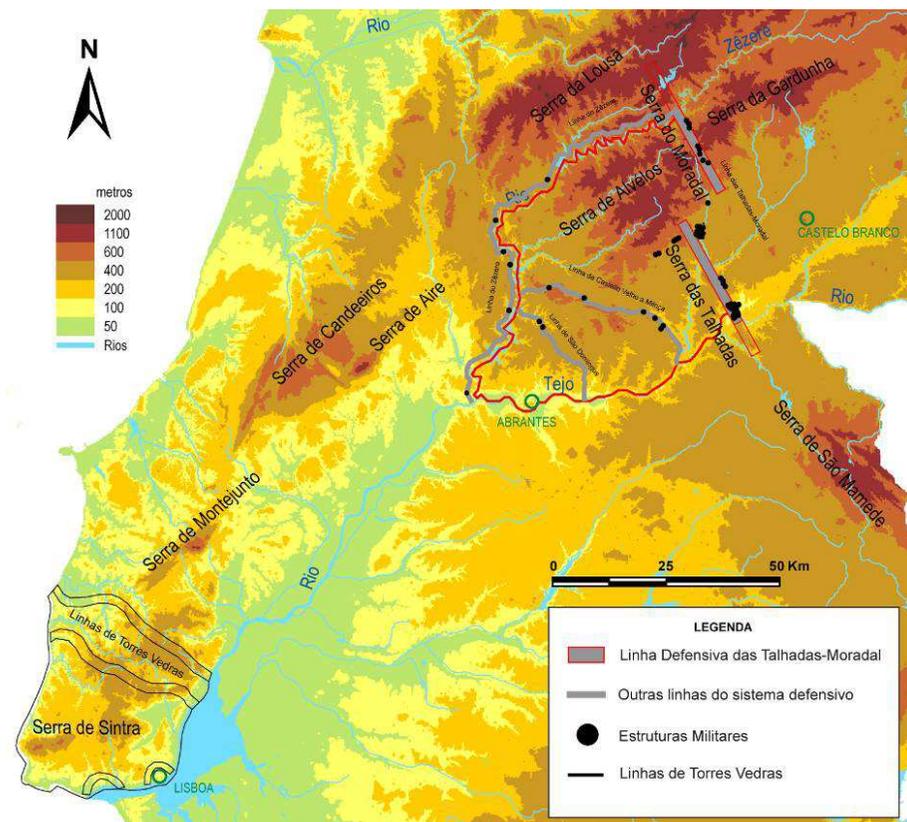


Figura 3. Sistema Defensivo de Abrantes e Linhas de Torres Vedras sobre extracto de Mapa Hipsométrico de Portugal (adaptação de mapas temáticos disponíveis em www.guiadeportugal.pt).

Em 1807, Junot encarregou o coronel de engenharia Vincent de estudar a defesa de Lisboa, onde participou o Major de Engenharia José Maria das Neves Costa, do Exército Português. Após a evacuação do exército francês as

autoridades portuguesas decidem fazer um levantamento topográfico que servisse de base à defesa de Lisboa, tendo também aqui participado o Major Neves Costa. Todavia, estes trabalhos ficaram muito incompletos. Possivelmente o Major Neves Costa terá tido acesso ao projecto de Lippe, ainda que não o refira, todavia, queixa-se de não lhe serem atribuídos os devidos créditos: “10.º A maior parte das posições fortificadas pelos engenheiros britânicos, foram do numero daquellas indicadas na minha memoria. No anno de 1810, vários membros da regencia e o secretario da guerra, tiveram a franqueza de confessarem verbalmente, que as idéas do general em chefe, concordavam com aquellas, que eu havia enunciado a respeito das posições mais proprias para defeza da capital. Porém quando no fim do mesmo anno a experiência justificou as extraordinarias vantagens de tão feliz projecto, não constando no publico a precedencia honrosa, que eu havia tido em o propôr e indicar ao governo, fiquei excluído da parte de gloria que me competia, e que toda recahio sôbre o general em chefe, e sôbre os engenheiros britânicos a quem o publico vio executar o dito projecto.

11.º Quando em 1810 o nosso exercito chegou ás linhas, se apresentou no archivo militar o Capitão Dickinson, com um officio do Coronel Fletcher, datado de 26 de Outubro, em que autorizado por Lord Wellington, pedia a carta do terreno visinho a Lisboa. Foi-lhe entregue pelo major, hoje Coronel Franzini, uma perfeita cópia da minha carta, a qual o dito capitão affirmou que daria mais satisfação ao general em chefe, do que recebesse naquella occasião um reforço de 4000 homens” (Geraldo, 2009).

Após a Batalha de Talavera, Arthur Wellesley (duque de Wellington), então comandante do Exército Anglo-luso, examinou com o Coronel Richard Fletcher

os documentos que já existiam sobre a defesa de Lisboa, tendo estes percorrido as principais posições que eram indicadas para a sua defesa. Após o reconhecimento do território foi escolhido o local de implantação de uma linha de defesa entre o Tejo (cuja margem sul também é fortificada) e a costa Atlântica (planeada como sendo a primeira linha, acabou por ser considerada a segunda), uma linha em torno do Forte de S. Julião da Barra (esta com o único objectivo de proteger a retirada do exército inglês, em caso de necessidade) e uma linha de defesa em torno de Lisboa, iniciando-se a sua construção em Outubro de 1809. A terceira linha (que veio a ser considerada a primeira linha do sistema defensivo) surge sem planeamento, devendo-se à demora do exército francês a iniciar a invasão, o que permitiu construir mais redutos entre os que se destinavam apenas a formar postos avançados.

Este sistema defensivo tem sido descrito como um dos segredos mais bem guardados da História Militar, dado que na Terceira Invasão Francesa, em 1810, as Linhas de Torres Vedras surpreenderam totalmente o exército de André Massena e impediram-no de atingir Lisboa, acabando por provocar a sua retirada de Portugal.

Tendo um exército inferior ao do invasor, o objectivo não seria dar batalha, mas sim impedir a passagem ou simplesmente atrasar e dificultar a progressão do invasor, dando tempo para a organização do exército defensor nos pontos onde este fosse mais necessário e a retirada de homens e equipamento em caso de necessidade.

Para conquistar o Reino era fundamental conquistar a sua capital, Lisboa, e capturar o Rei. Feito isto, todo o Reino se renderia. Havia que evitá-lo! Esta seria a premissa basilar de ambos os planos.

Se para as Linhas de Torres Vedras são conhecidas plantas pormenorizadas das fortificações e da sua localização, para o Sistema Defensivo de Abrantes tal não acontece, o que não concorda com os metódicos registos utilizados pelos militares, até porque eles foram utilizados e referidos posteriormente. Certamente que existem documentos nos arquivos de Lippe, em arquivos militares portugueses e estrangeiros ou mesmo em arquivos de outras instituições e privados (portugueses e estrangeiros). Há que encontrá-los, quer para tomar conhecimento e confrontar o que foi projectado e o que foi concretizado, assim como para esclarecer qual o papel de Lippe na autoria da Linhas de Torres Vedras, as quais Wellington executou e ampliou.

5. Forças e confrontos em 1762 na Linha das Talhadas-Moradal

Em 1762 as forças que cobriam a Beira Baixa encontravam-se sob o comando do Marechal de Campo Conde de Sampaio, possuindo ordens para conservar a posição pelo espaço de tempo que lhe fosse possível.

O exército invasor vê-se perante um sistema defensivo com excelentes condições, um terreno de difícil progressão e a necessidade de mandar vir de Espanha a logística essencial para o sucesso do seu avanço sobre Abrantes e, conseqüentemente, Lisboa.

“Com as forças do comando do Conde de Santiago, [Lippe] tenta barrar o acesso à região de Abrantes, defendendo as passagens do Rio Ocreza e das serras das Talhadas, de Alvéolos e de Muradal, já que só há duas penetrantes – uma que vai de Sarzedas, Alvito e Sobreira Formosa, na direcção geral do que é hoje a estrada de Castelo Branco, Proença-a-Nova, Abrantes; e outra, mais a Norte, que de Sarnadas de S. Simão se dirige à Sertã, por Oleiros” (Barrento, 2006, p. 69).

Contudo, é aqui esquecida uma terceira via que dava acesso não só a Abrantes como também ao Alentejo, referimo-nos ao Porto do Tejo, em Vila Velha de Ródão, onde se fazia a travessia do rio Tejo.

O Exército Espanhol avança, formando três corpos que se dispersam sobre os diversos pontos de passagem e toma posições defronte destas, com o intuito de organizar o ataque às forças defensoras, acampando no Campo de Sarnadas de São Simão, fronteiro às passagens de Orvalho e de Cardoso, no Campo da Serra de Sarzedas (onde o Conde de Aranda estabelece o quartel-general), de onde observava o Campo do Alvito (Catraia), no Campo de Sarnadas do Ródão, de onde tinha rápido acesso à Milhariça e a Vila Velha de Ródão, e no Campo de Vila Velha de Ródão, junto do Porto do Tejo. Dão-se os confrontos.

Em 3 de Outubro o corpo militar sob o comando do Marechal de Campo Conde de Sampaio é atacado por uma força espanhola sob o comando do Conde de la Torre.

Um corpo de cerca de 4.000 homens “posiciona-se na região de Sarzedas frente às posições de Alvito, ocupadas por unidades do Conde de Santiago [com cerca de 1.000 homens]. Uma outra força de 2.000 a 3.000 homens avança mais a Norte, pela estrada da Pampilhosa até à região de São Simão, na estrada para Oleiros [na Serra do Moradal] e que também está guarnecida com um batalhão [cerca de 300 homens]” (Barrento, 2006, p. 72).

O confronto do Alvito permaneceu ao longo dos anos na memória dos habitantes locais, passando a história de pais para filhos, conforme a ouviu e descreveu Francisco Henriques (Henriques, Caninas & Correia, 2002, p. 47). A memória popular regista referências a movimentos militares nesta zona e a um grande confronto militar na área da Catraia Cimeira “onde o sangue já chegava aos machinhos dos cavalos”.

Também em S. Simão as forças espanholas atravessam a Serra do Moradal, após um confronto onde segundo a legenda de um mapa de 1762 se refere que foram bastante fustigadas pelo fogo daquela posição. Diz assim: “Portas e Serra do Moradal, a donde o inimigo perdeu muito pelo fogo das nossas tropas ligeiras” (Pretorius, 1762).

A sul, no Porto do Tejo, Lippe colocou em Vila Velha de Ródão uma guarnição de cerca de 350 homens, comandados na posição defronte da vila pelo Tenente-Coronel Azevedo Coutinho e na do Castelo de Vila velha de Ródão pelo Tenente-Coronel João da Silva e Cunha. Na margem sul do Tejo, uma força Luso-Inglesa comandada pelo General Burgoyne fortifica-se nas alturas. O exército espanhol, sob o comando do Conde de Huesca, avança com um corpo de 6.000 homens sobre a passagem do Tejo conquistando as posições

na margem norte do Tejo, contudo, as forças luso-inglesas na margem sul impedem a travessia do rio.

Impossibilitados de se apoderarem da passagem do Tejo o Exército Espanhol reinicia a marcha e atravessa a Serra das Talhadas pela Foz do Cobrão (Porto Cabrão – estreita passagem pedestre que não estava fortificado), deixando um contingente com cerca de 300 homens acampado defronte de Vila Velha de Ródão, para vigiar os movimentos do General Burgoyne, e onde construíram uma bateria para fazer fogo sobre a posição na margem sul do rio Tejo.

As ofensivas sobre as frentes ameaçam a coesão do dispositivo do Exército Anglo-Português.

Perante a ameaça o Conde de Lippe ordena o reforço do corpo sob o comando do Conde de Santiago com dois batalhões e envia quatro regimentos de infantaria inglesa para região da Sobreira Formosa, ocupando a posição das Talhadas. “E, com elementos dos quatro regimentos ingleses das Talhadas, reforçados com sub-unidades dos batalhões e duas peças de artilharia, estabelece uma retaguarda. À medida que se retrai o nosso dispositivo, o inimigo recomeça o avanço com lentidão, devido às dificuldades do terreno e à resistência que as unidades do Exército Anglo-Português lhe oferecem” (Barrento, 2006, pp. 73-74).

Forçadas as passagens nas três frentes o Exército Luso-Inglês retira organizadamente pela vias estabelecidas (excepto o contingente da margem norte do Tejo, no Porto do Tejo, que foi aprisionado e levado para Alcântara), protegido pelos redutos e contingentes dispostos ao longo da linha de retirada

e pelas 2.^a e 3.^a linhas defensivas. Por ordem do Marechal-General Conde de Lippe todos os meios de subsistência que pudessem ser utilizados pelo inimigo no território por onde passava são destruídos. Em simultâneo são reforçados os contingentes militares nas praças-fortes e nas linhas para onde o inimigo se dirigia, outras forças ligeiras atacam as linhas de abastecimento das forças espanholas, a norte, e atacam Valência de Alcântara, a sul, confundindo e dificultando a progressão do invasor, que teme serem destruídas as vias de abastecimento, sem as quais o sucesso da invasão estaria condenado e poderia causar a aniquilação do próprio exército.

A estratégia de Lippe, alicerçada numa guerra de desgaste que ameaçou constantemente o exército invasor com movimentações do Exército Luso-Inglês, resultou num êxito, obrigando o numeroso exército espanhol a recuar e a propor uma trégua de armas em 22 de Novembro de 1762, pondo-se fim à guerra em 10 de Fevereiro de 1763 no Tratado de Fontainbleu (Nunes, 2002).

6. A Linha das Talhadas-Moradal após 1762

Dos redutos construídos em 1796-97 muito poucos elementos se obtiveram. Sabe-se que após a participação da divisão auxiliar portuguesa nas campanhas da Catalunha e do Rossilhão, e perante as prováveis hostilidades com Espanha e França, havia um esforço de modernização do exército português.

Porém, relativamente ao Sistema Defensivo apenas há uma menção à possível construção de um reduto nesta data na Linha das Talhadas-Moradal, na posição do Porto do Tejo. Trata-se de um melhoramento na Bateria da Achada (ou da Praça), referido no relatório de Castello Melhor & Cardoso (1810), que descreve assim: “[...] está assestada a hum parapeito construído em 96, ou em 801, [...]”. Actualmente, desconhecemos se outros redutos foram melhorados ou construídos de raiz, ainda que tal pareça provável.

Em 1801, no âmbito da Guerra das Laranjas encontram-se referências à existência das estruturas militares na posição da Catraia bem como à construção de novos redutos, o que poderá ter implicado a reestruturação e reutilização dos existentes.

Sabe-se que o Marquês de Alorna elaborou o “Plano e Disposições para a defesa da fronteira entre Tejo e o Douro, desde Vila Velha até ao Escallão”. Tendo então realizado o seguinte relato: “Desde Villa Velha até ao Zêzere corre uma cordilheira de montanhas, que oferece só dois pontos de ataque, como já disse em outra ocasião, e vem a ser as Talhadas, e a posição formidável de Sam Simão – a primeira vai ser fortificada com redutos, a segunda tem força natural, [...]” (Henriques, Caninas & Correia, 2002, p. 53).

Na hipótese das forças invasoras entrarem pela Beira Baixa foi também esta região ocupada por uma força militar estacionada ao longo da fronteira das Beiras. “Na zona compreendida entre o Douro e o Tejo, o total perfazia uma força de 30 mil homens, sendo 14 mil de infantaria de linha, dois mil de cavalaria, dois mil de artilharia e 12 mil milícias” (Vicente, 2007a, p. 25). Força esta que não interveio no conflito que se travou integralmente no Alentejo.

Relativamente à Invasão Peninsular de 1807, cujas forças invasoras entraram em Portugal atravessando esta região da Beira Baixa (um exército francês com cerca de 26000 homens e 38 canhões e um Exército Espanhol com cerca de 27000 homens e 30 peças de artilharia, comandados por Junot) não se encontraram menções à fortificação e ocupação da posição da Catraia. O que se compreende dadas as ordens régias para não se disparar um tiro. Porém, são diversas as referências a esta posição defensiva aquando da passagem do exército francês por ela (como anteriormente referido).

O próprio Junot escreve a Napoleão reconhecendo que o caminho até Abrantes é muito mau e as vias quase intransitáveis. O penoso percurso é feito sob chuva intensa perdendo-se equipamento e homens (cerca de duas centenas) na sua travessia. O General Thiébault, chefe do Estado Maior do Exército Francês, declara no seu relatório apenas a perda de um cofre de munições e uma única viatura com o seu equipamento (possivelmente uma peça de artilharia), que se teriam despenhado nas íngremes encostas da estrada que atravessa do Alvito para a Catraia e por lá terão ficado abandonados (Silva, 1976, p. 99). O que na opinião de Martins Silva poderá tratar-se de uma tentativa de minimizar as dificuldades sentidas e perdas sofridas.

É de destacar ainda a seguinte passagem de Martins Silva, na qual refere as fortificações das Talhadas e o reconhecimento do seu potencial defensivo por um oficial francês, ainda para mais quando o seu exército se encontrava impotente caso se desse um confronto: “Passado o fortim das Talhadas – uma das sete fortificações que defendiam o “desfiladeiro das Talhadas” – o General Thiébault não pode deixar de comentar “et chacun fut frappé de l'idée que, si

deux mille hommes nous y avaient attendus, nous l'eussions point passé, et l'armée eût été perdue" (Silva, 1976, p. 100).

Conforme se encontra descrito na narração de Martins da Silva (Silva, 1976, p. 100) acerca da Invasão Francesa de 1807: "No alto da Serra das Talhadas, à cota de 370m, os franceses esbarraram com o fortim que o Marquês de Alorna, em 1801, mandou construir, certamente com vista a bater os caminhos de acesso ao colo da Venda. Ainda hoje se podem ver as ruínas dessa pequena fortificação passageira, um quadrado de 20 x 20 m, de paredes de terra batida revestida, nalguns pontos, a pedra, com um ligeiro fosso proveniente do movimento de terras tendo, na face Sul, descentrada, uma pequena ponte maciça e a entrada, esta relativamente estreita."

Segundo o mesmo autor: "A tradição refere que, durante muitos anos, esteve abandonado na região do Alvito um canhão "que pertencera aos franceses" [situação também relatada por Tavares Proença Júnior] e que já neste século, fora levado para Castelo Branco, ficando a ornamentar o quartel do então Regimento de Obuzes de Campanha (1917-1926). Efectivamente, no edifício do extinto quartel do Regimento de Cavalaria 8 encontra-se uma peça em ferro, aparentando ser do final do século XVII mas em muito bom estado de conservação, sem quaisquer legendas a não ser ter gravado, no topo dos munhões, uma pequena águia e um "F". Estes sinais talvez tivessem originado a crendice que era uma peça francesa, o que não corresponde à verdade. (O canhão que se encontra no Antigo Regimento de Cavalaria 8 é de ferro o que leva, à priori, a excluir a ideia de ter pertencido ao Exército Francês, que somente estava dotado de peças de bronze. Pelas suas características deve tratar-se de um dos canhões que, em 1641 foi enviado da Suécia, sendo

conhecido pelo nome de "Finbanker", modelo típico da fundição de Finspong. Este canhão talvez tivesse sido uma das 10 bocas de fogo, de ferro, que guarnecia um dos sete redutos da posição das Talhadas.)" (Silva, 1976, p. 99).

7. As estruturas da Linha Defensiva das Talhadas-Moradal.

Levantamento

Relativamente às fontes documentais consultadas que fornecem mais dados sobre a Linha das Talhadas-Moradal, até à data as principais reportam para um relatório de reconhecimento do estado em que se encontravam as posições defensivas da Beira Baixa e das disposições a fazer para as deixar de prontidão na eventualidade de uma invasão, realizado em 1810 pelos Ajudantes de Campo Marquês de Castello Melhor e Manoel José Dias Cardoso (Castello Melhor & Cardoso, 1810) e um mapa de 1762 (Figura 4) que indica a localização de redutos e da disposição das forças militares (Pretorius, 1762).

Este valioso relatório atribui nomes a todos os redutos existentes, possivelmente teriam em sua posse cartografia idêntica à de 1762, contudo raramente nos é possível identificar com grau de certeza satisfatório a estrutura e a denominação que lhe pertence.

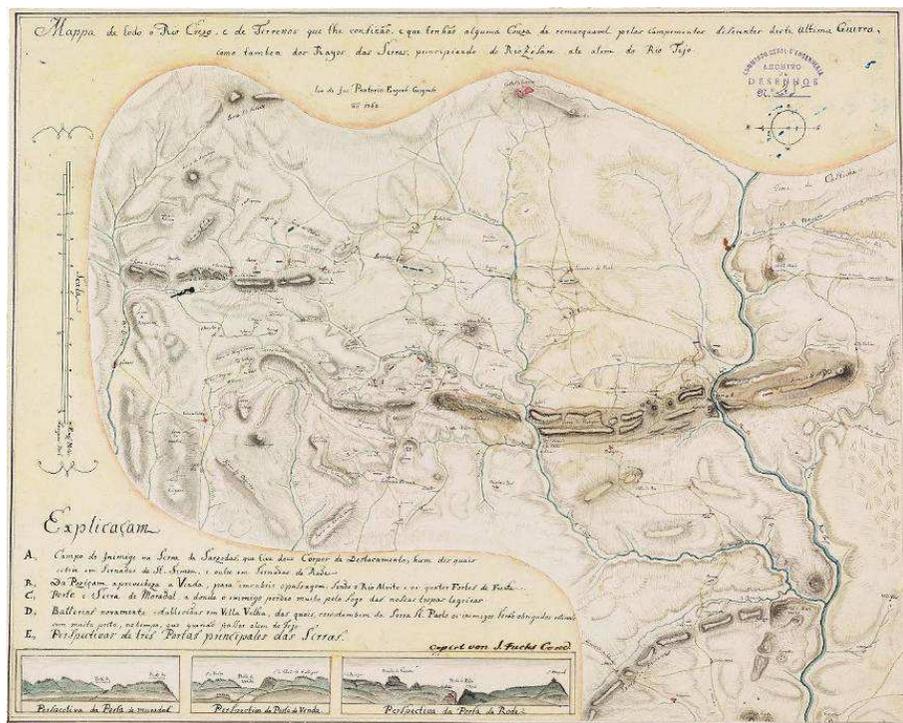


Figura 4. Mapa de 1762 - PRETORIUS, Jacob Crisóstomo (1762): *Mapa de Todo o Rio Creza e de Terrenos que lhe confinão, e que tenham alguma couza de remarquavel pelos Campamentos diferentes deste ultima Guerra, como também dos Rayos das Serras, principiando do Rio Zefare ate alem do Rio Tejo*, 1762. Referência 3665/I-3-33-45, DIE, Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar.

Muitas destas estruturas ainda são visíveis no terreno e boa parte delas já foi reconhecida, principalmente nos concelhos de Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Nisa. Há agora que arranjar meios e apoios para localizar as que ainda não foram encontradas, estudar e preservar toda a Linha Defensiva das Talhadas-Moradal (assim como do sistema defensivo que integra), um sistema

de extrema importância nos séculos XVIII-XIX que se encontra ameaçado pela construção de estradas e de caminhos rurais, pelo corte e arrasto de madeira, pela florestação e pelo esquecimento.

As estruturas identificadas no âmbito de trabalhos de prospecção, mesmo que tenham sido em campanhas anteriores da responsabilidade de Francisco Henriques e João Carlos Caninas, e na pesquisa documental, encontram-se abaixo descritas em fichas específicas, tendo sido realizado nesta fase um levantamento pormenorizado de algumas destas estruturas.

Tendo já sido identificadas diversas estruturas militares que não se encontram referidas em nenhuma das fontes consultadas, é provável que muitas outras no género existam, ou tenham existido. Nuns casos trata-se de estruturas que poderemos considerar secundárias, uma vez que a sua função seria proteger os flancos e a retaguarda dos redutos onde se encontrava posicionada a artilharia. Noutros, são entrincheiramentos que protegiam a linha de retirada ou que simplesmente protegiam o local de acampamento de um contingente militar.

Relativamente às fichas de sítio, que abaixo se apresentam, estas encontram-se separadas por concelhos, sendo antecedidas por observações e transcrições retiradas das fontes consultadas. Adoptaram-se os seguintes atributos:

Nº = referência de inventário utilizada na cartografia e nas fichas de inventário, sendo designadas por um número seguido de uma letra: **O** = Oleiros; **P** = Proença-a-Nova; **V** = Vila Velha de Ródão e Nisa.

Data = corresponde ao ano de observação.

Carta Militar de Portugal (CMP) = nº da folha na escala 1:25.000.

Altitude = obtida a partir da CMP, em metros (m).

Topónimo ou Designação = nome atribuído à ocorrência ou ao local onde se situa.

Categoria = distinção entre arqueológico, arquitectónico, etnológico, construído e outros atributos complementares (hidráulico, civil, militar, artístico, viário, mineiro, industrial, etc).

Tipologia = tipo funcional de ocorrência.

Cronologia = indica-se o período cronológico, idade ou época correspondente à ocorrência. A aplicação do sinal “?” significa indeterminação na atribuição cronológica. A indicação de vários períodos cronológicos separados por “,” tem significado cumulativo.

Classificação = imóvel classificado ou outro tipo de protecção, decorrente de planos de ordenamento, com condicionantes ao uso e alienação do imóvel.

Valor cultural = hierarquização do interesse patrimonial da ocorrência no conjunto do inventário de acordo com os seguintes critérios: Elevado (5): Imóvel classificado (monumento nacional, imóvel de interesse público) ou ocorrência não classificada (sítio, conjunto ou construção, de interesse arquitectónico ou arqueológico) de elevado valor científico, cultural, raridade,

antiguidade, monumentalidade, a nível nacional. Médio-elevado (4): Imóvel classificado (valor concelhio) ou ocorrência (arqueológica, arquitectónica) não classificada de valor científico, cultural e/ou raridade, antiguidade, monumentalidade (características presentes no todo ou em parte), a nível nacional ou regional. Médio (3), Médio-baixo (2), Baixo (1): Aplica-se a ocorrências (de natureza arqueológica ou arquitectónica) em função do seu estado de conservação, antiguidade e valor científico, e a construções em função do seu arcaísmo, complexidade, antiguidade e inserção na cultura local. Nulo (0): Atribuído a construção actual ou a ocorrência de interesse patrimonial totalmente destruída. Indeterminado: Quando as condições de acesso ao local, a cobertura vegetal ou outros factores impedem a observação da ocorrência (interior e exterior no caso das construções).

Posição v. Projecto = indicam-se as relações de proximidade em relação ao traçado da linha defensiva.

Distrito. Concelho. Freguesia. Lugar = local habitado mais próximo.

Proprietário = identificação do(s) proprietário(s).

Morfologia do terreno = indica a posição da ocorrência face à topografia do terreno (afloramento; encosta; cumeada; socialco; aluvião, terraço; planalto; planície; linha de água; escarpa; chã; vale; outros).

Fontes Documentais (ou de informação) = bases de dados, bibliografia, cartografia, manuscritos, informação oral, instrumento de planeamento, base

de dados ou de outro tipo. Também se indica a fonte de informação utilizada quando não tem origem na CMP por aproximação espacial.

Caracterização = caracterização da ocorrência em termos de localização, características construtivas e materiais utilizados, dimensões e registo fotográfico.

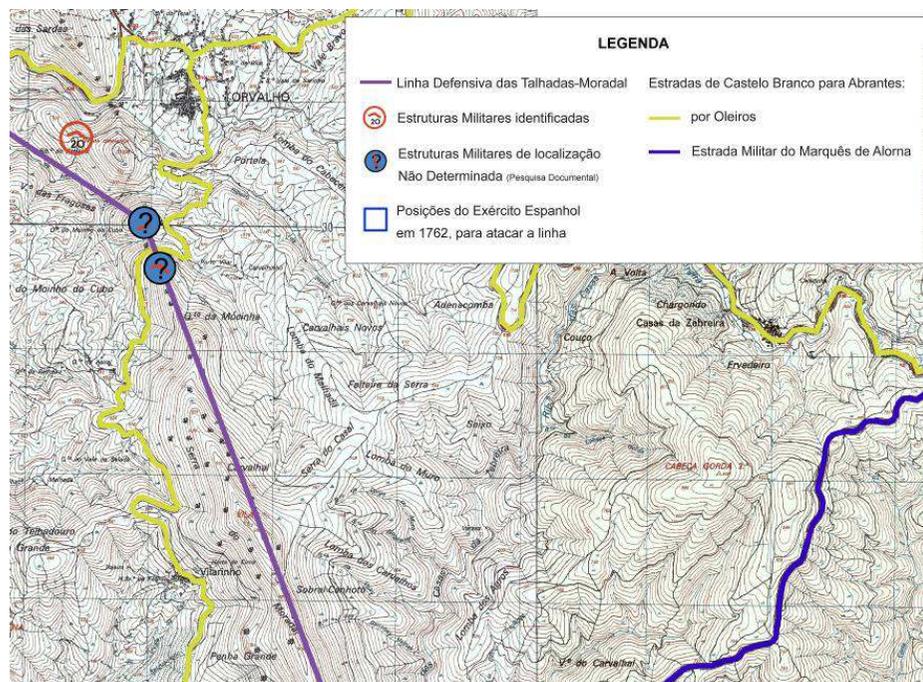


Figura 5. Redutos militares em Orvalho, referidos nas fontes documentais e redutos identificados em prospeção. Sobre extracto das Cartas Militares de Portugal, Esc. 1:25.000, Folhas 266,267, 278 e 279.

Concelho de Oleiros

Posição de Orvalho

“Neste posto há trez gargantas formadas entre a Serra de Vilar, Cabeço das Cruzes, Cabeço Murado, e Serra do Masqueiro, para as guarnecer há trez baterias com quatro peças a saber: a do Cabeço das Cruzes, e do Cabeço Murado, e a das Águas-Altas, para baterem duas estradas, que da do Marquez da Alorna, se dirigem por aquelle ponto para Cambas, e para o Estreito, [...]” (Castello Melhor & Cardoso, 1810, p. 450).

Esta é a posição que se encontra mais a Norte na linha defensiva, tendo sido, até à data, identificada em campo apenas a Bateria do Cabeço das Cruzes (Figura 5). Possivelmente próximo desta posição existirão redutos na margem Norte do rio Zêzere, integrando a Linha do Zêzere.

Nº: 20

Designação: Bateria do Cabeço das Cruzes **Tipologia:** Bateria **Cronologia:** 1762 / 1801? **CMP:** 266 **Altitude:** 498m **Morfologia:** Encosta **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Oleiros **Freguesia:** Orvalho **Lugar:** Orvalho **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Núcleo Fortificado de Orvalho.

Fontes documentais: informação cedida por Sr. António Ramos Antunes (pai do prof. Fernando Lima); Sr. Paulo Brás (Presidente da Junta do Orvalho) e Fernando Lima, habitantes de Orvalho. Castello Melhor & Cardoso (1810); Monteiro (2012).



Caracterização: Colo de cumeada com revestimento arbóreo de pinhal denso e cobertura arbustiva igualmente densa que impede a interpretação correcta da estrutura.

Estrutura de planta rectangular (3,5 m x 7 m; medidas exteriores) em alvenaria de quartzito com cerca de 40 cm de altura e 70 cm de espessura de parede, onde dizem que “os militares se escondiam”. Segundo a tradição daqui bombardeariam a via que ia para Coimbra e que passava na encosta em frente, a Norte deste lugar.

Ainda não foi realizado o levantamento da estrutura no âmbito do Projecto.

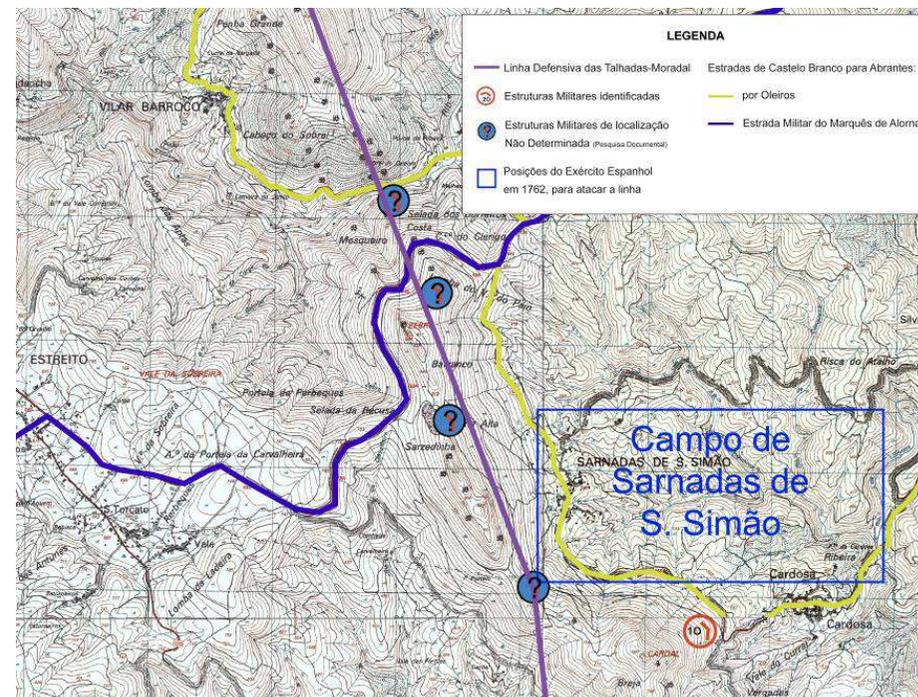


Figura 6. Redutos militares na Cardoso, referidos nas fontes documentais e redutos identificados em prospecção. Sobre extracto das Cartas Militares de Portugal, Esc. 1:25.000, Folhas 266,267, 278 e 279.

Posição da Cardoso

“Este posto he digno de muita atenção pela sua fortaleza, passão por elle duas Estradas, huma muito bôa que vem do Fundão, mandada construir pelo Marquez d’Alorna; outra que vem de Castello Branco; há nele quatro Baterias

bem colocadas a saber: a da Cardoza, a da Portella do Muradal, e de Santa Barbara, que batem a estrada de Castello Branco com os seu diferentes ramos, e esta ultima também bate a estrada do Marquez d'Alorna, que ao mesmo tempo he batida pela de Valle de Payo, estas Baterias são guarnecidas com seis peças de Artilheria; há huma quinta Bateria chamada de Santo Antonio para bater hum caminho de pouca consideração, que vem de Orvalho passar entre as Serras de Muradal, e Vilar da qual se não tirão grandes vantagens como adiante diremos” (Castello Melhor & Cardoso, 1810, p. 449).

Possivelmente terá sido aqui que se deu o confronto da *Porta e Serra do Moradal*. Até à data, foi identificada em campo apenas a Bateria da Cardoza (Figura 6).

Nº: 10

Designação: Bateria da Cardoza **Tipologia:** Bateria **Cronologia:** 1762 / 1801? **CMP:** 279 **Altitude:** 630m **Morfologia:** Encosta **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Oleiros **Freguesia:** Sarnadas de S. Simão **Lugar:** Cardosa **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Núcleo Fortificado de Cardosa/Sarnadas de S. Simão.

Fontes documentais: informação cedida pelos Senhores Anjos Tavares e Leonel Azevedo. Castello Melhor & Cardoso (1810), pp. 445-456; Monteiro (2012).



Caracterização: Área de pinhal denso com matagal (urze e carqueja) com 1 metro de altura e manta morta espessa. Há cerca de 50 anos esta área era semeada de centeio.

A bateria está implantada no enfiamento do caminho que sobe a encosta da serra do Moradal, passando pelo interior da aldeia da Cardosa. Actualmente observa-se um desnível (talude) com cerca de 2 a 2,5 m de altura. O talude, linear, observa-se em 15 metros, mas dizem ter sido maior, destruído pela preparação das terras para o centeio. Após a limpeza é possível que se

observe numa maior extensão. A área interior da bateria está completamente entulhada.

Dizem os populares que daqui se defendiam os portugueses dos franceses que estavam no Cabeço da Louça.

Ainda não foi realizado o levantamento da estrutura no âmbito do Projecto.

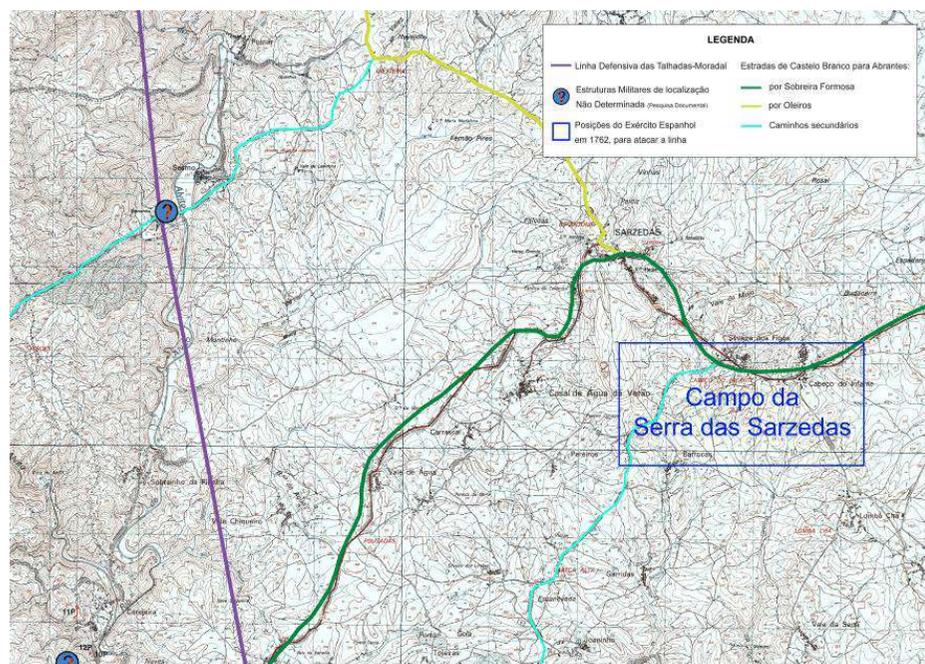


Figura 7. Redutos militares no Sismo, referidos nas fontes documentais. Sobre extracto das Cartas Militares de Portugal, Esc. 1:25.000, Folhas 279 e 291.

Concelho de Castelo Branco

Posição do Sismo

“Huma Legua na frente da Linha de Talhadas ao Muradal está a Bateria do Serno, guarnecida com huma peça que bate hum caminho de carro q. por aquelle ponto se dirige para as Serras; [...]” (Castello Melhor & Cardoso, 1810, p. 449).

Nesta posição ainda não se realizaram trabalhos de prospecção (Figura 7).

Concelho de Proença-a-Nova

Posição da Catraia (ou da Venda, ou Campo do Alvito)

“Para defender esta posição há sette reductos guarnecidos com doze peças de Artilheria, duas das quais são de bronze, montadas em reparos de Campanha, trez destes reductos a saber: do Carmo, S.to António, e Conceição. Estão bem colocados, batendo de enfiada a estrada que vem de Castello Branco até às margens do Alvito, e ao mesmo tempo a margem esquerda deste rio em diferentes sentidos, de maneira que cruzão os tiros eapresentão duas linhas de fogo ao inimigo: as de S.ta Barbara, S. Jorge, e S. Pedro batem a Estrada de Castello Branco, talvez na distancia do seu máximo Alcance, tomando depois aenfiada muito à quem do rio em huma pequena porção já no alcance de metralha, e o de S. Braz bate também muita à quem do Alvito huma pequena porção de huma estrada de carro, que apartando-se da Estrada Real o vem passar ao pé da Cerejeira: esta Estrada foi mandada cortar em 1762

pele Marechal Lippe e também agora o está; mas como ella he batida só àquem do rio o inimigo pode passá-la impunemente, e involver as outras Baterias evitando o Corte” (Castello Melhor & Cardoso, 1810, p. 448).

Nesta posição, também designada nas fontes como sendo a da Venda ou o Campo do Alvito, deu-se o confronto do Alvito.

Segundo a informação oral, fornecida por vários habitantes locais, no vale que se localiza a Sul deste núcleo – com o microtopónimo de *Cova da Espanhola* – foram enterrados soldados franceses (que bem poderão ser portugueses e/ou espanhóis). O que tem lógica uma vez que é um pequeno vale agrícola (e único nas proximidades) que possui uma camada de solo (depósitos de vertente) com potência suficiente para abertura de uma vala, sendo toda a envolvente composta por solos esqueléticos e rocha.

Até à data, foram identificadas em campo doze estruturas militares, o corte na estrada que passa próximo da Cerejeira e os trilhos desta, trilhos da Estrada de Castelo Branco e a estalagem que ali a servia e trilhos de uma via que passava no monte onde se encontra o Forte do Couratão (Figura 8). Porém, existem outras estruturas assinaladas na cartografia ou fornecidas por fontes orais que ainda não foram identificadas no terreno.

Segundo informação do Sr. José Dias Caetano, habitante da Cerejeira, caçador e bom conhecedor de todos estes terrenos, existem mais duas baterias na encosta (estruturas pequenas e arredondadas), para além das já localizadas devendo uma delas ter sido destruída pelo cruzamento de caminhos recentemente abertos.

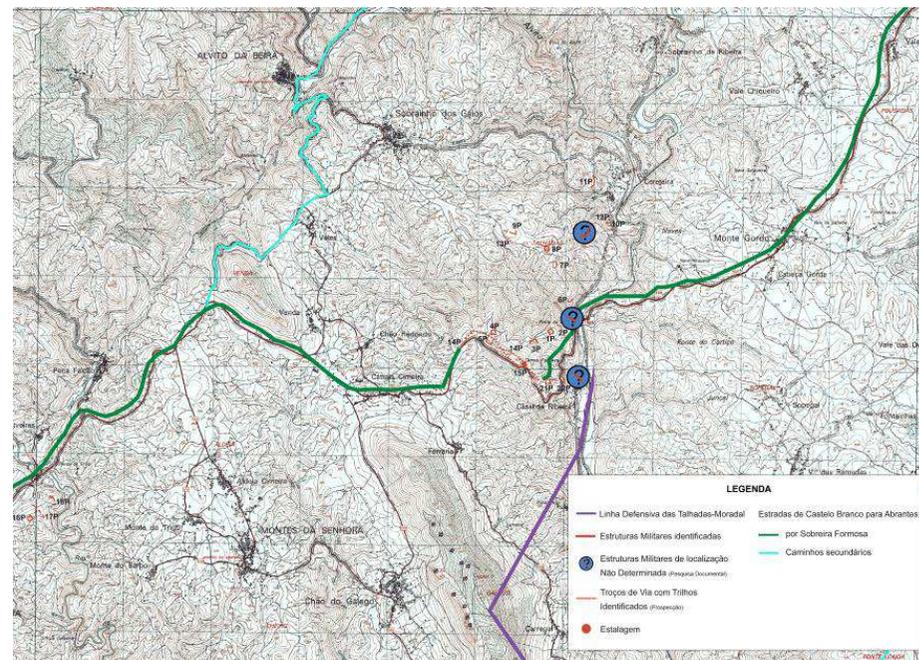


Figura 8. Redutos militares na Catreia, referidos nas fontes documentais e identificados em prospekção. Sobre extracto das Cartas Militares de Portugal, Esc. 1:25.000, Folhas 290 e 291.

Os redutos que defendem a passagem da portela, localizados a Este desta sobre a Ribeira do Alvito estão associadas a vias de circulação, encontrando-se as posições em pontos estratégicos com o objectivo de obstruir e dificultar o avanço do invasor. Integram um núcleo defensivo construído no séc. XVIII e, aparentemente, reestruturado e ampliado ao longo do séc. XIX, sendo composto por diversas estruturas militares (de diferentes tipologias e finalidades).

Na cartografia de 1762 (Pretorius, 1762) encontram-se assinalados dez redutos, sendo 1801 a única data em que se refere aqui a construção de novos redutos por ordem do Marquês de Alorna que “[...] fortificou a posição das Talhadas com três redutos e outros entrincheiramentos [...]” (<http://www.arqnet.pt/dicionario/alorna3.html>: Alorna (D. Pedro de Almeida Portugal, 5.º conde de Assumar, 3.º marquês de Alorna).

Provavelmente esta informação também estará relacionada com a reutilização e reestruturação de algumas das estruturas existentes desde 1762.

Um desses redutos poderá ser o Forte do Couratão, os outros, uma bateria que está na encosta virada para o Alvito e uma trincheira que cobre a sua retaguarda, sendo o forte assim descrito: “No alto da Serra das Talhadas, à cota de 370 metros, os franceses esbarraram com o fortim que o Marquês de Alorna, em 1801, mandou construir, certamente com vista a bater os caminhos de acesso ao Colo da Venda. Ainda hoje se podem ver as ruínas dessa pequena fortificação passageira, um quadrado de 20 x 20 m., de paredes de terra batida revestida, nalguns pontos, a pedra, com um ligeiro fosso proveniente do movimento de terras tendo, na face sul, descentrada, uma pequena ponte maciça e a entrada, esta relativamente estreita.” (Silva, 1976, p. 1000).

Linha de Retirada

A posição das Talhadas não se encontrava desprovida de retaguarda, encontrando-se garantida a protecção da retirada de uma coluna militar, obedecendo às regras militares, vinda da posição de vanguarda, com diversas

estruturas militares dispostas em pontos estratégicos ao longo da Estrada Real. Assim é relatado: “[...] a retirada de Talhadas para Cardigos he quaze sempre vantajoza tendo apenas hum passo mão em frente da Sobreira Formosa, junto à ribeira da Fróia, à quem desta Ribeira há hum reducto construído em 1801 (segundo dizem, pelos Inglezes) que mostra necessidade de occuparmos aquelle ponto com duas das nossas peças ligeiras para favorecer a retirada; he muito boa a communicação daquele ponto da Sobreira Formosa. Sobre a Ribeira de Pocarriço temos huma posizão muito boa para cobrir a retirada, eoutra muito melhor sobre a Ribeira de Mezão Frio, podendo esta ultima ser occupada por maiores forças que demorem o inimigo em quanto as nossas Tropas tomão novos alentos para acabarem a retirada que he mà passando Cardigos por espaço de três quartos de Légua pouco mais ou menos; [...]” (Castello Melhor & Cardoso, 1810, p. 451).

Estrategicamente construídas sobre áreas de travessia de ribeiras, em encostas de difícil acesso, identificaram-se até à presente data dois núcleos, que constituiriam a retaguarda da posição da Catraia (Figura 9). Teriam como função cobrir a retirada do corpo militar vindo da frente defensiva, deslocando-se pela Estrada Real, e atrasar o avanço das forças invasoras.

O primeiro localiza-se a este da Sobreira Formosa, sobre a Ribeira da Fróia, a SO, que aqui forma um vale profundo e encaixado com encostas de inclinação bastante acentuada. A Estrada Real deveria passar pelo mesmo sítio onde se encontra a estrada actual, ou muito próxima, sendo a função deste núcleo cobrir os contingentes em retirada.

Foram aqui identificadas todas as estruturas assinaladas na carta de 1762.

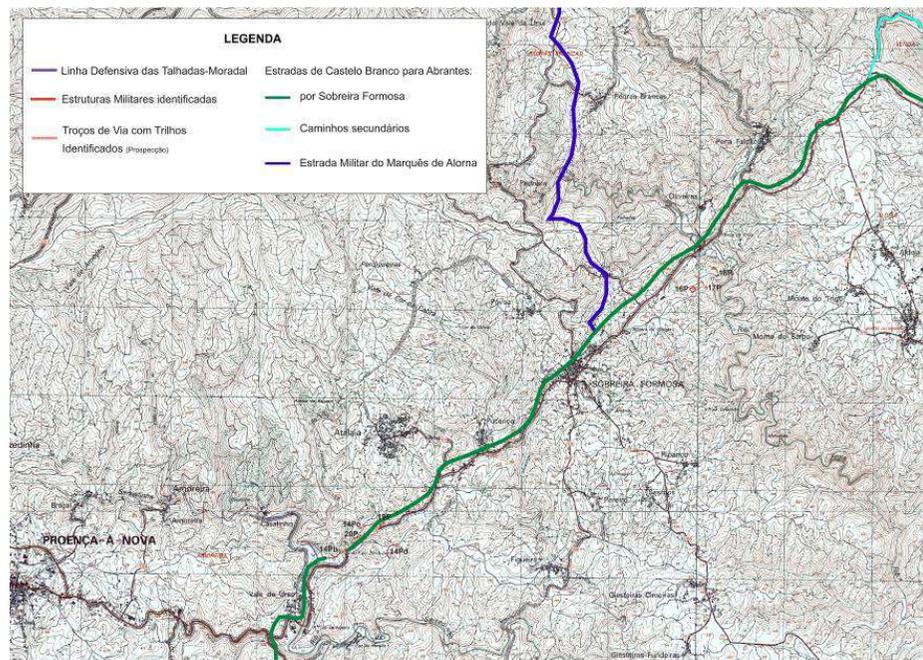


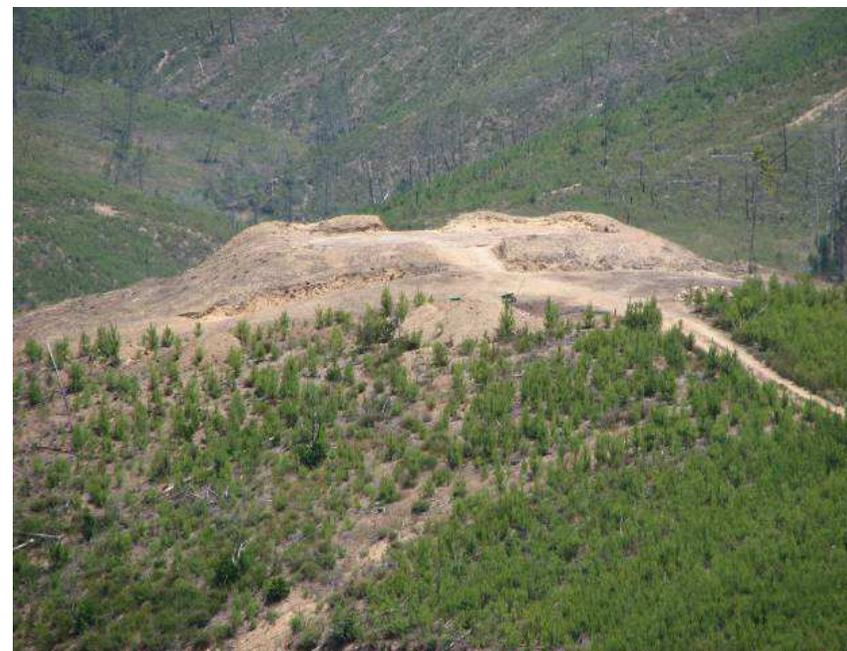
Figura 9. Redutos militares na linha de retirada, na Sobreira Formosa e em Vale de Urso, referidos nas fontes documentais e identificados em prospecção. Sobre extracto das Cartas Militares de Portugal, Esc. 1:25.000, Folhas 290 e 302.

O Núcleo de Vale de Urso (lugar cujo verdadeiro topónimo é Vale d’Urso, todavia mantemos o topónimo que surge na cartografia militar) é constituído por duas trincheiras escavadas na rocha, encontrando-se ambas num vale estreito e encaixado por onde passava a Estrada Real, hoje a estrada nacional 233. Localizam-se a cerca de 1 Km para NE de Vale do Urso, em encostas de acentuada inclinação, tendo como função proteger a travessia da Ribeira da Sarzedinha (onde se identificaram antigos trilhos da via e a ponte que a servia) pelo exército em retirada e atrasar o avanço do invasor.

Foram identificadas no âmbito de um Estudo de Impacte Ambiental, não havendo referências a estas em fontes documentais alusivas à época.

Nº: 1P

Designação: Forte das Baterias 1 (de Sto. António) **Tipologia:** Forte
Cronologia: 1762 **CMP:** 290 **Altitude:** 317m **Morfologia:** Topo de Monte
Distrito: Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Montes da Senhora **Lugar:** Catraia Fundeira **Classificação:** Em Estudo c/ despacho abertura **Estado de conservação:** Regular **Valor cultural:** 4 **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Vanguarda - Ponte do Alvito.





Fontes documentais: DGPC CNS 19292 (Tipologia: Fortificação; Designação: Baterias I). DGPC CNS 28193 (Tipologia: Estrutura; Designação: Fortes/Casal da Ribeira). Antunes (2008); Barrento (2006); Berger, Coord. (2008); Castelo Melhor & Cardoso (1810); Henriques, Caninas & Correia (2002); Monteiro & Pereira (2008); Monteiro (2012); Pretorius (1762); Silva (1976); Soriano (1876); Proença Júnior (1910); Torrezão (s/d).

Caracterização: Na linha de vanguarda do núcleo defensivo. Estrutura escavada em 2007.

Localizado na plataforma xistosa (com algum quartzo leitoso) que envolve a crista quartzítica das Talhadas, o Forte das Baterias encontra-se implantado no topo de um monte, bem destacado na paisagem, sobre a Ribeira do Alvito, a uma altitude de 317m, encontrando-se numa posição frontal sobre a actual ponte do Alvito dominando amplamente o horizonte para os lados de quem vem de Castelo Branco. O Forte das Baterias era parte integrante de uma posição defensiva que tinha como função fechar a passagem de exércitos invasores através da estrada que passava pela Portela da Catraia, sendo esta posição constituída por diversas estruturas dispostas em pontos estratégicos.

Após a conclusão dos trabalhos obtiveram-se dados que permitiram aferir tratar-se de uma estrutura de boa construção respeitando a técnica de construção defensiva da época, com vestígios de utilização e duas fases de ocupação. Houve uma prévia terraplanagem para nivelamento do monte de modo a permitir a construção de todas as infra-estruturas do forte e garantir a sua durabilidade e funcionalidade. A constituição do solo, composto por xistos argilosos alterados e de má qualidade para a construção, seguramente facilitou os trabalhos de escavação, por outro lado terá dificultado a edificação de estruturas em pedra, uma vez que a rocha existente (laminar e muito quebradiça) não permite extrair e aparelhar grandes blocos, bem como a criação de taludes duráveis devido ao substrato geológico possuir grandes quantidades de pequenas laminas de xisto, tornando-se por isso bastante solto, situação compensada pela escavação de socacos no substrato geológico para contenção dos taludes. No interior identificaram-se duas estruturas negativas para armazenamento com buracos de poste e canais de drenagem em redor. O talude Este possuía três canhoneiras com estruturas

para posicionamento das bocas-de-fogo associadas. Encostado às paredes internas do lado Norte e Oeste identificaram-se áreas de fogueiras não estruturadas. O fosso Oeste é o mais largo e profundo em contraste com o lado Este onde este é quase inexistente, encontrando-se neste lado uma parede para sustentação do talude. A condenação de estruturas e os materiais associados permitiram identificar dois momentos de ocupação do forte – 1762 e 1801.

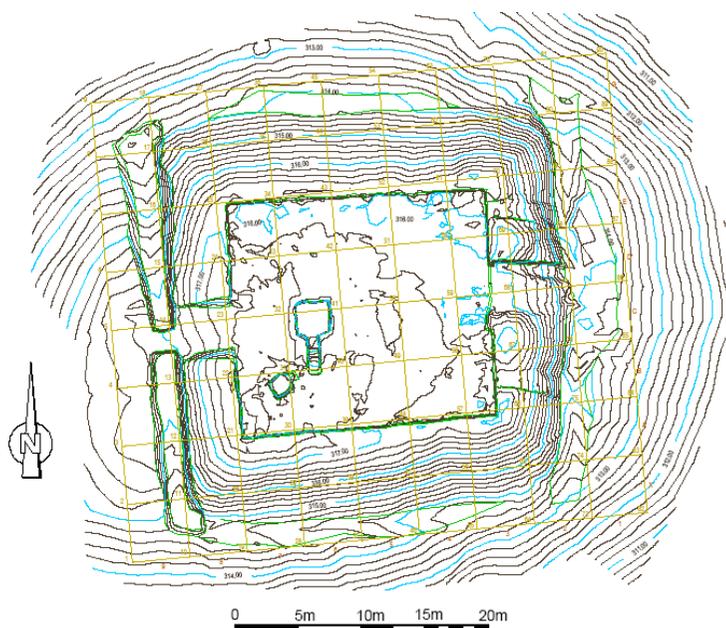


Figura 10. Levantamento topográfico após campanha arqueológica (executado pela Câmara Municipal de Proença-a-Nova).

Descrições anteriores: Repetição do mesmo sítio com dois CNS diferentes.

“Forte sobranceiro à Ponte do Alvito (ou Barca do Alvito ao tempo da sua construção), na margem direita da ribeira do Alvito, a meia encosta. “Fosso” escavado ao longo da encosta seguindo a curva de nível. Tem cerca de 100 m de comprimento e planta em forma de quarto crescente. A largura do “fosso” é variável, máxima no lugar central (10 m) e mínima nos extremos. É notório que a sua função estava relacionada com a protecção da via que ligava Castelo Branco a Proença-a-Nova. A face virada para a estrada é constituída por um muro largo de terra. A meio do seu comprimento é visível uma estrutura trapezoidal, que poderá estar relacionada com a instalação de uma peça de artilharia. São as seguintes as medidas interiores dos vários lados: lado Oeste 2280 cm; lado Este 2200 cm; lado Sul 2460 cm; lado Norte 2480 cm. Apresenta revestimento interior de pedra seca de xisto, nas faces Oeste e Sul do aterro que define o reduto; têm cerca de 90 cm de altura” (Endovélico; Henriques, Caninas & Correia, 2002).

“Localiza-se no topo de um cabeço que fixa, na margem direita, a ponte sobre a ribeira do Alvito. Estrutura militar de planta quadrangular. É constituída por um talude largo revestido, na parte interna, por uma parede de xisto. Na parte externa apresenta uma rampa de terra. No final desta rampa, ao longo de toda a face Poente, existe ainda uma vala parcialmente entulhada. A altura da estrutura ronda os 50/70 cm. Na face Nascente e Poente houve arrombamento do recinto, por caterpillar. O vértice Sudoeste da estrutura é o que se mantém em melhor estado de conservação” (Endovélico).

Torrezão (s/d) menciona o Forte de La Lippe e o Forte do Alvito, tendo sido mandados destruir pelo conde Lippe quando as forças portuguesas tiveram

que retirar. Estes poderão corresponder aos Fortes das Baterias I e II, o mais provável, ou aos Fortes da Catraia Fundeira I e II.

Dimensões: Interior - 20 m x 22 m; Exterior - 35 m x 35 m.

Nº: 2P

Designação: Bateria das Baterias 1 (do Carmo ou da Conceição) **Tipologia:** Bateria em ângulo **Cronologia:** 1762 **CMP:** 290 **Altitude:** 280m **Morfologia:** Encosta **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Montes da Senhora **Lugar:** Catraia Fundeira **Classificação:** Em Estudo c/ despacho abertura **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Regular **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Vanguarda - Ponte do Alvito.

Fontes documentais: DGPC CNS 19293 (Tipologia: Bateria; Designação: Baterias II). Antunes (2008); Barrento (2006); Berger, Coord (2008); Castelo Melhor & Cardoso (1810); Henriques, Caninas & Correia (2002); Monteiro & Pereira (2008); Monteiro (2012); Pretorius (1762); Silva (1976); Soriano (1876); Proença Júnior (1910); Torrezão (s/d).

Caracterização: Na linha de vanguarda do núcleo defensivo e associada ao Forte das Baterias 1.

A meia encosta (sobre o ponto em que a encosta inicia uma inclinação bastante acentuada), a Este do forte. É constituída por um amplo patamar escavado na rocha, definida por muros em xisto formando um ângulo muito aberto (Figura 11) que acompanha a curva de nível do monte e taludes em

terra na parte externa. Na junção dos dois braços, onde forma o ângulo, tem uma abertura que deverá corresponder a uma canhoneira. O estado de conservação aparenta ser regular, ainda que possuindo muita terra a cobri-los e denso arvoredo.

Em 2007 foi efectuado o levantamento topográfico, todavia, ainda não foi realizado o levantamento descritivo da estrutura no âmbito do Projecto.





Descrições anteriores: “Trata-se de estrutura definida por duas paredes irregularmente lineares e formando um ângulo muito aberto, voltado para o interior. No topo do ângulo observa-se uma abertura correspondente a possível boca de canhão. Para a construção deste dispositivo foi aberto um socalco na rocha e construídos dois aterros lineares com muro de pedra seca no interior. O braço jusante tem cerca de 35 m de comprimento e o braço montante 70 m. A distância entre a escarpa interior (produzida pela escavação do socalco) e o ponto de encontro dos dois braços da bateria é de 950 cm.

Situa-se em encosta sobranceira à Ponte do Alvito, em cota inferior à do reduto” (Endovélco; Henriques, Caninas & Correia, 2002).

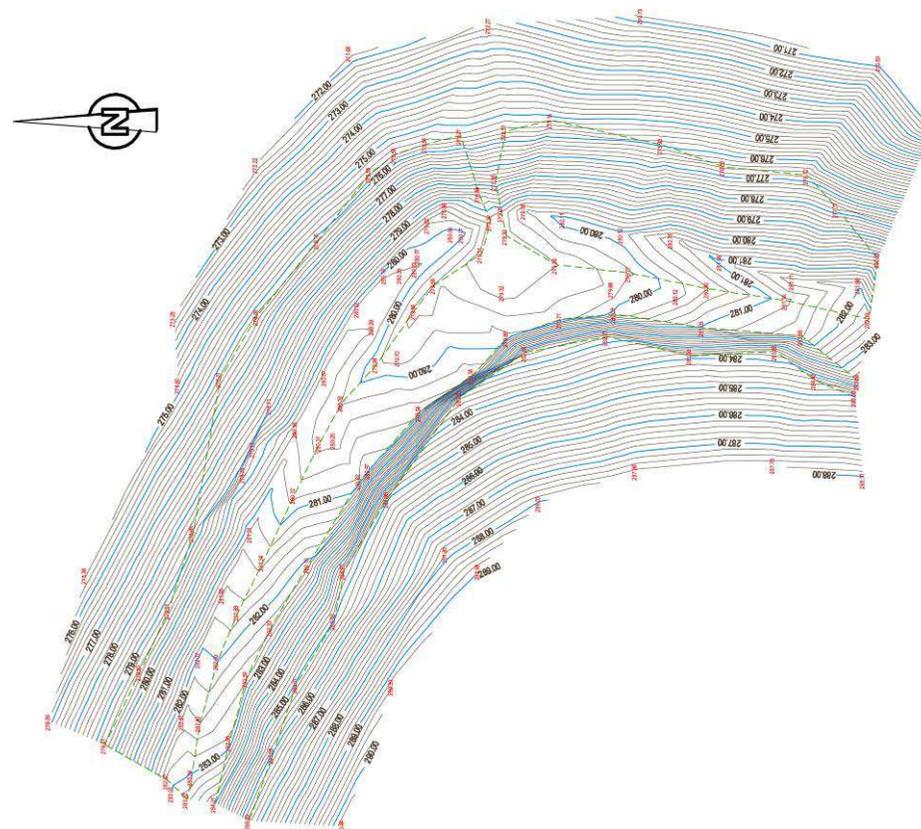


Figura 11. Levantamento topográfico do estado actual da estrutura (executado pela Câmara Municipal de Proença-a-Nova).

Nº: 3P

Designação: Trincheira das Batarías **Tipologia:** Trincheira Fortificada
Cronologia: 1762 / 1081? **CMP:** 290 **Altitude:** 300m **Morfologia:** Encosta
Distrito: Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Montes da Senhora **Lugar:** Catraia Fundeira **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 4
Estado de conservação: Mau **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Vanguarda - Ponte do Alvito.



Fontes documentais: Monteiro & Pereira (2008); Monteiro (2012).

Caracterização: Na linha de vanguarda do núcleo defensivo, defendendo o flanqueamento e a retaguarda do Forte das Batarías 1.

A Oeste do Forte, sobre o lado Sul do caminho que pela cumeada dá acesso a este, identificou-se uma estrutura em mau estado de conservação que poderá corresponder a uma trincheira de forma subrectangular aberta do lado Sul onde a encosta é mais acentuada (deste lado o terreno faz um socalco possivelmente criado pela actividade agrícola). A construção evidencia uma prévia preparação do terreno para nivelamento do interior na zona mais plana da cumeada, sendo definida por alinhamentos pétreos (xisto) que se encontram ao nível do solo. É constituída por um muro paralelo ao actual caminho (sentido O-E), tendo continuidade para Sul a partir das extremidades. O troço Oeste é o mais curto e alto estando equipado com um pequeno talude e fosso, o troço Este, virado para o forte, prolonga-se até ao início da encosta. Do lado Sul não se identificam vestígios de muro, todavia este lado tem um declive acentuado pelo que o muro pode ter-se desmoronado integralmente.

A sua função deveria ser proteger a retirada das forças colocadas na bateria e no forte, bem como cobrir o flanco mais exposto da posição.

Está coberto por denso coberto arbustivo e arbóreo.

Ainda não foi realizado o levantamento descritivo da estrutura no âmbito do Projecto.

Nº: 4P

Designação: Forte da Catraia Fundeira 1 **Tipologia:** Forte **Cronologia:** 1762
CMP: 290 **Altitude:** 369m **Morfologia:** Topo de Monte **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Montes da Senhora **Lugar:**

Catraia Fundeira **Classificação:** Em Estudo c/ despacho abertura **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Regular **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Vanguarda - Ponte do Alvito.



Fontes documentais: DGPC CNS 19294 (Tipologia: Fortificação; Designação: Catraia Fundeira). DGPC CNS 19295 (Tipologia: Fortim; Designação: Fortes/Catraia Fundeira). Antunes (2008); Barrento (2006); Berger, Coord. (2008); Castello Melhor & Cardoso (1810); Henriques, Caninas & Correia

(2002); Monteiro & Pereira (2008); Monteiro (2012); Pretorius (1762); Silva (1976); Soriano (1876); Proença Júnior (1910); Torrezão (s/d).



Caracterização: Na linha de retaguarda do núcleo defensivo. Encontra-se actualmente com denso coberto arbóreo (pinheiros) e arbustivo.

De planta quadrangular, com entrada virada a Norte e passagem sobre o fosso talhada na rocha. As paredes internas encontram-se cobertas pela escorrência

das terras do talude quase integralmente, sendo apenas visível um pequeno troço no lado Oeste da entrada.

Contém talude e fosso a toda a volta, estando o interior do recinto na rocha (nivelada intencionalmente).

No canto SE forma uma elevação ao nível do parapeito que poderá corresponder a uma rampa ou plataforma de canhoneira.

O fosso do lado Este é menos pronunciado, o que poderá significar que não houve necessidade de o aprofundar muito, dado o desnível natural da encosta conjugado com o desnível do talude (poderá simplesmente estar mais coberto com a escorrência das terras do talude).

Descrições anteriores: Repetição do mesmo sítio com dois CNS diferentes.

“É uma construção de planta irregularmente trapezoidal. É um aterro com fosso exterior em quase todo o perímetro. Tem vestígios de porta no lado voltado a NO. No interior do reduto observa-se um forro constituído por muro de pedra seca com cerca de 70 cm de altura. O aterro e a parede têm uma largura aproximada de 500 cm. O lado correspondente à porta tem cerca de 2750 cm de comprimento (interior), o lado oposto tem 2430 cm, o lado SO tem 2350 cm e o lado SE 2450 cm de comprimento” (Endovélico; Henriques, Caninas & Correia, 2002).

“Fortim de planta quadrangular, com cerca de 25 m de lado. A estrutura mantém a altura de 1m. As faces internas do recinto parecem ter sido forradas com parede, bem patente na face Norte. As faces exteriores são constituídas

por uma rampa de terra. Possui uma entrada virada a Norte, que pode ter sido a original. A escassos metros a Sudeste da estrutura referida cortaram a colina para facilitar a passagem de um caminho evitando declives acentuados. Os caminhos desta área possuem trilhos profundos” (Endovélico).

Torrezão (s/d) menciona o Forte de La Lippe e o Forte do Alvito, tendo sido mandados destruir pelo conde Lippe quando as forças portuguesas tiveram que retirar. Estes poderão corresponder aos Fortes das Baterias I e II, o mais provável, ou aos Fortes da Catraia Fundeira I e II.

Dimensões: Visíveis – Interior (recinto) entre paredes internas: O-E, 23 m; S-N, 23 m. - Rampa (ou plataforma) de Canhoneira: O-E, 8 m; S-N, 7 m. - Fosso: 1,90 m largura, 0,45 m profundidade. - Talude: 4,70 m largura da parede interna até ao fosso. - Entrada: 2,80 m largura; Passagem sobre o fosso, 2,60 m largura.

Nº: 5P

Designação: Forte da Catraia Fundeira 2 (de S. Álvaro?) **Tipologia:** Forte ou Trincheira Fortificada **Cronologia:** 1762 **CMP:** 290 **Altitude:** 368m **Morfologia:** Topo de Monte **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Montes da Senhora **Lugar:** Catraia Fundeira **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Vanguarda - Ponte do Alvito.

Fontes documentais: DGPC CNS 19294 (Tipologia: Fortificação; Designação: Catraia Fundeira). Antunes (2008); Barrento (2006); Berger, Coord. (2008);

Castello Melhor & Cardoso (1810); Monteiro & Pereira (2008); Monteiro (2012); Pretorius (1762); Silva (1976); Soriano (1876); Proença Júnior (1910); Torrezão (s/d).



Caracterização: Na linha de retaguarda do núcleo defensivo. Encontra-se actualmente com denso coberto arbóreo (pinheiros) e arbustivo.

Estrutura aparentemente inacabada situada no monte imediatamente a Sul do Forte da Catraia Fundeira 1. Poderá tratar-se de uma estrutura (possivelmente

um forte ou área de aquartelamento) assinalada em mapa de 1762, até à data de localização desconhecida.



O terreno, percorrido por incêndio há cerca de 4 anos, encontra-se com coberto vegetal pouco denso e frequentes troncos de pinheiro deixados no terreno após o abate dos pinheiros queimados.

De planta irregular, trapezoidal, encontra-se atravessado por um caminho que cortou o talude a Este, sensivelmente a meio. A entrada deveria ser virada a Oeste, onde o relevo do terreno permite um acesso mais fácil.

No lado Este é constituído por um talude em terra com parede interna (visível no corte feito pelo caminho), não sendo identificável fosso associado.

No lado Oeste o limite é definido por uma linha de pedras com ligeira elevação, sendo este o lado em que o terreno é mais aplanado. No lado Sul é identificável um talude muito baixo, sendo este o lado onde o declive é mais acentuado. A Norte (lado virado para a via e para o Forte da Catraia Fundeira 2) não se identificaram vestígios que indiquem o fecho do forte. Todavia as extremidades do talude Este e da linha de pedras a Oeste coincidem com um ligeiro desnível no terreno que poderá corresponder a uma linha de fecho (poderia ser em matéria perecível - paliçada? – ou ter sido lavada devido ao desnível do terreno).

No canto SE parece fazer uma rampa ou plataforma para canhoneira estruturada com parede em pedra. Neste canto o talude Este contorna a plataforma fazendo um aparente reforço exterior em pedra, de forma arredondada.

A estrutura apresenta talude em terra do lado Este (com a mesma tipologia construtiva encontrada nos restantes fortes), encontrando-se este cortado por abertura de caminho. Do lado Sul são visíveis vestígios de taludes e alinhamento de pedras ao nível do solo, destacando-se pouco no terreno. Do lado Oeste apenas existe um alinhamento de pedras ao nível do solo, visível

em toda a sua extensão, fazendo um canto com pequeno troço para Este do lado Norte. Do lado Norte não se observa qualquer ligação entre os lados Oeste e Este da estrutura. Possivelmente não foi construído talude deste lado, ficando o forte aberto, ou devido à inclinação do terreno foi integralmente destruído pelas águas pluviais, situação duvidosa face ao troço que se observa no canto NO.

No canto SE observa-se o que parece ser uma plataforma nivelada e alteada ao nível do talude, possivelmente para colocação de uma peça de artilharia.

A forma desta estrutura é diferente de todas as outras da mesma época que são conhecidas na Serra das Talhadas, facto que reforça a possibilidade de se tratar da estrutura assinalada no mapa de 1762, também ele com uma forma diferente das restantes.

No interior são visíveis vestígios de remoção de terras junto do talude Este, provavelmente áreas de onde foi tirada a terra para a construção do talude e para nivelamento do terreno.

Ainda que seja difícil observar convenientemente a estrutura devido ao coberto vegetal e troncos dispersos no solo, fica a ideia de que esta estrutura nunca ficou concluída, encontrando-se a Este e a Sul os troços com maior investimento construtivo (ou seja virados para a Ponte do Alvito de onde viriam os exércitos invasores) e a Oeste apenas a delimitação da sua área, permanecendo aberto do lado Norte, que se encontra protegido pelo Forte da Catraia Fundeira 1 (inérito, estrutura identificada no âmbito dos trabalhos de escavação do Forte das Baterias 1, em Julho de 2007).

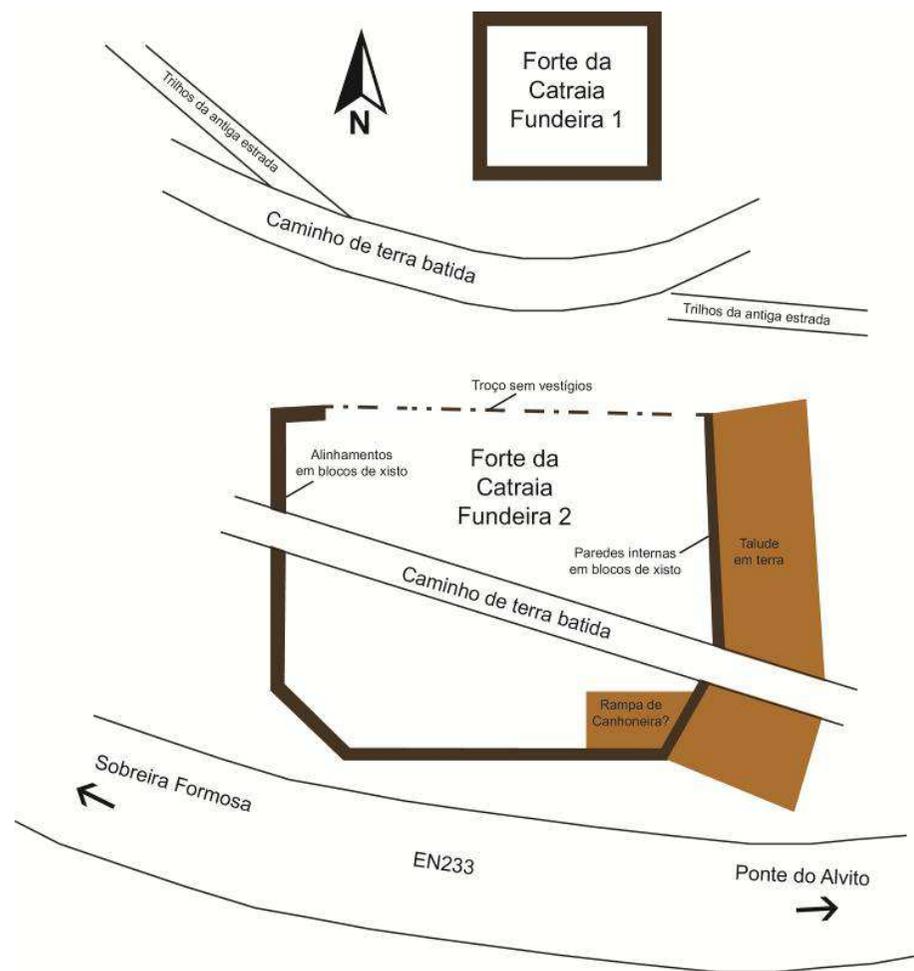


Figura 12. Croqui do Forte da Catraia Fundeira 2.

Descrições anteriores: Torrezã (s/d) menciona o Forte de La Lippe e o Forte do Alvito, tendo sido mandados destruir pelo conde Lippe quando as forças portuguesas tiveram que retirar. Estes poderão corresponder aos Fortes das Baterias I e II, o mais provável, ou aos Fortes da Catraia Fundeira I e II.

Dimensões: Visíveis – Interior (recinto) entre paredes internas: O-E – 25 m no centro, 13 m a Norte, 24 m a Sul; S-N, 40 m. - Rampa (ou plataforma) de Canhoneira: coberta com densa vegetação. - Talude: 4,50 m largura; 0,90 m de altura.

Nº: 6P

Designação: Bateria do Couratão 1 (do Carmo ou da Conceição) **Tipologia:** Bateria em Ângulo **Cronologia:** 1762 **CMP:** 290 **Altitude:** 270m **Morfologia:** Encosta **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Alvito da Beira **Lugar:** Cerejeira **Classificação:** Em Estudo c/ despacho abertura **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Regular **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Vanguarda - Ponte do Alvito.

Fontes documentais: DGPC CNS 11290 (Tipologia: Bateria; Designação: Couratão III). Antunes (2008); Barrento (2006); Berger, Coord. (2008); Castello Melhor & Cardoso (1810); Henriques, Caninas & Correia (2002); Monteiro & Pereira (2008); Monteiro (2012); Pretorius (1762); Silva (1976); Soriano (1876); Proença Júnior (1910); Torrezão (s/d).

Caracterização: Na linha de vanguarda do núcleo defensivo.

Em área de muito difícil acesso devido à inclinação da encosta, localiza-se à cota de 270m uma bateria de tipologia similar à Bateria das Baterias 1, mas de menores dimensões. Tem uma esplanada escavada na rocha e um muro em pedra (xisto) formando um ângulo muito aberto que contorna a curva de nível da crista onde se encontra. Sob a bateria a encosta desce quase a pique pelo que se os muros possuíam um talude externo, este foi naturalmente destruído pelo passar dos anos. Foi reutilizada para plantação de oliveiras, com muros de contenção de terras, estando os muros em mau estado de conservação e o interior com denso matagal e ramos queimados de pinheiro. Esta posição permitiria um tiro a longa distância para além da Ribeira do Alvito. Possivelmente corresponde a uma das baterias assinaladas na cartografia de 1762, pelo que deverão encontrar-se outras duas na encosta para NE.

Ainda não foi realizado o levantamento da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: *“A bateria situa-se numa encosta em crista sobranceira à Ponte do Alvito. É de difícil identificação até pela sua avançada degradação (em parte devido ao plantio de oliveiras). Não foi possível medir o seu comprimento. Foi reconhecida pela presença de um aterro e de um fosso interior, ou socalco, que se desenvolve em arco (?) ao longo de uma curva de nível. Há muros de suporte de oliveiras em cima do aterro que define a bateria.”* (Endovélico; Henriques, Caninas & Correia, 2002).

Nº: 7P

Designação: Bateria do Couratão 2 **Tipologia:** Bateria (?) **Cronologia:** 1801 **CMP:** 290 **Altitude:** 340m **Morfologia:** Encosta **Distrito:** Castelo Branco

Concelho: Proença-a-Nova **Freguesia:** Alvito da Beira **Lugar:** Cerejeira **Classificação:** Em Estudo c/ despacho abertura **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Vanguarda - Ponte do Alvito.

Fontes documentais: (Tipologia: Bateria; Designação: Couratão II). Antunes (2008); Barrento (2006); Berger, Coord. (2008); Castello Melhor & Cardoso (1810); Henriques, Caninas & Correia (2002); Monteiro & Pereira (2008); Monteiro (2012); Pretorius (1762); Silva (1976); Soriano (1876); Proença Júnior (1910); Torrezão (s/d).

Caracterização: Na linha de vanguarda do núcleo defensivo.

Na encosta virada a SE encontra-se uma bateria numa plataforma aplanada, definida por muros em xisto formando um ângulo muito aberto acompanhando a curva de nível do monte, com taludes em terra na parte externa e um aparente fosso. O interior foi nivelado, notando-se uma cavidade correspondente a esta preparação do terreno. Localiza-se imediatamente a Este do caminho que desce a vertente mais acessível da encosta. Encontra-se em mau estado de conservação e coberto com denso arvoredado (pinheiros) e mato.

Ainda não foi realizado o levantamento da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “Numa cota intermédia entre o forte e a bateria de encosta, observa-se, numa pequena chã, uma sucessão de fossos e aterros de difícil compreensão. Apresentam-se perpendiculares à linha de fecho e

voltados para o rio. Observam-se também alguns muros de pedra seca que poderão não estar relacionados com fins agro-florestais” (Henriques, Caninas & Correia, 2002).

Nº: 8P

Designação: Forte do Couratão **Tipologia:** Forte **Cronologia:** 1801 **CMP:** 290
Altitude: 372 m **Morfologia:** Topo de Monte **Distrito:** Castelo Branco
Concelho: Proença-a-Nova **Freguesia:** Alvito da Beira **Lugar:** Cerejeira
Classificação: Em Estudo c/ despacho abertura **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Regular **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Vanguarda - Ponte do Alvito.

Fontes documentais: DGPC CNS 11259 (Tipologia: Fortificação; Designação: Couratão I). Antunes (2008); Barrento (2006); Berger, Coord. (2008); Castello Melhor & Cardoso (1810); Henriques, Caninas & Correia (2002); Monteiro & Pereira (2008); Monteiro (2012); Silva (1976); Soriano (1876); Proença Júnior (1910); Torrezão (s/d).

Caracterização: Na linha de vanguarda do núcleo defensivo.

Localiza-se no topo do monte, no extremo Este de uma cumeada atravessada por um caminho onde se identificaram troços de uma via com trilhos de carro. Poderá corresponder ao forte referido por Martins da Silva como tendo sido mandado construir pelo Marquês de Alorna em 1801. Trata-se de uma estrutura idêntica na forma e metodologia construtiva ao Forte das Baterias 1, possuindo aproximadamente 25,8m x 25,8m com a entrada virada para Oeste

e um fosso em toda a envolvente. Nos taludes não se observam concavidades que sugiram a existência de canhoneiras.



Encontra-se em estado de conservação regular (aparentemente), porém possui denso coberto arbóreo (pinheiros) e arbustivo em toda a sua área. A distância a que o forte se encontra da Ribeira do Alvito apenas deveria permitir o tiro (caso estivesse equipado com bocas de fogo) para a margem Oeste da Ribeira do Alvito. Provavelmente a sua principal função seria controlar a via que passa quase encostada ao talude Norte, evitando o flanqueamento das

posições mais baixas a Sul e apoiar a retirada de homens e equipamento que se encontrassem nas baterias localizadas na encosta SE.

Ainda não foi realizado o levantamento da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “O forte situa-se no cimo do Cabeço do Couratão. Sobre o aterro do reduto foi colocado o marco geodésico "Talhadas". Trata-se de estrutura de planta trapezoidal, com entrada voltada a Oeste, cujos lados apresentam as seguintes medidas (tomadas no topo do aterro): lado Norte 2580 cm; lado Sul 2580 cm; lado Leste, voltado para o rio, 2580 cm; lado Oeste, correspondente à entrada, 2370 cm. Apresenta fosso envolvente. A largura do fosso (medida entre o topo do aterro interior e o aterro exterior que ladeia o fosso) é de cerca de 580 cm. O marco geodésico situa-se sobre a esquina SE do aterro.

A área está envolvida por pinheiros, medronheiros e diversos arbustos. Valdez dos Santos refere este forte em trabalho já citado. “No alto da Serra das Talhadas, à cota dos 370 m, os franceses esbarraram com o fortim que o Marquês de Alorna, em 1801, mandou construir, certamente com vista a bater os caminhos de acesso ao Colo da Venda. Ainda hoje se podem ver as ruínas dessa pequena fortificação passageira, um quadrado com 20 m x 20 m, de paredes de terra batida revestida, nalguns pontos, a pedra, com ligeiro fosso proveniente do movimento de terras tendo, na face sul, descentrada, uma pequena ponte maciça e a entrada, esta relativamente estreita” (Silva, 1976:100)” (Endovélico; Henriques, Caninas & Correia, 2002).

Dimensões: 25,8 m x 25,8 m.

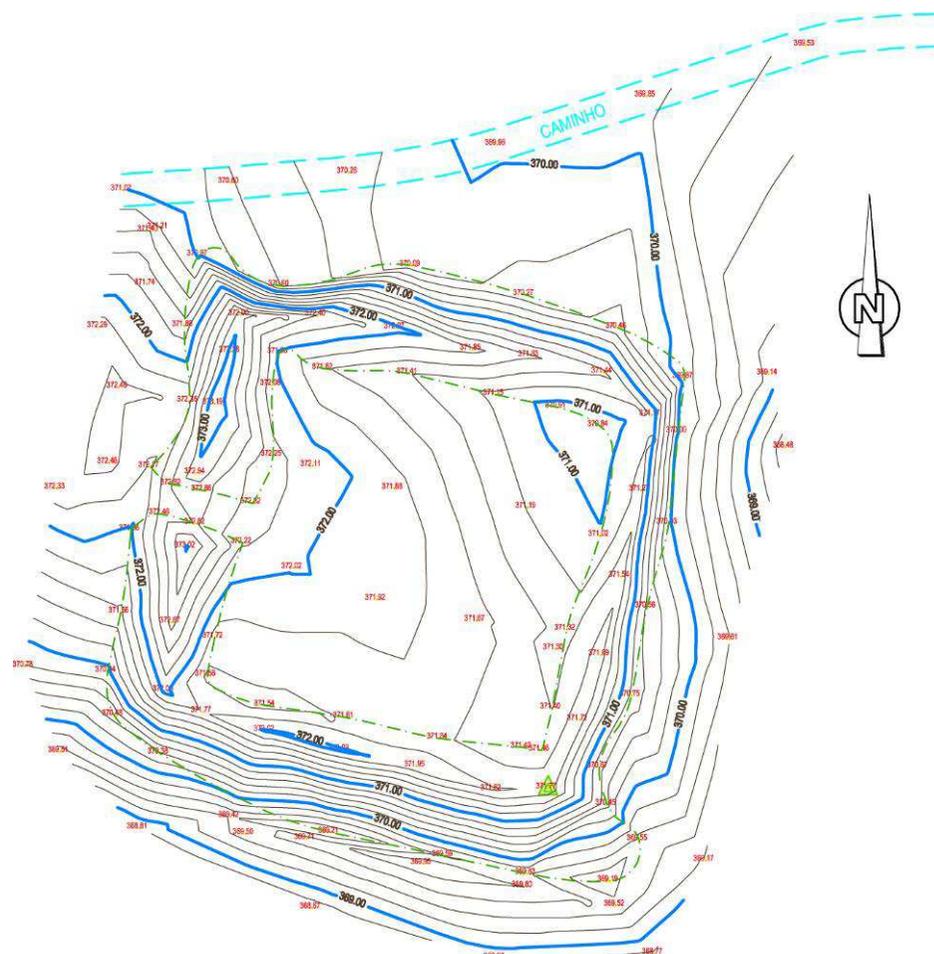


Figura 13. Levantamento topográfico do estado actual da estrutura (executado pela Câmara Municipal de Proença-a-Nova).

Nº: 9P

Designação: Trincheira do Couratão **Tipologia:** Trincheira Fortificada
Cronologia: 1801? **CMP:** 290 **Altitude:** 380m **Morfologia:** Monte **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Alvito da Beira **Lugar:** Cerejeira **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Vanguarda - Ponte do Alvito.



Fontes documentais: informação cedida pelo Sr. Paulo Ribeiro e pelo Sr. José Dias Caetano, habitantes da Cerejeira. Monteiro & Pereira (2008); Monteiro (2012).

Caracterização: Na linha de vanguarda do núcleo defensivo, defendendo a retaguarda e o flanqueamento do Forte do Couratão.

A NO do Forte do Couratão foi recentemente identificada uma estrutura localizada no topo Sul de um monte. Deverá tratar-se de uma trincheira

formada por muros pétreos (xisto) com talude em terra no lado externo e sendo aberta do lado Norte. O interior foi previamente escavado de forma a deixá-lo nivelado e rebaixado. A parte frontal, de sentido O-E, forma diversos ângulos, dominando a via que passa sob esta a Sul. No extremo Oeste forma um pequeno braço para Norte e no extremo Este um troço mais longo igualmente para Norte, tendo sido recentemente destruído neste ângulo pela abertura de um caminho para colocação de um poste da EDP. Encontra-se em mau estado de conservação e coberto por pinheiros e arbustos. Deveria ter como função proteger a via e cobrir a retirada das forças que se encontrassem no forte e nas baterias.

Ainda não foi realizado o levantamento da estrutura no âmbito do Projecto.

Nº: 10P

Designação: Corte de Via da Cerejeira **Tipologia:** Corte de Via **Cronologia:** 1762 **CMP:** 291 **Altitude:** 230m **Morfologia:** Cumeada **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Alvito da Beira **Lugar:** Cerejeira **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 3 **Estado de conservação:** Regular **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Vanguarda - Ponte do Alvito.

Fontes documentais: informação cedida pelo Sr. Paulo Ribeiro e pelo Sr. José Dias Caetano, habitantes da Cerejeira. Castello Melhor & Cardoso (1810); Monteiro & Pereira (2008); Monteiro (2012).

Caracterização: Este corte ainda hoje se encontra visível, atravessando de extremo a extremo uma estreita cumeada, com encostas de acentuada inclinação, onde se observam os trilhos de carro da estrada mencionada. É constituída apenas por uma vala profunda com cerca de 1m de largura cuja finalidade seria impedir a passagem de carros e dificultar a de homens do exército invasor.



Ainda não foi realizado o levantamento da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: "... huma pequena porção de huma estrada de carro, que apartando-se da Estrada Real o vem passar ao pé da Cerejeira: esta Estrada foi mandada cortar em 1762 pelo Marechal Lippe e também agora o está; [...]" (Castello Melhor & Cardoso, 1810, 448).

Nº: 11P

Designação: Bateria da Cerejeira (de S. Brás) **Tipologia:** Bateria (?)
Cronologia: 1762(?) **CMP:** 290 **Altitude:** 280m **Morfologia:** Encosta **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Alvito da Beira **Lugar:** Cerejeira **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Regular **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Vanguarda - Ponte do Alvito.

Fontes documentais: informação cedida pelo Sr. Paulo Ribeiro e pelo Sr. José Dias Caetano, habitantes da Cerejeira. Antunes (2008); Barrento (2006); Berger, Coord. (2008); Castello Melhor & Cardoso (1810); Monteiro (2012); Pretorius (1762); Silva (1976); Soriano (1876); Proença Júnior (1910); Torrezão (s/d).

Caracterização: Na linha de vanguarda do núcleo defensivo. Poderá tratar-se de uma das baterias assinaladas no mapa de 1762.

Estreita e longa trincheira que contorna o monte sobre a Cerejeira, denominado localmente por Cabeço da Escola. Encontra-se à cota de 280 m

numa encosta bastante inclinada, de onde se podiam observar as movimentações do invasor na margem oposta da ribeira do Alvito.



A trincheira foi aberta na rocha, possuindo um muro defensivo em xisto, com cobertura de terra no exterior, a todo o comprimento e com uma zona alargada sensivelmente a meio (canhoneira?). Segundo a informação cedida era bastante funda. Encontra-se em mau estado de conservação e com denso coberto arbustivo, tendo sido recentemente destruído o extremo Sul pela abertura do actual caminho, onde nos informaram que fazia um cotovelo.

Também o extremo Norte foi parcialmente destruído por uma pequena pedreira utilizada para a construção da escola.

Ainda não foi realizado o levantamento da estrutura no âmbito do Projecto.



Nº: 12P

Designação: Via com Trilhos da Cerejeira **Tipologia:** Via **Cronologia:** Moderno **CMP:** 291 **Altitude:** 230 m **Morfologia:** Cumeada **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Alvito da Beira **Lugar:** Cerejeira **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 3 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Rede Viária Secundária – Cerejeira.



Fontes documentais: Castello Melhor & Cardoso (1810); Monteiro (2012).

Caracterização: Troço da Via de acesso ao Colo da Venda. É visível pelo menos um par de trilhos marcado na rocha.

Ainda não foi realizado o levantamento da via no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “... huma estrada de carro, que apartando-se da Estrada Real o vem passar ao pé da Cerejeira:...” (Castello Melhor & Cardoso, 1810, 448). “...os caminhos de acesso ao Colo da Venda.” (Santos, 1976, 100).

Nº: 13P

Designação: Via com Trilhos do Couratão **Tipologia:** Via **Cronologia:** Moderno **CMP:** 290 **Altitude:** 380m **Morfologia:** Encosta **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Alvito da Beira **Lugar:** Cerejeira **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 3 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Rede Viária Secundária – Cerejeira.

Fontes documentais: Castello Melhor & Cardoso (1810); Monteiro (2012); Silva (1976).

Caracterização: Provavelmente um troço da Via da Cerejeira. É visível pelo menos um par de trilhos marcado na rocha.

Ainda não foi realizado o levantamento da via no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “... huma estrada de carro, que apartando-se da Estrada Real o vem passar ao pé da Cerejeira:...” (Castello Melhor & Cardoso, 1810, 448).

“...os caminhos de acesso ao Colo da Venda.” (Silva, 1976, 100).



Nº: 14P

Designação: Via com Trilhos da Catraia Fundeira **Tipologia:** Via **Cronologia:** Moderno **CMP:** 290 **Altitude:** 307 a 372m **Morfologia:** Diversos **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Montes da Senhora **Lugar:** Catraia Fundeira **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 3 **Estado de conservação:** Regular a Destruido **Posição:** Rede Viária Primária – Estrada Castelo Branco-Sobreira Formosa – Ponte do Alvito.



Fontes documentais: Castello Melhor & Cardoso (1810); Henriques, Caninas & Correia (2002); Monteiro & Pereira (2008); Monteiro (2012); Soriano (1876); Torrezão (s/d).

Caracterização: Vestígios (trilhos gravados nos afloramentos de xisto) da antiga estrada de Castelo Branco para a Sobreira Formosa (troço da Estrada Real, caminho de carros de Castelo Branco para Abrantes).

Troço entre a EN233, a Oeste, e a Ponte do Alvito, a Este.

Observam-se diversos pares de trilhos paralelos e /ou sobrepostos (2, 3, 4 e por vezes mais pares) que correspondem à antiga via. O traçado principal deveria ser aquele onde se observam valas com trilhos no interior, existindo diversos troços de via em vala ao longo de todo o traçado. As valas poderão ter sido feitas na construção da estrada, para nivelamento da via, ou serem resultantes de trabalhos de melhoramentos da via com consequente nivelamento do piso. A existência de diversos pares de trilhos paralelos indiciam o mau estado em que a via se encontraria usualmente, levando os carros a procurar locais de circulação alternativos, criando um emaranhado de trilhos.

Foi cortada pela estrada EN233 a Oeste e a Este devendo esta coincidir nalguns pontos com a antiga via. O mesmo se passa com frequentes caminhos que cortam a via, coincidindo nalguns casos com o traçado da via.

Desenvolve-se ao longo de cumeadas e nas encostas mais suaves, contudo é uma via sinuosa e certamente de difícil circulação.

Entre os Fortes da Catraia Fundeira a via principal coincide com um caminho existente, tendo sido aqui destruída. Contudo, na base da encosta do Forte da Catraia Fundeira 1, a SO deste, observam-se dois pares de trilhos pouco evidentes, que correspondem a trilhos alternativos.

A SE do Forte da Catraia Fundeira 2 a via principal foi talhada na rocha, para nivelamento, observando-se acima desta outras plataformas que parecem corresponder a trilhos alternativos onde a rocha foi igualmente nivelada.

Também a SE do Forte da Catraia Fundeira 2 a via principal ramifica em dois troços diferentes. As duas vias contornam o ponto mais alto do monte. A via que segue pelo lado Sul passava à frente da Estalagem, coincidindo aqui com a EN233. A via que segue pelo lado Norte coincide parcialmente com um caminho assinalado na CMP e terminava nas traseiras da estalagem, possivelmente vindo a entroncar com a via a Sul. O troço Sul segue sempre a meia encosta tendo sido construída em aterro (pelo menos num ponto com estrutura em pedra seca sobre linha de drenagem de água).

Da estalagem deveria seguir para SE numa única via, coincidindo aqui com a EN233 e com um caminho em terra. Só a alguns metros a Oeste do Forte das Baterias 2 se identificaram novamente diversos pares de trilho preservados, coincidindo aqui, de novo, com um caminho existente e assinalado na CMP, que passa a Norte do Forte das Baterias 2 em direcção à Barca do Alvito, tal como se encontra no mapa de 1762.

Descrições anteriores: Vestígios fósseis de trilhos gravados no xisto. Na época a via atravessava a Ribeira do Alvito na Barca do Alvito, que a avaliar pela localização da linha de vanguarda das estruturas defensivas se localizava sensivelmente onde hoje está a ponte. A Ponte do Alvito é uma pequena aldeia com o mesmo nome da ponte, separada pela ribeira do Alvito. Esta ponte foi construída no reinado de D. Maria II entre os anos 1840 e 1850. Toda a pedra para a sua construção veio da zona de Alcains, transportada em carros puxados por bois e com rodas de madeira. Existe uma outra ponte sobre o rio Ocreza perto de Castelo Branco construída na mesma altura. (fonte indeterminada).

Dimensões: Diversos pares de trilhos paralelos e/ou sobrepostos, com eixos de carros com: 0,90 m; 1,20 m; 1,30 m; 1,50 m. Os sulcos apresentam nalguns casos 0,20 m a 0,30 m de profundidade, evidenciando o frequente tráfego que por ali circularia assim como a importância da via. Vala com largura em torno dos 2,50 m e profundidades variáveis que vão até cerca de 0,75 m.

Nº: 14b, c, d

Designação: Vias com Trilhos de Vale de Urso **Tipologia:** Via e Ponte
Cronologia: Moderno-Contemporâneo **CMP:** 302 **Altitude:** Diversas
Morfologia: Diversas **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova
Freguesia: Proença-a-Nova **Lugar:** Vale de Urso **Classificação:** Não tem
Valor cultural: 3 **Estado de conservação:** Regular (ponte); Mau (trilhos)
Posição: Rede Viária – Vale de Urso.

Fontes documentais: Caninas, Henriques, Sabrosa, Henriques, Batista & Chambino (2004).

Caracterização: Vestígios (trilhos gravados nos afloramentos de xisto) de antigas vias e ponte na via principal.

Ainda não foi realizado o levantamento da via no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: **14b** – “Conjunto de interesse patrimonial constituído por uma ponte, um lagar e um moinho de rodízio. Na edição de 1946 da CMP o moinho e o lagar estão assinalados como sendo azenhas. A ponte não está representada e o caminho encontra-se interrompido sobre a linha de água. O lagar tem associado o topónimo Azenha do Zambujeiro. A ponte **[Ponte do**

Zambujeiro] de um arco de volta perfeita, amplo, com tabuleiro triangular, pode ter origem medieval embora pareça ter recebido restauro mais recente. Não conserva guardas. Situava-se, certamente, no traçado da antiga estrada de Sobreira Formosa para Ocidente. O moinho, com rodízio em bom estado de conservação, é um pequeno edifício de dois andares, com telhado de uma água, construído em xisto. O lagar é um edifício amplo com engenho de roda vertical e foi recentemente restaurado. No exterior existem diversas telhas e na parede de uma delas foram insculpidas a data 1946 e as iniciais JA, dentro de uma moldura rectangular.”, 350 - 360 m (Caninas, Henriques, Sabrosa, Henriques, Batista & Chambino, 2004, n.º 9).

Possivelmente via primária - continuação da Estrada Real, caminho de carros de Castelo Branco para Abrantes.

14c – “Antigo caminho de carroças evidenciado por sulcos (a distância entre sulcos 140 cm) escavados e canal (com cerca de 240 cm de largura no topo) afundado no substrato rochoso. O troço de via, com cerca de 20 m de comprimento, situa-se no espaço formado pelo entroncamento de dois estradões. Está envolvido por pinhal limpo de vegetação arbustiva.”, 380-387 m (Caninas, Henriques, Sabrosa, Henriques, Batista & Chambino, 2004, n.º 5).

Possivelmente uma via secundária de ligação entre a via primária e a povoação Atalaia.

14d – “Dois troços de antiga via com sulcos abertos no substrato xistoso. A distância entre rodados é de 140cm. Estão envolvidos por cobertura arbustiva constituída por esteva e pinhal. Num dos troços (a) observaram-se seis

caminhos paralelos ocupando uma faixa com cerca de 18m de largura (ponto b). O outro troço está afundado em canal. Ao lado destas vias fósseis existem estradões em uso., 410 m (Caninas, Henriques, Sabrosa, Henriques, Batista & Chambino, 2004, n.º 10).

Possivelmente uma vias secundárias de ligação entre a via primária e a povoação Figueira.

Nº: 15P

Designação: Estalagem da Catraia Fundeira **Tipologia:** Estalagem
Cronologia: Moderno **CMP:** 290 **Altitude:** 307m **Morfologia:** Vale **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Montes da Senhora **Lugar:** Catraia Fundeira **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Rede Viária Primária – Estrada Castelo Branco-Sobreira Formosa – Ponte do Alvito.

Fontes documentais: Informação oral de habitantes do concelho. *Guia de Portugal* (1994); Monteiro & Pereira (2008).

Caracterização: Três edifícios dispostos em “U” aberto para Sul, onde passa a EN233. Paredes de pedra (xisto) com argila como matéria ligante. Apresentam vestígios de reboco (possivelmente em argila) caiado de branco, ou paredes sem reboco directamente caiadas. Lintéis em pedra ou em madeira.

Edifício O-E (a Norte), de planta rectangular, de 1 piso, com telhado de duas águas em telha lusa. Deveria fazer um sótão havendo restos de uma escada de madeira no compartimento NE, onde se vê o que parece ser a abertura de

uma cave. O piso é em soalho, vendo-se sob este o solo nalguns pontos onde está partido. Paredes de divisórias internas em pedra ou em tijolo. Portas e janelas em madeira, com entradas viradas a Sul. Terá sido o que foi ocupado até há alguns anos. A fachada frontal encontra-se rebocada e caiada.



Edifício S-N (a Oeste), de planta rectangular, de dois pisos (o segundo piso é um acrescento posterior, observando-se no interior a marca de um edifício de 1 piso com telhado de duas águas), com telhado de duas águas em telha lusa.



O telhado caiu integralmente não se observam restos de madeiras de vigamento e de pisos no interior. No piso térreo a entrada está virada para Este, enquanto que no 1.º piso está para Oeste. No canto NO tem uma estrutura paralelepípedica em pedra, sem aberturas e até ao nível do chão do 1.º piso. Dado no exterior, e na direcção da estrutura, encontrar-se um forno, é possível que a estrutura tivesse como função encaixar parte do forno e distribuir o calor gerado por este para dentro da casa. A fachada frontal encontra-se rebocada e caiada. A Sul tem um anexo contíguo, com uma porta para Este, que se encontra muito destruído, possivelmente pela construção da

estrada EN233. A Oeste tem outro anexo contíguo em tijolo industrial, encontrando-se coberto por vegetação. Também do lado Oeste faz uma entrada exterior com corredor que deveria dar acesso ao 1.º piso, estando esta área escavada na rocha.

Edifício S-N (a Este), deveria corresponder a uma estrebaria e/ou armazém agrícola que se encontra coberto por denso silvado. De planta rectangular e, aparentemente dois pisos, com telhado de duas águas em telha lusa (derrubado), contém paredes grossas sem aberturas visíveis. A parede Sul desabou não sendo possível determinar se teria construções contíguas nesta direcção.

O pátio de entrada faz um “T” sendo bastante largo no sentido S-N. No sentido O-E é mais estreito dando acesso no lado Oeste a um forno com abobada em tijolo e paredes externas em pedra, circundado por paredes que deveriam apoiar uma cobertura de duas águas, sendo visíveis vestígios desta na parede exterior do edifício S-N. Possivelmente partiria daqui um corredor que daria acesso aos terrenos a Sul. No lado Este, entre o edifício O-E e a estrebaria contém um pequeno anexo recente em tijolo e cimento e uma pequena estrutura em pedra que poderá ser mais antiga. Daqui faz um estreito corredor de acesso aos terrenos a Sul.

Os terrenos a Sul contém diversos socalcos agrícolas estruturados com muros de pedra seca (por vezes bastante altos – cerca de 2 m) e amontoados de pedra que poderão corresponder a derrubes de estruturas. Encontra-se aqui um poço de boca circular estruturado em pedra, com guarda muito baixa (Boca interna 1,40 m; espessura parede 0,60 m) contendo uma abertura a SE (para

motor?). A boca foi coberta na metade Norte com uma placa de cimento armado, tendo em cima uma parede de tijolo e cimento. Do lado Oeste tem uma profunda cavidade rectangular que dá acesso a uma pequena abertura rectangular na parede do poço, possivelmente para extrair água.

Descrições anteriores:

“Adiante de Sarzedas passam-se lugares humildes e grupos de casa escuras, atravessa-se a funda ribeira do Alvito, para se subir, outra vez nos xistos, a ladeira íngreme que leva à Catraia-Cimeira, na remota origem, como o nome indica, uma catraia ou hospedaria de muda e refresco à beira da antiga estrada” (*Guia de Portugal*, 1994).

Nº: 16P

Designação: Forte dos Fortes **Tipologia:** Forte **Cronologia:** 1762 **CMP:** 290
Altitude: 408m **Morfologia:** Topo de Monte **Distrito:** Castelo Branco
Concelho: Proença-a-Nova **Freguesia:** Sobreira Formosa **Lugar:** Sobreira Formosa
Classificação: Em Estudo c/ despacho abertura **Valor cultural:** 4
Estado de conservação: Mau **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Retaguarda – Ribeira da Fróia.

Fontes documentais: (Tipologia: Forte; Designação: Fortes). Antunes (2008); Barranto (2006); Berger, Coord. (2008); Castello Melhor & Cardoso (1810); Henriques, Caninas & Correia (2002); Monteiro & Pereira (2008); Monteiro (2012); Pretorius (1762); Silva (1976); Soriano (1876); Proença Júnior (1910); Torrezão (s/d).



Caracterização: Na retaguarda do núcleo defensivo. Na linha de retirada defendendo a travessia na Ribeira da Fróia, supostamente sobre a via de Castelo Branco – Sobreira Formosa.

É uma estrutura de planta quadrangular sendo a tipologia e método construtivo idênticos ao do Forte das Baterias. Tem como dimensões ortogonais 23 m x 23 m, entrada virada para Oeste e fosso em todo o perímetro, não sendo perceptíveis vestígios de canhoneiras. Segundo informação de um habitante local o interior do forte era utilizado como “cemitério de burros”. O estado de

conservação é regular, encontrando-se ocupado por mancha de eucaliptal e apresentando rodados de veículos nalguns pontos do talude.



Segundo relatos informados à Arquitecta Isabel Gaspar, da Câmara Municipal de Proença-a-Nova, em tempos foi encontrado um conjunto de armas de fogo por um habitante local, supostamente no interior do forte, que foi entregue pelo achador ao Museu Tavares Proença Júnior em Castelo Branco. Está-se a tentar obter dados mais seguros e pretende-se ir ver o conjunto ao depósito onde se encontra.

Ainda não foi realizado o levantamento da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “Fortim de planta quadrangular com 23 m de lado, fosso e entrada centrada voltada para o lado poente. O desnível entre o topo da estrutura do forte e o fundo do fosso é de 2 m. O fosso também tem cerca de 2 m de largura no topo. Segundo informação prestada pelo Senhor Francisco Delgado Louro, residente em Fróia, e que nos conduziu ao local, o interior do forte serviu noutros tempos como “cemitério de burros”. Acerca desta estrutura afirmam Castello Melhor & Cardoso (1810) que “...a retirada de Talhadas para Cardigos he quase sempre vantajoza tendo apenas hum passo mão em frente da Sobreira Formosa hum reducto construído em 1801 (segundo dizem, pelos ingleses) que mostra a necessidade de occuparmos aquelle ponto com duas das nossas peças ligeiras para favorecer a retirada...”. Este forte também se encontra representado num mapa aguarelado do final do século XVIII (SA, 1762)” (Henriques, Caninas & Correia, 2002).

Nº: 17P

Designação: Bateria dos Fortes 1 **Tipologia:** Bateria em Semi-círculo
Cronologia: 1762 **CMP:** 290 **Altitude:** 390 a 400m **Morfologia:** Encosta
Distrito: Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Sobreira Formosa **Lugar:** Sobreira Formosa **Classificação:** Em Estudo c/ despacho abertura **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Retaguarda - Ribeira da Fróia.

Fontes documentais: DGPC CNS 11293 (Tipologia: Bateria; Designação: Fortes). Antunes (2008); Barrento (2006); Berger, Coord. (2008); Castello

Melhor & Cardoso (1810); Henriques, Caninas & Correia (2002); Monteiro & Pereira (2008); Monteiro (2012); Pretorius (1762); Silva (1976); Soriano (1876); Proença Júnior (1910); Torrezão (s/d).



(a NO)

Caracterização: Na retaguarda do núcleo defensivo e associada ao Forte dos Fortes. Na linha de retirada defendendo a travessia na Ribeira da Fróia, supostamente sobre a via de Castelo Branco – Sobreira Formosa.

É constituída por três estruturas semicirculares separadas entre si com dimensões rondando os 14-15 m de perímetro a 6-9 m de largura, formando uma barreira de fogo sob a face NE do forte. São definidas por taludes em terra e blocos de xisto (não se observam vestígios de muro) retirados do interior das estruturas sendo este rebaixado. O estado de conservação é regular, tendo em conta a fragilidade construtiva, encontrando-se em área de pinhal ardido, excepto a posição NO com denso coberto arbóreo (pinheiro) e arbustivo. Correm risco de rápida destruição face à erosão, circulação de madeireiros e viaturas.



(central)



(a SE)

Ainda não foi realizado o levantamento da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “Dois troços de bateria de encosta. Um dos troços está voltado para NE e tem a forma de um arco de círculo com cerca de 15 m de perímetros e 6 m de largura, incluindo os derrubes. Ao lado passa um caminho. O outro troço está voltado a NO, tem a forma de um L, com 14 m e 9 m de comprimento em cada um dos lados, e cerca de 6 m de largura incluindo derrube. São constituídos por terra e pedras (xisto) e apresentam-se muito

abatidos. A identificação desta estrutura deveu-se a uma indicação do Senhor Francisco Delgado Louro” (Endovélico; Henriques, Caninas & Correia, 2002).

Nº: 18P

Designação: Bateria dos Fortes 2 **Tipologia:** Bateria em Semi-círculo
Cronologia: 1762 **CMP:** 290 **Altitude:** 380m **Morfologia:** Encosta **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Sobreira Formosa
Lugar: Sobreira Formosa **Classificação:** Em Estudo c/ despacho abertura
Valor cultural: 4 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Retaguarda - Ribeira da Fróia.

Fontes documentais: DGPC CNS 11299 (Tipologia: Bateria; Designação: Alto do Moinho). Antunes (2008); Barrento (2006); Berger, Coord. (2008); Castello Melhor & Cardoso (1810); Henriques, Caninas & Correia (2002); Monteiro & Pereira (2008); Monteiro (2012); Pretorius (1762); Silva (1976); Soriano (1876); Proença Júnior (1910); Torrezão (s/d).

Caracterização: Na retaguarda do núcleo defensivo e associada ao Forte dos Fortes. Na linha de retirada defendendo a travessia na Ribeira da Fróia, supostamente sobre a via de Castelo Branco – Sobreira Formosa.

Sobre uma plataforma sobranceira à Ribeira da Fróia. Encontra-se em linha com as anteriores estruturas, na encosta virada a NE. Possui a forma de um arco de círculo bastante aberto e com maiores dimensões do que as anteriores, cerca de 30m de perímetro por 6m de largura. É constituída por um talude em terra e blocos de xisto (não se observam vestígios de muro)

retirados do interior da estrutura sendo este rebaixado. O estado de conservação é mau, terminando no seu interior um caminho, encontrando-se em área de pinhal ardido. Corre risco de rápida destruição face à erosão, circulação de madeireiros e viaturas.

Ainda não foi realizado o levantamento da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “Bateria de encosta, voltada para NE, sobranceira à ribeira da Fróia. Tem a forma de um arco de círculo com cerca de 30 m de perímetros e 6 m de largura, incluindo os derrubes. É constituída por terra e pedras (xisto) e apresenta-se muito abatida. Foi atravessada, transversalmente, por um caminho florestal. A identificação desta estrutura deveu-se a uma indicação do Senhor Francisco Delgado Louro” (Endovélico; Henriques, Caninas & Correia, 2002).

Nº: 19P

Designação: Trincheira de Vale de Urso 1 **Tipologia:** Trincheira Fortificada
Cronologia: 1762 / 1801? **CMP:** 302 **Altitude:** 370m **Morfologia:** Encosta
Distrito: Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Proença-a-Nova **Lugar:** Vale de Urso **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Retaguarda - Ribeira da Sarzedinha.

Fontes documentais: (Tipologia: Trincheira; Designação: Estrada Nacional 233). Caninas, Henriques, Sabrosa, Henriques, Batista & Chambino (2004); Monteiro & Pereira (2008); Monteiro (2012).



(em 2009)

Caracterização: Na retaguarda do núcleo defensivo. Na linha de retirada defendendo a travessia na Ribeira da Sarzedinha, supostamente sobre a via de Sobreira Formosa - Proença-a-Nova (continuação da via Castelo Branco-Sobreira Formosa).

Localiza-se à entrada do vale, a Este de Vale de Urso, numa encosta com pendor bastante acentuado, sobranceira à estrada nacional, à entrada de um troço onde esta atravessa um vale em forma de desfiladeiro. A esplanada foi

nivelada na rocha, tendo os inertes resultantes da acção sido utilizados para formar o talude, que é constituído maioritariamente por fragmentos de xisto. O talude deve ter sido compactado e deve conter terras no interior, motivo pelo qual ainda subsiste em grande parte, apesar da inclinação da encosta.



(actualmente, terras a cobrir a esplanada)

O talude é linear não se observando vestígios de muro interior. Possui cerca de 15 m de comprimento fazendo uma curvatura para O e terminando a NE no encosto com uma cota natural mais elevada. Trata-se de uma posição de

infantaria tendo por objectivo cobrir o contingente em retirada e emboscar o exército invasor.

A estrutura ficou encaixada entre a EN233 e o acesso à estrada para Oleiros-Pampilhosa que foi construída em 2010. O talude da nova estrada originou uma movimentação de terras que cobrem quase integralmente a esplanada da estrutura, podendo ter coberto igualmente um troço do talude no extremo Este. A estrutura encontra-se com denso coberto vegetal (arbóreo – pinheiros e eucaliptos – e arbustivo) que dificulta a observação desta. Sensivelmente a meio foi cravado no talude da estrutura uma cavilha de um esticador de um poste dos telefones.

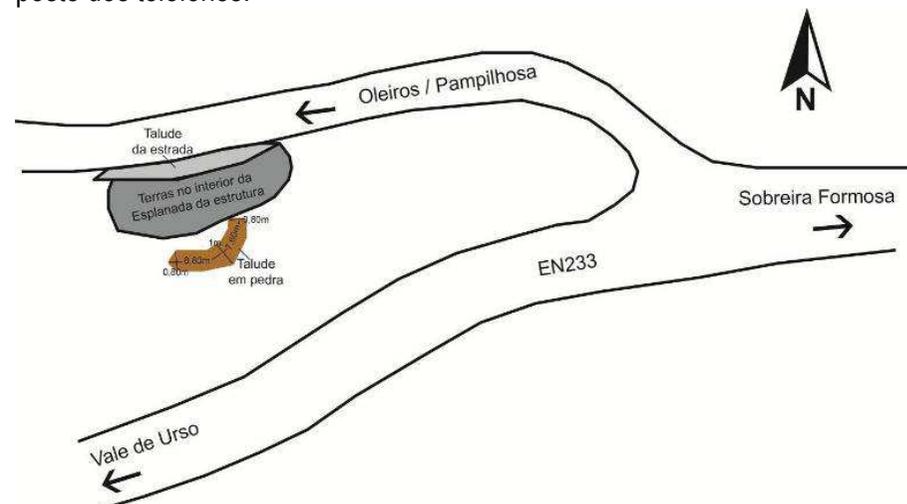


Figura 14. Croqui do estado actual da Trincheira de Vale de Urso 1

Descrições anteriores: “Estrutura situada em encosta sobranceira à estrada nacional 233 num trecho onde está percorre um vale encaixado em forma de

desfiladeiro, entre as aldeias de Pucariço e Vale de Urso. Consiste num aterro linear, com 15 m de comprimento, rematado num dos lados por um segmento com cerca de 2 m de comprimento. Apresenta-se constituído (em observação de superfície) por pequenos fragmentos de xisto e terra, bem compactada e tem configuração regular. Está envolvida por pinhal. Atendendo às suas características e posição topográfica, e tal como no caso anteriormente citado (ocorrência 6), poderá tratar-se de uma estrutura militar, para infantaria, destinada a cobrir o recuo de contingentes militares que se deslocassem de oriente para ocidente, ou seja das posições do Moradal e das Talhadas (Nunes et al., 2003) em direcção a Abrantes. Em acção conjugada com a trincheira situada a SO permitia emboscar tropas invasoras” (Caninas *et al.*, 2003).

Dimensões: Talude com cerca de 2,20 m de altura no ponto central.

Nº: 20P

Designação: Trincheira de Vale de Urso 2 **Tipologia:** Trincheira Linear
Cronologia: 1762 / 1801? **CMP:** 302 **Altitude:** 370m **Morfologia:** Encosta
Distrito: Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Proença-a-Nova **Lugar:** Vale de Urso **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Retaguarda - Ribeira da Sarzedinha.

Fontes documentais: (Tipologia: Trincheira; Designação: Estrada Nacional 233). Caninas, Henriques, Sabrosa, Henriques, Batista & Chambino (2004); Monteiro & Pereira (2008); Monteiro (2012).



Caracterização: Na retaguarda do núcleo defensivo. Na linha de retirada defendendo a travessia na Ribeira da Sarzedinha, supostamente sobre a via de Sobreira Formosa - Proença-a-Nova (continuação da via Castelo Branco-Sobreira Formosa).

Localizada a SO da anterior, deveria trabalhar conjuntamente com esta. É formada por um soalco linear sustentado por um muro de pedra, muito arruinado, cerca de 66 m de comprimento. A sua construção consistiu na escavação de uma estreita plataforma na encosta rochosa, que termina numa

face rochosa do lado NE, e na construção de um muro de pedra no bordo do socalco.



Caso tivesse um talude em terra no exterior este foi totalmente destruído pela erosão. Tem uma posição sobranceira à estrada num troço onde esta atravessa um estreito desfiladeiro que dificultaria consideravelmente a passagem e movimentação de um exército numeroso. A localização a meia encosta, a inclinação bastante acentuada desta e a existência de uma pequena linha de água no vale constituem elementos que concedem a esta posição uma elevada vantagem sobre o invasor, sendo apenas necessário um pequeno contingente de infantaria para a defender. Teria como função cobrir os contingentes militares em retirada e atrasar o avanço do invasor. O estado de conservação é mau, devido à erosão, encontrando-se numa área de pinhal que também ocupa a estrutura.

Ainda não foi realizado o levantamento da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “Socalco sustentado por muro de pedra, muito arruinado. Tem cerca de 66 m de comprimento. Está envolvido por pinhal. A sua construção consistiu na escavação de uma plataforma de trabalho na encosta rochosa e na construção de um muro de pedra no bordo do socalco. Tem uma posição sobranceira à estrada nacional 233 num trecho onde está percorre um vale encaixado em forma de desfiladeiro, entre as aldeias de Pucariço e Vale de Urso. Atendendo às suas características (não pode ser interpretado como socalco agrícola ou para sustentação de oliveiras) e posição topográfica, poderá tratar-se de uma estrutura militar, para infantaria, para cobrir o recuo de contingentes militares que se deslocassem de oriente para ocidente, ou seja das posições do Moradal e das Talhadas (Nunes et al., 2002) em direcção a Abrantes. De facto, aquando de um reconhecimento efectuado em 1810, é referido que a retirada das tropas “de Talhadas para Cardigos he

quase sempre vantajosa tendo apenas hum passo mão em frente da Sobreira Formosa, junto à ribeira da Froia...; he muito boa a comunicação daquele ponto para a Sobreira formosa. Sobre a Ribeira do pocariço temos huma posição muito boa para cobrir a retirada...” (Castello Melhor & Cardozo, 1810). Ora a ribeira do Pocariço situa-se nas proximidades da estrutura em apreço, o que não invalida a existência de estruturas similares ao longo da estrada da Sobreira. As coordenadas indicam dois pontos extremos da estrutura. 0596111-4401399; 0596171-4401427” (Caninas *et al.*, 2003).

Nº: 21P

Designação: Forte das Baterias 2 (de S. Jorge) **Tipologia:** Forte **Cronologia:** 1762 **CMP:** 290 **Altitude:** 307m **Morfologia:** Topo de Monte **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Montes da Senhora **Lugar:** Catraia Fundeira **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Destruído **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Vanguarda - Ponte do Alvito.

Fontes documentais: Antunes (2008); Barrento (2006); Castello Melhor & Cardoso (1810); Pretorius (1762); Silva (1976); Soriano (1876); Proença Júnior (1910); Torrezão (s/d).

Caracterização: Na linha de vanguarda do núcleo defensivo. Encontra-se no topo do monte, em posição que coincide com o mapa de 1762.

Está muito destruído e é quase imperceptível, não só devido aos ténues vestígios como ao denso coberto arbustivo e arbóreo (pinheiro).



(início do talude a N)

Do lado Este a encosta é bastante acentuada e o talude inexpressivo. Do lado Sul verifica-se uma ligeira elevação que poderá corresponder ao talude.

No lado Oeste não se identificaram evidências do fecho do forte, devendo ser deste lado que se encontrava a entrada. A via da Catraia vinha dar a este lado e continuava depois pelo lado Norte do forte. O monte faz uma ampla plataforma aplanada entre a via e a encosta a Este. Poderia dar-se o caso de o forte prolongar-se para Oeste até ao fim da plataforma. Nesta área (extremo Oeste da plataforma) observou-se uma vala de orientação S-N que poderá

corresponder ao fosso Oeste do Forte ou a uma outra estrutura entrincheirada que existia na retaguarda do forte (à semelhança do que se identificou no Forte das Batarías 1). Todavia, esta plataforma tem evidências de ter sido intensamente utilizada pelos madeireiros, pelo que é duvidosa a origem da vala.



(vala a O)

No lado Norte o talude é mais expressivo mas não se identificaram vestígios de fosso ou parede interna em pedra, contudo é o troço melhor preservado.

Todo o interior está ao nível da rocha encontrando-se esta aplanada.

O facto de apresentar elevado grau de destruição poderá dever-se a ter sido uma construção menos cuidada, recorrendo a materiais perecíveis, ou a uma destruição intencional. Uma fonte da época (descrição do confronto da Catraia, em 1762, por um militar que nele participou) menciona que arrasaram o forte (onde este se encontrava) para o inimigo não o poder utilizar. Poderia referir-se a este forte, dado que as restantes estruturas deste núcleo não apresentam evidências de tal destruição.

Descrições anteriores: Torrezão (s/d) menciona o Forte de La Lippe e o Forte do Alvito, tendo sido mandados destruir pelo conde Lippe quando as forças portuguesas tiveram que retirar. Estes poderão corresponder aos Fortes das Batarías I e II, o mais provável, ou aos Fortes da Catraia Fundeira I e II.

Dimensões: Visíveis – área aproximada do interior: S-N – 17,5 m; O-E – 16,3 m. - Talude Norte – 6,50 m de largura.

Nº: 22P

Designação: Bateria das Batarías 2 (de Santa Bárbara ou de S. Pedro)

Tipologia: Bateria **Cronologia:** 1762 **CMP:** 290 **Altitude:** 260m **Morfologia:** Encosta **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Proença-a-Nova **Freguesia:** Montes da Senhora **Lugar:** Catraia Fundeira **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Núcleo Fortificado da Portela da Catraia – Vanguarda - Ponte do Alvito.



Fontes documentais: Antunes (2008); Barrento (2006); Castello Melhor & Cardoso (1810); Pretorius (1762); Silva (1976); Soriano (1876); Proença Júnior (1910); Torrezão (s/d).

Caracterização: Na linha de vanguarda do núcleo defensivo e associada ao Forte das Batarías 2.

Estrutura na berma da EN233, tendo sido a esplanada parcialmente cortada pela construção desta, assim como, possivelmente, a extremidade Norte do talude.



Bateria em ângulo formando dois troços com cerca de 24 m cada. No troço Sul, o talude prolonga-se para Sul mais 5 m até junto da EN233, contudo, o talude não é tão largo e alto como os restantes 24 m pelo que poderão estes 5 m ter origem na construção da estrada ou ter sido afectados por esta. O troço Norte foi cortado por caminho em terra batida que dá acesso ao lugar do Casal da Ribeira. A extremidade deste troço poderá ter sido também afectada pela construção da estrada EN233 e certamente pela plantação de um sobreiro de grande porte que ali se encontra.

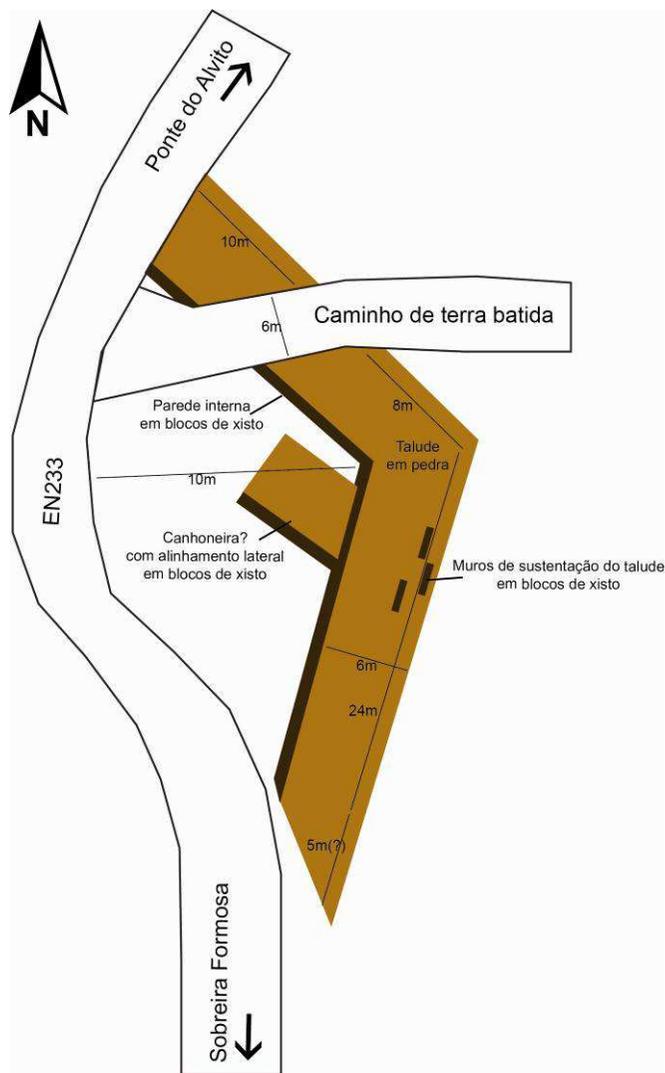


Figura 15. Croqui da Bateria das Baterias 2.

O ângulo da bateria está na direcção da linha de festo, sendo a visibilidade reduzida. No entanto, o troço Norte cobre toda a área a NE e a grande distância a estrada de Castelo Branco na margem oposta, mas sem visibilidade para a Ponte do Alvito. O troço Sul cobre todo o vale e montes a SE, encontrando-se neste o que parece ser uma rampa de canhoneira até ao nível do parapeito, estruturada com parede lateral em blocos de xisto (visíveis alinhamentos).

A área da bateria terá sido aberta na rocha, sendo o talude constituído por pedra (gravilha de xisto resultante da escavação). Na base do talude, no troço Sul, são visíveis muros constituídos por blocos de xisto que poderão corresponder a muros de sustentação do talude, dado o acentuado declive que este tem.

Concelhos de Vila Velha de Ródão e de Nisa

Foz do Cobrão

Nenhum reduto é referido neste local, provavelmente terá sido desprezado por não ter uma estrada de carro que permitisse a passagem de artilharia e de toda a logística que cerca de 5.500 soldados transportariam consigo, porém foi atravessado em 1762 pelo corpo (pelo menos parte dele) sob o comando do Conde de Huesca. É possível que ali estivessem contingentes de infantaria, apenas com o intuito de vigiar a passagem, no entanto, não se obtiveram referências a tal (Figura 16).

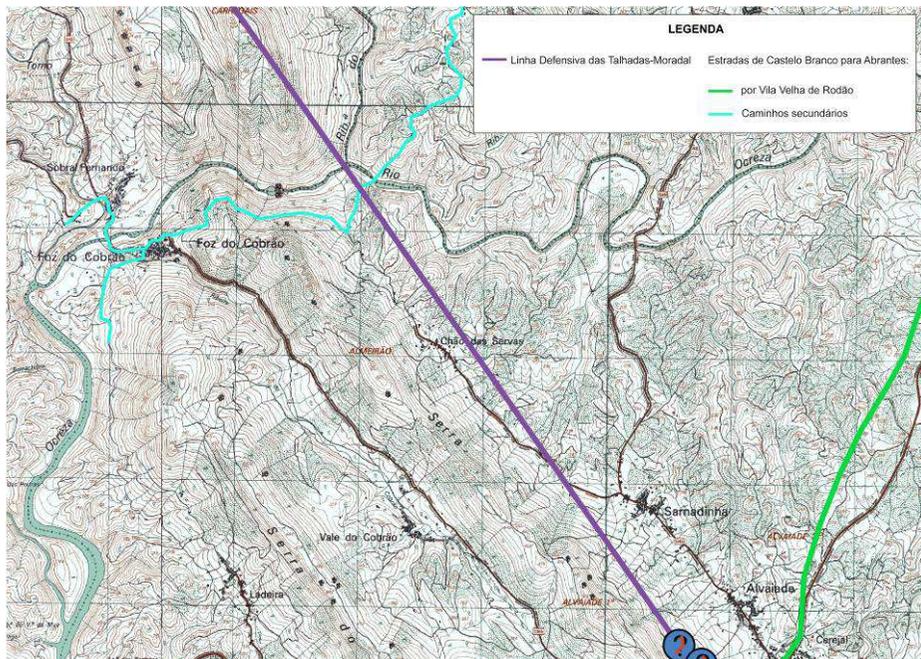


Figura 16. Passagem da Foz do Cobreiro referida nas fontes documentais. Sobre extracto das Cartas Militares de Portugal, Esc. 1:25.000, Folhas 302 e 303.

“Devido à acção das forças de Bourgoyne, na margem esquerda do Tejo, mesmo tendo Vila Velha de Ródão, a força inimiga não consegue apoderar-se da passagem do Tejo. Em 3 de Outubro, a força inimiga reinicia o movimento e, passando em Porto Cobreiro, ameaça a coesão do dispositivo do Exército Anglo-Português” (Barrento, 2006, p. 72).

Também em 1807, na primeira invasão napoleónica, se encontrou uma referência à passagem de alguns homens de infantaria neste local.

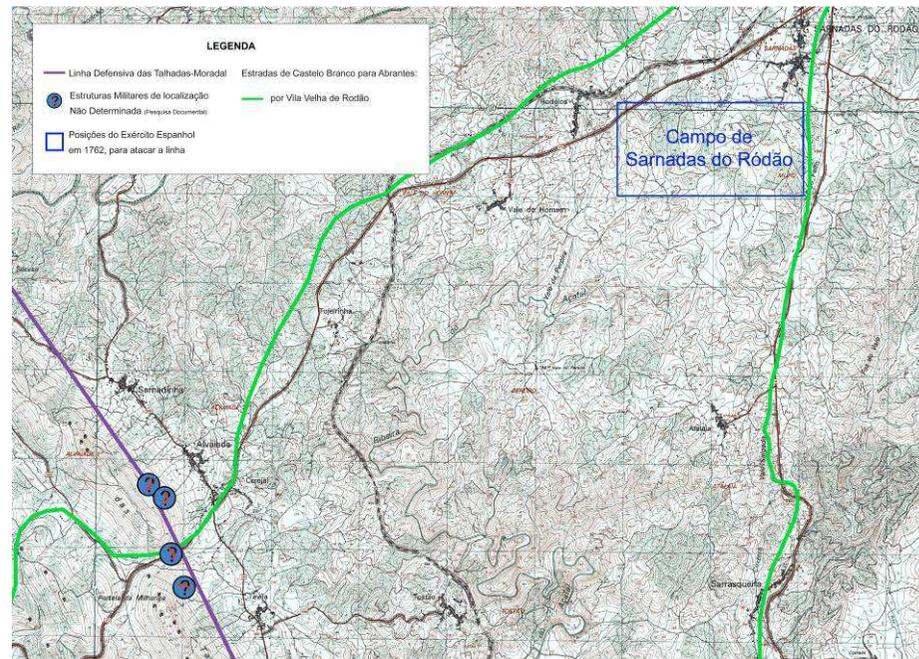


Figura 17. Redutos militares na Milhariça, referidos nas fontes documentais, não identificados em prospeção. Sobre extracto da Carta Militar de Portugal, Esc. 1:25.000, Folha 303.

Posição da Milhariça

“Para defender esta garganta, aonde passa hum ramo da estrada que vem de Castello Branco para Vila Velha, há quatro Baterias huma dentro della, e trez fora, duas ao Norte, ehuma ao Sul da Estrada, todas colocadas o melhor que he possivel naquelle terreno, [...]” (Castello Melhor & Cardoso, 1810, p. 447).

Não há referências a confrontos nesta posição, contudo deveria estar ocupada pelas forças de Vila Velha de Ródão, pelo que terá sido conquistada pelo exército espanhol no mesmo momento em que caiu Vila Velha de Ródão.

A referência à passagem do corpo do exército espanhol pela Foz do Cibrão não deverá ser de todo certa. É provável que por ali tenha passado parte dele, mas a maioria, assim como a logística, deverão ter passado por esta portela, onde existia uma estrada de carro que permitia a penetração em direcção a Abrantes. Em 1807, na primeira invasão napoleónica, terá sido neste local que passou a 2.^a divisão do exército francês, comandada pelo General Loison, o que é significativo relativamente à serventia da via que atravessava esta portela.

Esta posição apenas foi prospectada há alguns anos por Francisco Henriques e João Carlos Caninas, não tendo sido alvo de prospecção no âmbito deste projecto (Figura 17).

Posição do Porto do Tejo

Tal como já foi referido anteriormente, esta posição é formada por três núcleos separados Figura (18), cada um deles com o seu comandante.

“[...] considerando isto parece-nos de grande importância aquelle posto, e por elle começamos poupando-nos a descrever exactamente huma Linha, que tantas vezes tem sido reconhecida” (Castello Melhor & Cardoso, 1810, pp. 446).

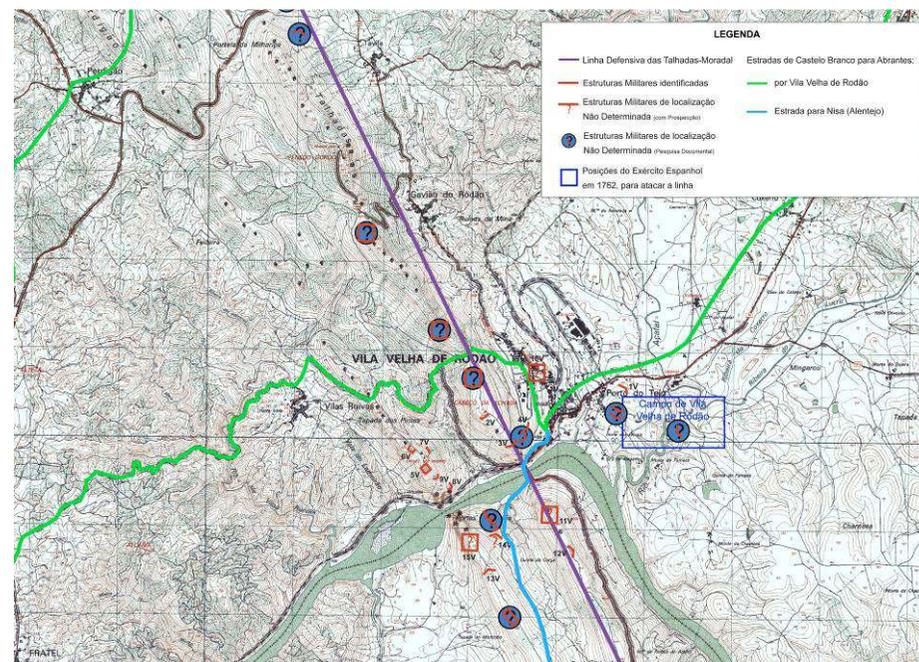


Figura 18. Redutos militares no Porto do Tejo, referidos nas fontes documentais e identificados em prospecção. Sobre extracto das Cartas Militares de Portugal, Esc. 1:25.000, Folhas 303 e 314.

A grande importância desta posição relaciona-se com o acesso ao Alentejo, situação que permitiria ao invasor encontrar-se com outras forças vindas pelo Sul e avançar facilmente por esta margem sobre Abrantes. De facto, em 1762, uma força vinda de Valência de Alcântara tentou atacar as praças de Marvão e de Castelo de Vide, tendo-se dado então os confrontos de Nisa e de Castelo de Vide, entre 8 e 15 de Novembro, que terminaram com a retirada do exército espanhol no Alentejo e o pedido de suspensão do conflito pelo conde de Aranda.

De momento esta é a posição para a qual se encontraram mais levantamentos cartográficos, realizados entre 1762 e 1807, permitindo identificar muitas estruturas. Algumas poderão nunca ter passado de um projecto, que não foi executado, outras terão sido destruídas ou simplesmente ainda não foram localizadas no terreno.

Assim, na margem norte do Tejo, temos o núcleo que abrange a serra sobre Vila Velha de Ródão: “Neste posto há cinco peças de Artilharia, duas de ferro de Calibre doze sobre o cume da Serra nas Baterias do Alto e Morro e três na Bateria da Praça, sendo duas destas de bronze, e em pequenos reparos de campanha ainda pezados. A Bateria do Alto bate de enfiada a grande distancia a Estrada de Castello Branco, está porem muito mal construída. A do Morro bate de modo q. he possível a Estrada de Niza, e a margem Esquerda do Tejo junto à Ponte; [...]. Na chamada Bateria da Praça há duas Peças assestadas a diferentes lanços de parapeito de hum reduto, que parece ter alli existido e batem a Estrada de Castello Branco, e a Ponte sobre o Tejo, e a terceira está assestada a hum parapeito construído em 96, ou 801, para bater a mesma Estrada em maior distancia” (Castello Melhor & Cardoso, 1810, pp. 446-447).

Neste são conhecidos quatro redutos, três dos quais construídos em 1762 e um em data indeterminada, entre 1790 e 1810.

Igualmente na margem norte, o núcleo do Castelo: “[...] lhe ordenou [Lippe] defender o Forte, q. servia de passagem ao Tejo. Hera o ditto Forte huma pequena Fortificação, q. o tempo tinha destruído, [...]”(Torrezão, s/d, p. 417).

No relatório que o General Burgoyne escreve sobre os combates em Vila Velha de Ródão, que ocorreram em 1762, refere a fortificação do castelo: “No mesmo dia encontrei um engenheiro que o Marechal tinha colocado no Castelo de Vila Velha, que está sobre uma Montanha da outra parte do rio, com a intenção de fortificar também este lugar” (Nunes, 2002, p. 22).

Também em 1801 o Marquês de Alorna “pôs o castelo de Vila Velha, um montão de pedras, em estado de se defender, levantando flechas e trincheiras” (<http://www.arqnet.pt/dicionario/alorna3.html>: Alorna (D. Pedro de Almeida Portugal, 5.º Conde de Assumar, 3.º marquês de Alorna).

Aqui são conhecidos cinco redutos, um dos quais poderá nada ter a ver com esta época. Dos outros quatro a fortificação do castelo e a bateria mais próxima do rio são seguramente de 1762, as restantes podem ter sido construídas entre 1762 e 1801.

Quanto à margem Sul do Tejo, são ocupadas as Serras do Paúl e das Corgas estando assinalados nos diversos levantamentos cartográficos vários redutos e entrincheiramentos. Destes, e apesar dos trabalhos de prospecção de Francisco Henriques e João Carlos Caninas, apenas foram identificados no terreno duas baterias, uma de 1762, outra de construção entre 1762 e 1801.

Nº: 1V

Designação: Bateria do Cabeço do Salvador **Tipologia:** Bateria em ângulo **Cronologia:** entre 1790 e 1810¹ **CMP:** 314 **Altitude:** 115m **Morfologia:** Meia encosta **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Vila Velha de Ródão **Freguesia:**

Vila Velha de Ródão **Lugar:** Cabeço do Salvador **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Núcleo Fortificado do Porto do Tejo/Vila Velha de Ródão – Margem Norte.



Fontes documentais: DGPC CNS 27559 (Tipologia: Fortificação; Designação: Fortificação do Cabeço de São Salvador). Henriques, Caninas & Correia (2002); Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia (2008); Leão (1805); Ramos (s/d); Torrezão (s/d).

Caracterização: Tinha como objectivo bater a estrada de Castelo Branco.

Localizada em encosta no extremo Norte do cabeço, sobre a estrada vinda de Castelo Branco para o Porto do Tejo, onde seria feita a travessia para a margem Sul do Rio Tejo.



Batia a estrada de Castelo Branco até cerca de 1-2 km de distância e controlava toda a planície de Norte a Este. Encontra-se a uma cota muito baixa, relativamente à estrada, sendo o acesso para o invasor relativamente fácil. A dificultar o acesso apenas se encontra a Ribeira do Açafal, sobre a qual a bateria se encontra posicionada.

Actualmente a zona industrial de Vila Velha de Ródão e a construção de casas de habitação encontram-se a poucos metros, tendo sido já construída uma estrada até à base do cabeço e os terrenos terraplanados por escavação.

Encontra-se actualmente bastante coberta com sedimento e denso coberto herbáceo, contendo algumas árvores de pequeno porte no extremo Sul. Terrenos com raros calhaus rolados contrastando com os terrenos nas cotas mais altas (terraço do Tejo).

Bateria em ângulo com ponto central virado para a estrada de Castelo Branco, visível no Google Earth.

A esplanada está coberta integralmente com sedimento que parece ser resultante do desmoronamento da encosta, possivelmente devido ao corte aberto para criação desta.

Não é visível muro interior nem fosso e o talude parece ser integralmente em terra. Esta está muito diluída na paisagem sendo difícil a sua observação. É no ângulo central que a estrutura se encontra melhor definida e o talude mais alto.

Poderia estar associada a outra estrutura, ou simplesmente a um ponto de vigilância, nas cotas mais elevadas.

Segundo a cartografia antiga a bateria (ou forte) estaria construída nas cotas mais elevadas do cabeço. No local, com excelente visibilidade para a estrada de Castelo Branco, encontram-se dois tanques para rega e existe uma informação de que existiam ali paredes em pedra. Poderá dar-se o caso de ter existido uma outra bateria (ou forte) no cabeço, tal é comum e seria uma

justificação lógica, haver no cabeço duas estruturas que se apoiariam mutuamente, face à localização da que permanece *in situ*. Como acima referido, encontrando-se a existente numa posição a uma cota muito baixa relativamente à estrada e sendo o acesso relativamente fácil, seria pouco eficaz, face ao invasor, sem o apoio de uma segunda estrutura. Caso apenas tenha sido construída esta bateria, ainda que a retirada das peças de fogo fosse rápida dada a proximidade com a estrada, apenas funcionaria por um curto período e faria poucos danos e atrasos no invasor, não sendo assim funcional, o que vai contra a lógica de um sistema defensivo. A ser um posto avançado com o objectivo de detectar o inimigo e dar o alerta bastaria uma trincheira com uns quantos soldados de sentinela.

Na cota mais elevada existem diversos muros em pedra na envolvente dos tanques (terrenos ocupados por olival), que correspondem a divisórias de propriedade, um dos quais, bastante destruído, passando rente à face Este dos tanques, pelo que não é possível confirmar se terá existido uma outra estrutura no topo do cabeço.

Poderá dar-se o caso da cartografia onde esta bateria se encontra representada corresponder a um projecto posteriormente alterado (na legenda é referida como “Obra Projectada”), tendo sido construída nas cotas mais baixas e não nas mais elevadas como se encontra representada.

Quanto à data de construção, deverá situar-se entre 1790 e 1810. Período em que o autor do plano (Ramos, s/d) desenvolveu trabalhos em Abrantes, e esta linha defensiva está claramente relacionada com a defesa desta cidade, que terá sido um centro de comando e um obstáculo para a invasão de Lisboa,

fazendo referências à Ponte de Barcas de Vila Velha¹. Esta referência poderá estar associada a uma reestruturação do sistema defensivo ali existente, possivelmente em 1796-97 (havendo menções à eventual construção de estruturas na linha), anos em que as relações diplomáticas com Espanha se encontravam cortadas e o exército espanhol se posicionava ao longo da fronteira.

Descrições anteriores: “Desta estrutura não restam vestígios. No local existem dois tanques construídos há algumas décadas. Um deles está assente sobre um aterro com cerca de 50cm de altura, que pode corresponder a restos de estrutura militar arrasada para o efeito. No plano do Tenente-Coronel Manoel de Souza Ramos está projectada uma construção de planta subtriangular com o vértice voltado a oriente e aberta a ocidente. Em mapa colorido, datado de 1762 (SA, 1762) a estrutura está orientada de forma inversa e num outro mapa, mais recente (Leão, 1805), é desenhada uma construção de planta quadrangular (forte?). É de admitir a possibilidade de esta estrutura não ter sido construída. Leão, 1805; Ramos, s/d; SA, 1762.” (Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia, 2008).

¹ “Entre 1790/1812, o “Coronel de Engenharia Manoel de Souza Ramos” elabora um plano, cujo texto se transcreve: “Plano de huns Cobertos para recolher as 60 Barcas Ponteneiras, q. forão do Real Arcenal da Marinha a servir nas Pontes, q. se lançarão no Tejo de Abrantes, e Rio Zêzere (entre 1780 e 1810?); os quaes poderão servir também para os 30 Bateis pertencentes à Ponte de Villa Velha tendo os ditos Cobertos mais metade do seu comprimtº.” (in: <http://coisasdeabrantes.blogspot.pt/2008/05/idades-e-pontes-militares-em-abrantes.html>).

Dimensões: Visíveis – Parapeito: 40 m, cerca de 20 m para cada lado. - Talude: 2,40 m altura máxima; 3,60 m de espessura.

Nº: 2V

Designação: Bateria da Torre Velha (ou do Alto) **Tipologia:** Bateria linear **Cronologia:** entre 1790 e 1810¹ **CMP:** 314 **Altitude:** 340m **Morfologia:** Topo de monte **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Vila Velha de Ródão **Freguesia:** Vila Velha de Ródão **Lugar:** Cabeço da Achada **Classificação:** Não tem **Valor Cultural:** 4 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Núcleo Fortificado do Porto do Tejo/Vila Velha de Ródão – Margem Norte.

Fontes Documentais: DGPC CNS 11217 (Tipologia: Bateria; Designação: Torre Velha). Batista (2001); Castello Melhor & Cardoso (1810); Henriques, Caninas & Correia (2002); Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia (2008); Hormigo (1980); Leão (1805); Pretorius (1762); Ramos (s/d); Silva (1976); Torrezão (s/d).

Caracterização: Tinha como objectivo bater a estrada de Castelo Branco e o ponto de travessia do Tejo.

Localizada no topo do monte, sobre o início da encosta Sul, imediatamente a Sul do vértice geodésico. Em linha de tiro sobre a Ponte de Barcas, a cerca de 750m a Sul (aproximadamente onde se encontra a actual ponte), na travessia do Rio Tejo.

Actualmente o terreno é ocupado por pinhal, observando-se cavidades originadas pela extracção de pedra, situações que terão contribuído para o

mau estado da estrutura. Toda a área tem densa manta morta, arbustos e frequente pedra solta.



Pelos vestígios identificados deveria formar uma estrutura aberta para norte, com possibilidade de ter existido um muro em pedra no lado Este, paralelo ao actual caminho e, certamente, ao que então serviria a bateria.

A parte melhor conservada corresponde à estrutura da bateria (a Sul), sendo esta de sentido SO-NE, formada por uma espessa parede interna em pedra

(quartzito) e talude em terra (sem fosso identificável). Nas extremidades continha paredes para Norte, sendo o troço Este quase inexpressivo. O talude não se prolongava para Este, sendo visível na extremidade do muro interno, e alinhado com este, um murete ao longo do talude que poderá servir de contenção e de fecho. No lado Oeste, o muro para Norte tem igualmente uma espessa parede interna e é contornado pelo talude (que acaba suavemente na extremidade Norte deste troço). Não se observam vestígios de que este tivesse continuidade para Norte.



A esplanada foi escavada no solo (certamente que aproveitando as terras no talude) criando uma área aplanada, tendo cerca de 10 m de largura e o comprimento da bateria. Para Norte desta o terreno é irregular e com frequentes afloramentos, não tendo aspecto de ter sido regularizada a inclinação natural da encosta.

Do troço de muro a Este não existem vestígios de continuidade para Norte, contudo, encontra-se um troço de muro em ruínas, cerca de 15 m a Norte, que está no alinhamento deste troço, pelo que poderá ter havido um muro no lado Este, ao longo do acesso, possivelmente com uma função defensiva deste flanco. Poderá dar-se o caso de ter pertencido a um abrigo construído para acoitar o contingente ali posicionado.

A Norte do troço de muro em ruínas encontra-se um pequeno abrigo (abrigo NE) que poderá estar relacionado com a estrutura militar ou ser um abrigo de pastor. De forma irregular, e entrada virada a SE, contém uma parede de boa construção em pedra seca que permanece erguida e contrasta com as restantes paredes do abrigo, em avançado estado de ruína. A parede melhor preservada é rectilínea podendo, apesar da inflexão para NO, fazer parte do muro a Este, caso este tivesse existido, formando assim um muro com cerca de 40 m de extensão. As restantes paredes do abrigo não são de construção tão cuidada e dão uma forma subcircular ao abrigo, parecendo estar adossadas à parede melhor preservada. Poderá ter sido construído aproveitando uma parede existente ou o estado de ruína das restantes paredes poderá camuflar a realidade.

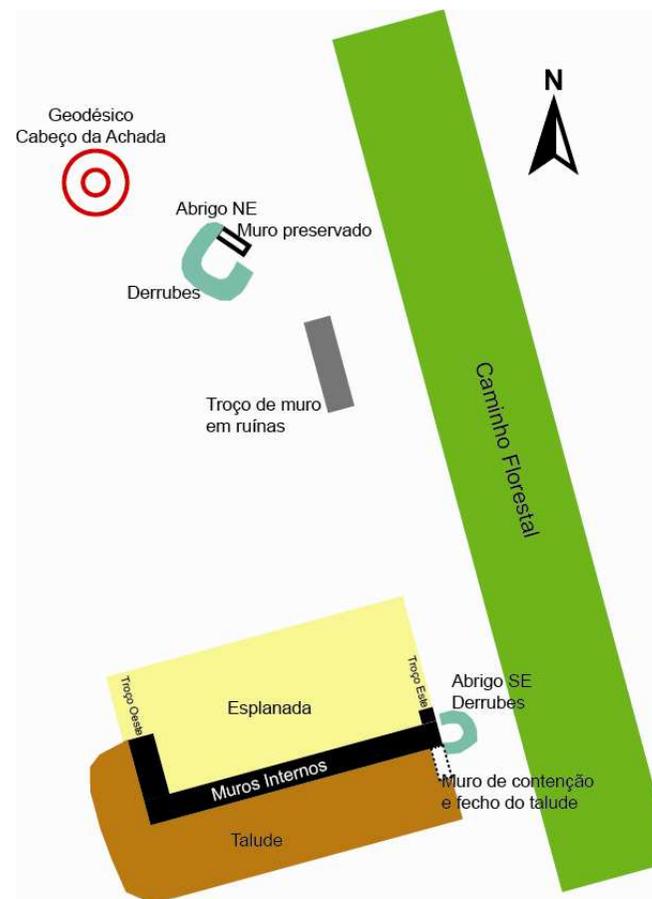


Figura 19. Croqui da Bateria da Torre Velha

No canto SE da bateria, do lado Este, foi construído um outro abrigo, ainda mais pequeno e muito destruído, com aparente entrada virada a Norte. Está adossado ao muro da bateria e tem uma forma subcircular. Também aqui

poderá estar associado à estrutura militar ou ser um abrigo de pastor construído posteriormente.

Para além das estruturas descritas não se observam vestígios de ter havido outras estruturas, pelo que seguramente a bateria era aberta para Norte e para Oeste e, com muitas reservas, fechada a Este, sendo a construção principal a estrutura a Sul e o troço Oeste, dando-lhe uma forma em “L”.

Quanto à data de construção, deverá situar-se entre 1790 e 1805. A primeira relacionada com o período em que o autor do plano (Ramos, s/d) desenvolveu trabalhos em Abrantes, e esta linha defensiva está claramente relacionada com a defesa desta cidade, que terá sido um centro de comando e um obstáculo para a invasão de Lisboa, fazendo referências à Ponte de Barcas de Vila Velha¹. Esta referência poderá estar associada a uma reestruturação do sistema defensivo ali existente, possivelmente em 1796-97 (havendo menções à eventual construção de estruturas na linha), anos em que as relações diplomáticas com Espanha se encontravam cortadas e o exército espanhol se posicionava ao longo da fronteira. A segunda porque é mencionada num reconhecimento militar de 1805 (Batista, 2001).

Descrições anteriores: “Actualmente observa-se uma parede em forma de L, com talude na face exterior. A face maior é perpendicular à linha de feito e mede 25m de comprimento. A face menor é perpendicular à primeira, está voltada para o Castelo de Vila Ruivas e mede cerca de 5,5m. O talude exterior, em declive, tem cerca de 8m de largura. Esta estrutura não corresponde ao forte de planta quadrangular projectado no plano do Tenente-Coronel Manoel de Souza Ramos. O acesso a este local, bem como às estruturas da Achada e

Baterias fazia-se, a partir de Ródão, por uma estrada de encosta, indicada naquele Plano como “estrada de comunicação já acabada” e que ainda era visível, com calçada rústica, há cerca de 15 anos. Parece corresponder à denominada Bateria do Alto que, segundo Castelo Melhor e Cardozo, “bate de enfiada a grande distancia a Estrada de Castelo Branco”, mas “está porem muito mal construída”. Um reconhecimento militar de 1805, copiado do Arquivo do Marquês de Alorna, também assinala uma bateria neste local. O topónimo Torre Velha surge associado na cartografia militar ao vértice geodésico existente nas proximidades da bateria descrita. No entanto, não é impossível que o topónimo original se localizasse em Vila Velha de Ródão, entre a Igreja Matriz e o Cemitério. É ali que se situa, aliás, a Quinta da Torre Velha. Em Vila Velha também existiu uma rua da Trincheira. Estes dois factos, a que se pode acrescentar o achado em 2001 de balas de canhão, em ferro, no decurso de uma obra também em Vila Velha (indicativos da proximidade de peças de artilharia) levam a admitir a hipótese de ter existido uma bateria na área da sede do concelho” (Endovélico; Henriques Caninas & Correia, 2002).

“Neste posto ha cinco peças de Artilharia, duas de ferro de calibre doze sobre o cume da Serra nas Baterias do Alto e Morro [...]. A Bateria do Alto [com uma peça] bate de enfiada a grande distancia a Estrada de Castello Branco, está porém muito mal construido” (Castello Melhor & Cardoso, 1810).

¹ “Entre 1790/1812, o “Coronel de Engenharia Manoel de Souza Ramos” elabora um plano, cujo texto se transcreve: “Plano de huns Cobertos para recolher as 60 Barcas Ponteneiras, q. forão do Real Arcenal da Marinha a servir nas Pontes, q. se lançarão no Tejo de Abrantes, e Rio Zêzere (entre 1780 e 1810?); os quaes poderão servir também para os 30 Bateis

pertencentes à Ponte de Villa Velha tendo os ditos Cobertos mais metade do seu comprimento” (in: <http://coisasdeabrantes.blogspot.pt/2008/05/idades-e-pontes-militares-em-abrantes.html>). Poderá ter sido neste período que o autor executou o plano de Vila Velha de Rodão (Ramos, s/d), onde se encontra representada a referida ponte de barcas.

Dimensões: Visíveis – Parede a Sul: comprimento 24 m; espessura 2 m. - Talude: espessura 6 m; altura 2 m. - Esplanada: 10 m largura; 24 m comprimento. - Troço Este: comprimento 0,76 m; largura 0,80 m. - Troço Oeste: comprimento 4,60 m; largura 2,10 m. - Abrigo SE, interior: 2,20 m O-E; 1,60 m S-N. - Troço em ruínas a Este: comprimento 7 m; largura 1,80 m. - Abrigo NE, exterior: Parede SE-NO 2,60 m comprimento; largura 0,80 m; altura 1m / Parede NE-SO 2,80 m comprimento / Parede NO-SE 2,90 m comprimento / Parede SO-NE 1,60 m / Entrada 0,60 m. - Distância do Abrigo NE à parede interna 40 m.

Nº: 3V

Designação: Bateria das Batarias (ou do Morro) **Tipologia:** Bateria **Cronologia:** entre 1762 e 1801 **CMP:** 314 **Altitude:** 270m **Morfologia:** Meia Encosta **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Vila Velha de Ródão **Freguesia:** Vila Velha de Ródão **Lugar:** Cabeço da Achada **Classificação:** não tem **Valor Cultural:** 4 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Núcleo Fortificado do Porto do Tejo/Vila Velha de Ródão – Margem Norte.

Fontes Documentais: DGPC CNS 11237 (Tipologia: Bateria; Designação: Batarias). DGPC CNS 27957 (Tipologia: Fortificação; Designação: Bateria).

Batista (2001); Castello Melhor & Cardoso (1810); Henriques Caninas & Correia (2002); Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia (2008); Hormigo (1980); Leão (1805); Pretorius (1762); Ramos (s/d); Silva (1976); Torrezão (s/d).



Caracterização: Tinha como objectivo bater a estrada de Nisa e o ponto de travessia do Tejo.

Ainda não foi realizado o levantamento descritivo da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: Repetição do mesmo sítio com dois CNS diferentes.

“Bateria implantada no topo da Serra da Vila, no rebordo voltado para o rio Tejo. No local observa-se uma estrutura semi-circular aberta a noroeste, com 13 metros de separação entre paredes. É feita em pedra seca. A largura do derrube é de 8 metros e a da muralha é de 1,5 metros. A muralha parece ter sido reforçada. Quanto à configuração, esta estrutura não corresponde à projectada no plano do Tenente-Coronel Manoel de Souza Ramos. Naquele mapa está registado o projecto de um “intrincheiramento para flanquear a bateria” da Achada, com a forma de ângulo muito aberto. Na serra da Vila, sobre a Achada, era frequente, até há poucas décadas, encontrarem-se balas de canhão, em ferro. O acesso a este local, bem como às estruturas da Achada e da Torre Velha fazia-se, a partir de Ródão, por uma estrada de encosta, indicada naquele Plano como “Estrada de comonicação já acabada” e que ainda era visível, com calçada rústica, há cerca de 15 anos. Parece corresponder à denominada Bateria do Morro que, Segundo Castello Melhor & Cardoso, bate de modo q. he possivel a Estrada de Niza, e a margem Esquerda do Tejo junto à Ponte” (de barcas). Um reconhecimento militar de 1805, copiado do Arquivo do Marquês de Alorna, assinala uma bateria neste local (Batista, 2001)” (Henriques Caninas & Correia, 2002; Endovélico).

“Neste posto ha cinco peças de Artilharia, duas de ferro de calibre doze sobre o cume da Serra nas Baterias do Alto e Morro [...]. A do Morro [com uma peça]

bate de modo q. he possivel a Estrada de Niza, e a margem Esquerda do Tejo junto à Ponte,” (Castello Melhor & Cardoso, 1810).

Nº: 4V

Designação: Bateria da Achada (ou da Praça?) **Tipologia:** Bateria
Cronologia: entre 1762 e 1801 **CMP:** 314 **Altitude:** 200m **Morfologia:** Meia Encosta **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Vila Velha de Ródão **Freguesia:** Vila Velha de Ródão **Lugar:** Cabeço da Achada **Classificação:** não tem **Valor Cultural:** 4 **Estado de conservação:** Regular **Posição:** Núcleo Fortificado do Porto do Tejo/Vila Velha de Ródão – Margem Norte.

Fontes documentais: DGPC CNS 20255 (Tipologia: Fortificação; Designação: Fortificação da Achada). Castello Melhor & Cardoso (1810); Henriques Caninas & Correia (2002); Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia (2008); Hormigo (1980); Leão (1805); Pretorius (1762); Monteiro (2012); Ramos (s/d); Silva (1976); Torrezão (s/d).

Caracterização: Tinha como objectivo bater a estrada de Castelo Branco e o ponto de travessia do Tejo. Estrutura onde foi realizada escavação arqueológica em 2004.

Ainda não foi realizado o levantamento descritivo da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “Implantada a meia encosta da serra da Vila, no sítio da Achada. Estrutura em ângulo obtuso constituída por dois braços lineares. O ponto de união dos braços é arredondado. Cada um dos braços tem 25m de

comprimento. A muralha é constituída por dois panos de alvenaria adoçados. No exterior, a altura máxima, no ponto central, é de 3m. Controlava a via de acesso ao Porto do Tejo. Esta estrutura corresponde à que está representada no plano do Tenente-coronel Manoel de Souza Ramos, uma "bateria em que actualmente se trabalha, e que deve flanquear a obra C" (ou seja, a estrutura projectada para o Cabeço do Salvador). O acesso a este local, bem como às estruturas das baterias e Torre Velha fazia-se, a partir de Ródão por uma estrada de encosta, indicada naquele Plano como "estrada de comonicação já acabada" atrás citada. Poderá corresponder à denominada Bateria da Praça onde, segundo Castelo Melhor e Cardozo, "há duas Peças assestadas a diferentes lanços de parapeito de hum reduto, que parece Ter alli existido e batem a Estrada de Castello Branco, e a Ponte sobre o Tejo, e a terceira está assestada a hum parapeito construido em 96 ou 801, para bater a mesma Estrada em maior distancia". Mais adiante, aqueles militares confirmam que a Bateria da Praça fica em posição inferior à Bateria do Morro, embora afirmem que estão distanciadas de "vinte passos mais ou menos", o que não é compatível com a posição das estruturas já citadas. Um dos braços, no ano de 2003, foi parcialmente destruído pela abertura nocturna de um aceiro, durante uma operação de combate a incêndios. Por este facto, em Maio de 2004, houve uma intervenção arqueológica no sentido da minimização deste impacto negativo. Após a intervenção arqueológica foi possível compreender que se trata de uma estrutura elaborada, constituída por dois muros de alvenaria em pedra seca, distanciados entre si. O primeiro, implantado em cota mais alta era a parede interior da estrutura defensiva. Entre este muro e o segundo pode observar-se uma câmara de redução de efeitos de choque e vibrações completamente preenchida com blocos de quartzito de pequeno tamanho. A

face exterior da estrutura é constituída por uma rampa uniforme de terra comprimida (tipo taipa) com função de protecção e minoração dos impactos" (Endovélico; Henriques Caninas & Correia, 2002).



"Neste posto ha cinco peças de Artilharia, [...] e trez na Bateria da Praça, sendo duas destas de bronze, e em pequenos reparos de campanha ainda que pezados. Na chamada Bateria da Praça ha duas Peças assestadas a diferentes lanços de parapeito de hum reduto, que parece ter alli existido e batem a Estrada de Castello Branco, e a Ponte sobre o Tejo, e a terceira está

assestada a hum parapeito construido em 96, ou 801 [1796 ou 1801], para bater a mesma Estrada em maior distancia.” (Castello Melhor & Cardoso, 1810). Pela descrição fica a ideia de que há uma bateria a uma cota mais elevada, a da Praça, que foi associada à agora designada como da Achada, onde se encontrava a referida terceira peça.

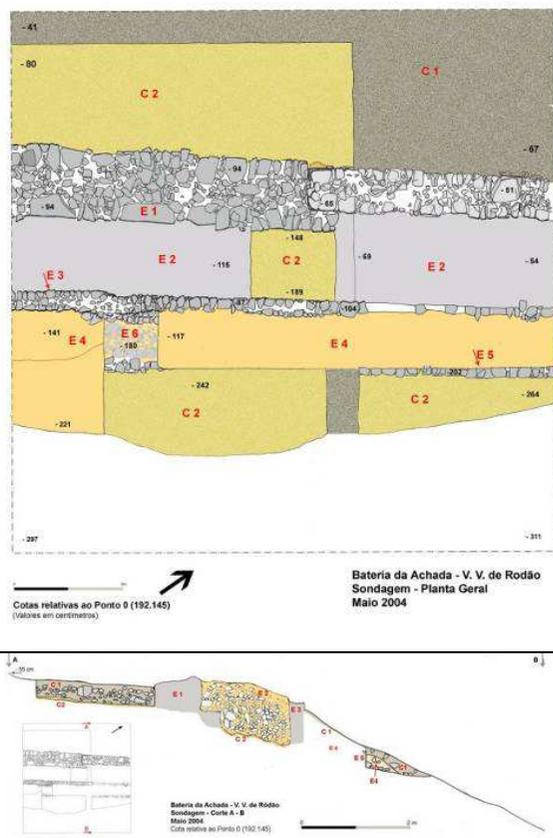


Figura 19. Desenho de campo retirado de Henriques *et al.*, 2008.

Nº: 5V

Designação: Bateria do Castelo **Tipologia:** Bateria **Cronologia:** 1762, 1801
CMP: 314 **Altitude:** 303m **Morfologia:** Topo de monte **Distrito:** Castelo Branco
Concelho: Vila Velha de Ródão **Freguesia:** Vila Velha de Ródão
Lugar: Castelo de Vila Velha de Ródão **Classificação:** dentro de IIP - Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 45/93, DR, I Série-B, n.º 280, de 30-11-1993
Valor cultural: 4 **Estado de conservação:** Indeterminado **Posição:** Núcleo Fortificado do Porto do Tejo/Castelo – Margem Norte.





Fontes documentais: DGPC CNS 27560 (Tipologia: Fortificação; Designação: Castelo do Rei Vamba). Castello Melhor & Cardoso (1810); Correia (1999); Henriques Caninas & Correia (2002); Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia (2008); Henriques & Monteiro (2007); Hormigo (1980); Leão (1805); Nunes (2002); Pretorius (1762); Ramos (s/d); Silva (1976); Torrezão (s/d).

Caracterização: Tinha como objectivo bater a estrada de Castelo Branco e o ponto de travessia do Tejo.

Foram realizadas sondagens arqueológicas no castelo em 1999 e escavações em 2007, todavia estas não abrangeram a rampa ali construída para colocar uma boca-de-fogo.

O Castelo foi utilizado em 1762 como fortificação da linha defensiva, sendo o local onde estaria o comando das forças a Norte do Tejo em 1762 (Regimento de Faro sob as ordens do Tenente-Coronel João da Silva e Cunha). Em 1801 foi entregue ao Marquês de Alorna (Marechal de Campo) o comando das forças no sector da Beira Baixa, mandando então fortificar “a posição das Talhadas com três redutos e outros entrincheiramentos, pôs o castelo de Vila Velha, um montão de pedras, em estado de se defender, levantando flechas e trincheiras” (<http://www.arqnet.pt/dicionario/alorna3.html>: Alorna (D. Pedro de Almeida Portugal, 5.º conde de Assumar, 3.º marquês de Alorna).

Em 2007 era ainda visível uma rampa para a colocação de uma boca-de-fogo na extremidade Sul do castelo. Nesse ano ou no seguinte a rampa foi coberta com saibro, no âmbito da requalificação do castelo, para nivelamento do piso, encontrando-se assim oculta, sendo inviável executar o levantamento da estrutura. Segundo informação do técnico responsável pelo trabalho, a rampa foi preservada.

A rampa adoça à muralha do castelo, a Sul e a Este, e tem um muro em pedra seca que a estrutura a Oeste, sendo preenchida, pelo menos à superfície, com terra batida.

Ainda dentro da cerca do castelo encontram-se duas estruturas contíguas com muros em pedra seca, de planta rectangular, e uma terceira, sobre o

afloramento, em completa ruína. Aparentemente trata-se de vestígios de abrigos construídos para albergar as forças ali posicionadas. No âmbito dos trabalhos realizados em 2007, as duas estruturas contíguas foram alvo de trabalhos arqueológicos, tendo sido removidos os derrubes pétreos que as preenchiam e envolviam e restaurados os troços de muros em perigo de ruir.

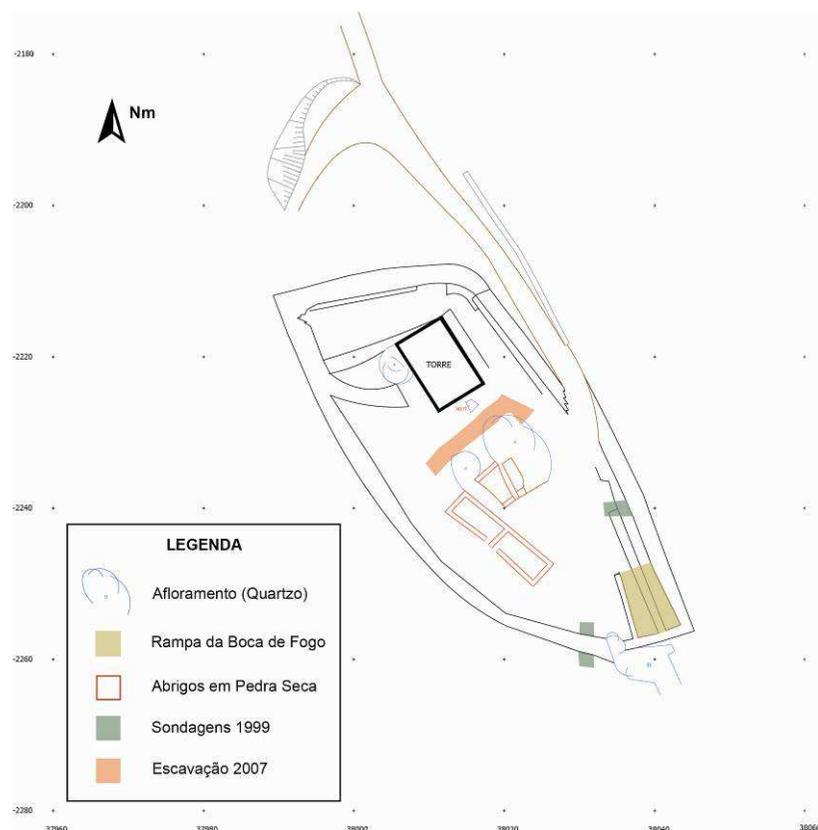


Figura 20. Planta esquemática sobre levantamento topográfico fornecido pela Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão.

Descrições anteriores: “A construção original de uma torre de vigia ou de um castelo sobre as Portas de Ródão data da Idade Média, do tempo dos Templários. No entanto, nos Sécs. XVIII e XIX esta posição foi utilizada pela artilharia luso-inglesa com a finalidade de impedir a travessia do Tejo pelos exércitos invasores (Alorna, 1801a, Alorna, 1801b, Soriano, 1867). Os trabalhos arqueológicos ali realizados em 1999 (Correia, 1999) permitiram documentar a construção de estruturas de cronologia moderna, contemporâneas daquelas invasões” (Henriques, Caninas & Correia, 2002).

O relatório dos trabalhos realizados em 1999 (Correia, 1999) refere terem sido exumadas quatro balas de chumbo, cerâmica comum e faianças, entre outros materiais.

“A construção original de uma torre de vigia sobre as Portas de Ródão data da Idade Média. No entanto no Século XVIII esta posição foi utilizada pela artilharia luso-inglesa, no decurso de confrontos militares, com a finalidade de impedir a travessia do Tejo pelos exércitos invasores. O General Barrento (2006, p. 69 e 72) refere que o Conde de Lippe “para impedir a passagem do exército inimigo no Tejo, determinou ao Brigadeiro Bourgoyne que, continuando a observar o rio Sever, por forma a não se ser surpreendido caso o inimigo tentasse alguma manobra nesta região, barrasse a passagem das forças inimigas para sul do Tejo. Para a defesa contribuía também a ocupação de um ponto forte na região do castelo de Vila Velha de Ródão, que mandou fortificar.” Noutro documento da mesma época (Torrezão, 1762), publicado pelo Tenente-Coronel Valdez dos Santos (Santos, 1976, p. 417) esta estrutura é qualificada como forte, que servia de passagem ao Tejo. “Hera o ditto Forte huma pequena Fortificação, q. o tempo tinha destruido, mas pareceo ao Conde

General, ..., ficaria bem defendido, especialm.^{te} tendose ordenado ao Brigadeiro Borgonha, commandante das Tropas, q. goarnecião a outra parte do Tejo, lhe desse o socorro necessario”. Os trabalhos arqueológicos ali realizados em 1999 (Correia, 2000) permitiram documentar a construção de estruturas contemporâneas daquelas invasões” (Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia, 2008).

Nº: 6V

Designação: Trincheira do Castelo Velho **Tipologia:** Trincheira Fortificada
Cronologia: entre 1762 e 1801 **CMP:** 314 **Altitude:** 300m **Morfologia:** Cumeada **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Vila Velha de Ródão
Freguesia: Vila Velha de Ródão **Lugar:** Castelo de Vila Velha de Ródão
Classificação: não tem **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Mau
Posição: Núcleo Fortificado do Porto do Tejo/Castelo – Margem Norte.

Fontes documentais: DGPC CNS 28158 (Tipologia: Muralha; Designação: Castelo). Henriques, Caninas & Correia (2002); Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia (2008); Torrezão (s/d).

Caracterização: Tinha como objectivo proteger os flancos e a retaguarda do castelo.

Ainda não foi realizado o levantamento descritivo da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “Situa-se no lado direito do caminho que dá acesso ao castelo de Vilas Ruivas, a cerca de 50m a norte da capela da Senhora do

Castelo. É uma muralha em forma de L de grande espessura” (Henriques, Caninas & Correia, 2002; Endovélico).

“Situa-se no lado direito do caminho que dá acesso ao castelo de Vilas Ruivas, cerca de 50m a NO da capela da Senhora do Castelo. No decurso da revisão da Carta Arqueológica de Ródão (2005) constatou-se corresponder a restos de um fortim (recinto poligonal com quatro lados), com fosso, muito danificado no lado do acesso ao castelo. Não consta nas fontes militares consultadas” (Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia, 2008).

Nº: 7V

Designação: Trincheira da Barroca da Senhora do Castelo **Tipologia:** Trincheira (?) / Bateria (?) **Cronologia:** entre 1762 e 1801 **CMP:** 314 **Altitude:** 200m **Morfologia:** Encosta **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Vila Velha de Ródão **Freguesia:** Vila Velha de Ródão **Lugar:** Castelo de Vila Velha de Ródão **Classificação:** não tem **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Núcleo Fortificado do Porto do Tejo/Castelo – Margem Norte.

Fontes documentais: DGPC CNS 27561 (Tipologia: Estrutura; Designação: Encosta do Castelo) Sítio mal localizado na base de dados da DGPC, esta localiza-o no sítio das Portas de Ródão. Henriques, Caninas & Correia (2002); Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia (2008).

Caracterização: Tinha como objectivo proteger o flanco este e a retaguarda do castelo.

Ainda não foi realizado o levantamento descritivo da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “Muralha espessa apoiada entre dois grandes blocos de quartzito, situada na encosta do Castelo, voltada a nascente” (Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia, 2008).

Nº: 8V

Designação: Bateria das Portas de Ródão **Tipologia:** Bateria **Cronologia:** 1762 **CMP:** 314 **Altitude:** 200m **Morfologia:** Meia encosta **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Vila Velha de Ródão **Freguesia:** Vila Velha de Ródão **Lugar:** Castelo de Vila Velha de Ródão **Classificação:** não tem **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Mau **Posição:** Núcleo Fortificado do Porto do Tejo/Castelo – Margem Norte.

Fontes documentais: DGPC CNS 27562 (Tipologia: Fortificação; Designação: Portas de Ródão) Sítio mal localizado na base de dados da DGPC, esta localiza-o no sítio da Encosta do Castelo (Barroca da Senhora do Castelo). Henriques, Caninas & Correia (2002); Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia (2008); Pretorius (1762); Ramos (s/d).

Caracterização: Tinha como objectivo bater o ponto de travessia do Tejo.

Ainda não foi realizado o levantamento descritivo da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “Estrutura defensiva situada no morro Norte das Portas de Ródão. É constituída por uma grossa parede que fecha o acesso ao Castelo em relação a uma incursão oriunda do rio Tejo” (Endovélico; Henriques, Caninas & Correia, 2002).

Nº: 9V

Designação: Bateria do Castelo **Tipologia:** Indeterminado **Cronologia:** Indeterminado **CMP:** 314 **Altitude:** 250m **Morfologia:** Meia encosta **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Vila Velha de Ródão **Freguesia:** Vila Velha de Ródão **Lugar:** Castelo de Vila Velha de Ródão **Classificação:** não tem **Valor cultural:** Indeterminado **Estado de conservação:** Indeterminado **Posição:** Núcleo Fortificado do Porto do Tejo/Castelo – Margem Norte.

Fontes documentais: DGPC CNS 33283 (Tipologia: Estrutura; Designação: Castelo).

Caracterização: Tinha como objectivo bater o ponto de travessia do Tejo.

Esta estrutura apenas se encontra na base de dados da DGPC. As coordenadas fornecidas aqui não coincidem com o ponto facultado pela mesma base de dados.

Segundo informação de Francisco Henriques esta estrutura é dada como sendo de cronologia indeterminada, possivelmente uma muralha mais antiga, todavia, dada a excelente localização, não é de desprezar a possibilidade de ter sido utilizada a posição no âmbito da linha defensiva.

Ainda não foi realizado o levantamento descritivo da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “Área revestida por densa vegetação. Estrutura constituída por grossa muralha com 26 m de comprimento por 3 de altura. Assenta, no extremo sul, num grande afloramento quartzítico. O interior do paredão está entulhado com blocos soltos de quartzito” (Endovélico).

Nº: 10V

Designação: Estruturas em Vila Velha de Ródão **Tipologia:** Bateria/Trincheira? **Cronologia:** entre 1762 e 1801 **CMP:** 314 **Altitude:** Indeterminado **Morfologia:** Meia encosta **Distrito:** Castelo Branco **Concelho:** Vila Velha de Ródão **Freguesia:** Vila Velha de Ródão **Lugar:** Vila Velha de Ródão **Classificação:** não tem **Valor cultural:** Indeterminado **Estado de conservação:** Indeterminado **Posição:** Núcleo Fortificado do Porto do Tejo/Vila Velha de Ródão – Margem Norte.

Fontes documentais: Henriques, Caninas & Correia (2002); Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia (2008).

Caracterização: Tinha como objectivo bater a estrada de Castelo Branco.

Ainda não foi realizado o levantamento descritivo da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “O topónimo Torre Velha surge associado na cartografia militar ao vértice geodésico existente nas proximidades da bateria

descrita. No entanto, não é impossível que o topónimo original se localizasse em Vila Velha de Ródão, entre a Igreja Matriz e o Cemitério. É ali que se situa, aliás, a Quinta da Torre Velha. Em Vila Velha também existiu uma rua da Trincheira. Estes dois factos, a que se pode acrescentar o achado em 2001 de balas de canhão, em ferro, no decurso de uma obra também em Vila Velha (indicativos da proximidade de peças de artilharia) levam a admitir a hipótese de ter existido uma bateria na área da sede do concelho” (Henriques, Caninas & Correia, 2002).

”Na parte elevada e mais antiga da vila existia uma rua da Trincheira e têm sido achadas balas de canhão em ferro, como a que está exposta na Exposição Permanente de Arqueologia no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento. A referência a “praça” no documento de Castelo Melhor & Cardoso (1810) permite pressupor um sistema defensivo mais complexo no núcleo urbano antigo desta vila. Também se situa aqui a quinta da Torre Velha” (Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia, 2008).

Nº: 11V

Designação: Fortim da Serra do Paul **Tipologia:** Forte/Bateria? **Cronologia:** 1762 **CMP:** 314 **Altitude:** 270m **Morfologia:** Cumeada **Distrito:** Portalegre **Concelho:** Nisa **Freguesia:** Santana **Lugar:** Serra do Paul **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** Indeterminado **Estado de conservação:** Indeterminado **Posição:** Núcleo Fortificado do Porto do Tejo/Nisa – Margem Sul.

Fontes documentais: (outra designação: Serra do Paúl 1). Henriques, Caninas & Correia (2002); Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia (2008); Hormigo (1980); Ramos (s/d); Torrezão (s/d).

Caracterização: Tinha como objectivo bater a estrada de Castelo Branco e o ponto de travessia do Tejo.

Ainda não foi realizado o levantamento descritivo da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “O plano do Tenente-Coronel Manoel de Souza Ramos indica uma estrutura em projecto. No local não foi identificada qualquer estrutura. Deduz-se que não terá sido construída” (Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia, 2008).

O referido mapa tem a legenda *Dito* [Reduto] *na Serra do Paul*.

Num mapa (Hormigo, 1980) encontra-se aqui assinalada uma estrutura, tendo como legenda “Partidas de los Ingleses qué ocupaban las dos Alturas”, sendo este um mapa desenhado e abandonado pelos espanhóis no período em que ali decorreram confrontos em 1762.

Nº: 12V

Designação: Bateria da Serra do Paul **Tipologia:** Bateria **Cronologia:** entre 1762 e 1801 **CMP:** 314 **Altitude:** 270m **Morfologia:** Cumeada **Distrito:** Portalegre **Concelho:** Nisa **Freguesia:** Santana **Lugar:** Serra do Paul **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:**

Indeterminado **Posição:** Núcleo Fortificado do Porto do Tejo/Nisa – Margem Sul.

Fontes documentais: DGPC CNS 11253 (Tipologia: Bateria; Designação: Serra do Paúl; outra designação: Serra do Paúl 2). Henriques, Caninas & Correia (2002); Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia (2008); Hormigo (1980); Ramos (s/d); Torrezão (s/d).

Caracterização: Tinha como objectivo bater a estrada para Nisa.

Ainda não foi realizado o levantamento descritivo da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “Estrutura constituída por cordão de blocos quartzíticos de tamanho médio, com 27 m de comprimento, 3 m de largura máxima e 50 cm de altura. Formaria um grande ângulo se a sua configuração não fosse arredondada. O braço voltado a NE tem 13 m de comprimento e o braço NO tem 14 m. Este local domina o Porto do Tejo e o caminho da Corga, mas não o rio Tejo. O plano do Tenente-Coronel Manoel de Souza Ramos indica um reduto projectado, de planta quadrangular” (Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia, 2008).

Nº: 13V

Designação: Bateria da Serra da Corga 1; Bateria da Serra da Corga 2 **Tipologia:** Bateria **Cronologia:** entre 1762 e 1801 **CMP:** 314 **Altitude:** 280m **Morfologia:** Cumeada **Distrito:** Portalegre **Concelho:** Nisa **Freguesia:** Santana **Lugar:** Serra da Corga **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 4

Estado de conservação: Indeterminado **Posição:** Núcleo Fortificado do Porto do Tejo/Nisa – Margem Sul.

Fontes documentais: DGPC CNS 11255 (Tipologia: Bateria; Designação: Serra da Corga). Henriques, Caninas & Correia (2002); Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia (2008); Hormigo (1980); Pretorius (1762); Ramos (s/d); Torrezão (s/d).

Caracterização: Tinha como objectivo bater a estrada que passava na Corga e o ponto de travessia do Tejo.

Ainda não foi realizado o levantamento descritivo da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “Duas baterias situadas na linha de fecho da Serra da Corga. Estão envolvidas por densa vegetação arbustiva que dificulta uma melhor compreensão da sua configuração. Não constam no plano do Tenente-Coronel Manoel de Souza Ramos.

A bateria 1 localiza-se a Este do caminho que percorre o topo da serra. Foi construída com blocos de quartzito e terra. Tem desenvolvimento linear, irregular, e no lado Este uma pequena curvatura para Sul. Tem rampeamento voltado a Norte (80 cm de altura máxima, 2460 cm de comprimento e 360 cm de largura).

A bateria 2 situa-se imediatamente a Oeste do caminho. É constituída por blocos de quartzito e terra. O rampeamento exterior é pouco largo. Em planta tem a forma de um L maiúsculo (50 cm de altura máxima, 300 cm de largura e

2460 cm de comprimento máximo)” (Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia, 2008).

Nº: 14V

Designação: Bateria da Barroca da Corga **Tipologia:** Bateria **Cronologia:** 1762 **CMP:** 314 **Altitude:** Indeterminada **Morfologia:** Encosta **Distrito:** Portalegre **Concelho:** Nisa **Freguesia:** Santana **Lugar:** Serra da Corga **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** 4 **Estado de conservação:** Indeterminado **Posição:** Núcleo Fortificado do Porto do Tejo/Nisa – Margem Sul.

Fontes documentais: outra designação: Barroca da da Corga. Henriques, Caninas & Correia (2002); Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia (2008); Hormigo (1980); Pretorius (1762); Ramos (s/d); Torrezão (s/d).

Caracterização: Tinha como objectivo bater a estrada que passava na Corga e o ponto de travessia do Tejo.

Ainda não foi realizado o levantamento descritivo da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “Não restam vestígios da bateria que poderá ter sido construída neste local, talvez em consequência do revolvimento do solo ali efectuado para plantio de eucaliptos. Um mapa abandonado pelos invasores aquando da Guerra dos Sete Anos assinala neste local um entrincheiramento e uma bateria sob o acampamento das tropas inglesas (Hormigo, 1980: estampa XX; Nunes, 2002, figura 10). Também se encontra representada

noutro documento do século XVIII (SA, 1762). O Marquez de Alorna (Alorna, 1801b), em carta dirigida ao general Forbes, pode estar a referir-se a esta estrutura (ou ao seu reforço) quando afirma “eu vou á manhã a villa Velha, para concluir o estabelecimento da Ponte, e farei toda a diligencia por fazer alguma obra na montanha de S. Miguel, de sorte que logo que lá chegarem as péssas de maior calibre tenham o seu lugar feito”, embora também se possa admitir que o objectivo era a construção das estruturas identificadas na Serra das Corgas (nº 10). O mapa de um reconhecimento militar efectuado em 1805 (Leão, 1805) assinala uma bateria de ângulo com a legenda Bateria 62, número que deverá indicar a data da sua construção em 1762, durante a Guerra dos Sete Anos” (Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia, 2008).

Nº: 15V

Designação: Portas de Ródão **Tipologia:** Indeterminado **Cronologia:** Indeterminado **CMP:** 314 **Altitude:** Indeterminada **Morfologia:** Cumeada **Distrito:** Portalegre **Concelho:** Nisa **Freguesia:** Santana **Lugar:** Serra da Corga **Classificação:** Não tem **Valor cultural:** Indeterminado **Estado de conservação:** Indeterminado **Posição:** Núcleo Fortificado do Porto do Tejo/Nisa – Margem Sul.

Fontes documentais: Henriques, Caninas & Correia (2002); Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia (2008); Hormigo (1980); Pretorius (1762); Ramos (s/d); Torreção (s/d).

Caracterização: A existir, teria como objectivo bater o ponto de travessia do Tejo.

Pelo menos num mapa (Hormigo, 1980) encontra-se aqui assinalada uma estrutura, tendo como legenda “Partidas de los Ingleses qué ocupaban las dos Alturas”. Poderá dar-se o caso de ter sido aproveitada a estrutura pré-existente, tal como foi o caso do Castelo do Rei Vamba.

Ainda não foi realizado o levantamento descritivo da estrutura no âmbito do Projecto.

Descrições anteriores: “Estrutura inédita, identificada por membros da Associação de Estudos do Alto Tejo. Não parece ter relação nem ter sido utilizada no decurso dos conflitos militares em apreço” (Henriques, Caninas, Sabrosa, Henriques & Gouveia, 2008).

8. A Pedra da Escrita. Uma curiosa laje grafitada.

Aproveitando este artigo, dá-se a conhecer uma curiosa laje em xisto onde foram grafitadas quatro linhas de texto.

A laje foi encontrada em 2012 quando a equipa associada ao projecto deu um passeio ao Forte das Batarias I. Por um feliz acaso a luz do sol incidia num monte de pedras removido do interior do forte e de imediato saltou à vista que uma das lajes tinha algo inscrito.

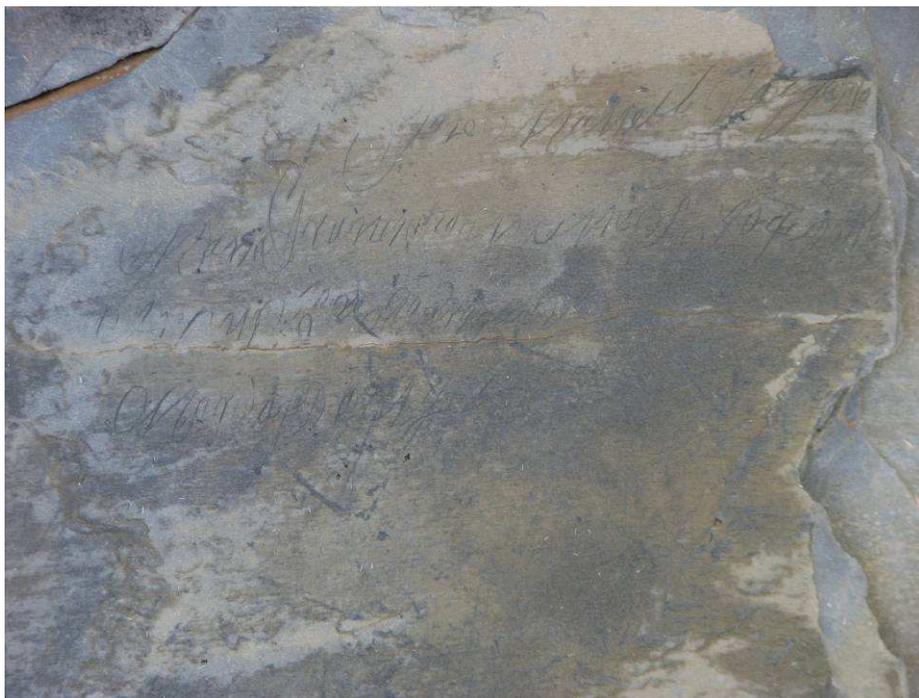


Figura 21. Fotografia do campo grafitado da Pedra dos Rabiscos.

Estando a superfície desta fracturada no lado direito, tal parece não ter afectado o texto grafitado, ou pelo menos afectou pouco, dado que todas as palavras estão completas.

As palavras são maioritariamente nomes, aparentemente escritos pelo mesmo individuo que garatujou a Pedra dos Rabiscos (Monteiro, 2012) e a Pedra da Data (Monteiro & Pereira, 2008; Monteiro, 2012). A caligrafia, os motivos aleatórios, o nome José ou João Manuel, do qual apenas apareciam as primeiras letras na Pedra dos Rabiscos, em tudo coincidem.

Os grafismos foram feitos numa escrita cursiva, continua, provavelmente feitos com uma pedra sobre a superfície lisa da laje em xisto, dado que por vezes a incisão se separa em duas linhas paralelas (possivelmente por se partir a ponta). As incisões são pouco profundas, muitas vezes apenas riscando a patina da superfície. Perante tudo isto é difícil obter uma leitura exacta, sendo a interpretação possível o que abaixo se apresenta.

Temos assim um autor para estes documentos rupestres executados em 1801, tal como nos informa a Pedra da Data. Este aparece na primeira linha da Pedra da Escrita, e não é João, trata-se de

Jose Manell Salzeira

Na segunda linha surge um nome comprido e algo confuso, cuja leitura não é clara, não sendo legível o fim do segundo nome próprio, ou primeiro apelido, daí se propor uma interpretação com várias possibilidades, interrogadas e entre parêntesis.

Maria (Manoel ?) Aruncio [...] (Arunciano /Anunciação ?) Nunes JaquiM

Poderá dar-se o caso de Jaquim ser o início de um outro nome, praticamente colado ao anterior, que se perdeu quando a superfície da laje lascou.

Na terceira linha o nome é perfeitamente legível, sendo este

Antonio Jose Rodrigues

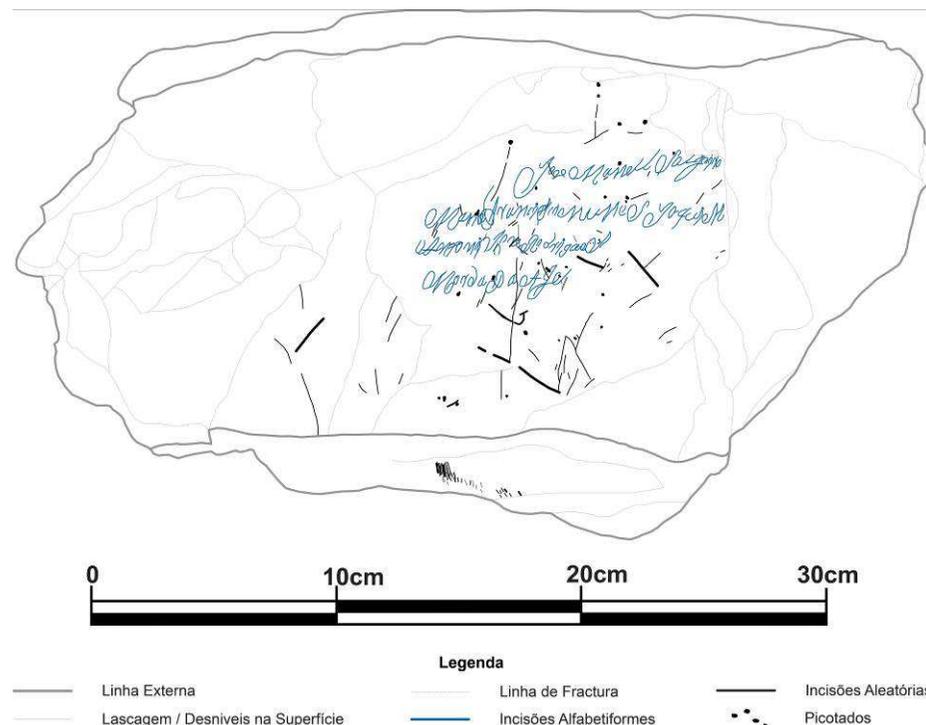


Figura 22. Decalque da “Pedra da Escrita”, laje de xisto grafitada encontrada no Forte das Batarias.

Por fim, a quarta linha é a mais confusa, sendo a leitura difícil. Poderá não corresponder a um nome, e caso o seja seria de um indivíduo estrangeiro, mas sim ao posto de um daqueles cujo nome ali se encontra, presumivelmente do autor. Consta assim

Morda (Mor da ?) Da (P a ?) Age (Agel ?)

Supomos que esta linha se refere ao cargo de Sargento-mor (Mor da ...), podendo a segunda e a terceira palavras corresponderem a abreviaturas da unidade militar a que pertenciam.

Em 1763-64 a reforma do exército português, implementada pelo conde de Lippe, estabelece uma nova organização dos regimentos, sendo então exigido como atributo do sargento-mor saber ler e escrever (como nos informou o Sr. Coronel José Faia – Coronel de Artilharia reformado, que amavelmente nos indicou onde poderíamos consultar o regulamento), dado que os oficiais superiores poderiam ser analfabetos.

No regulamento consta assim: “Eu, Guilherme por Graça de Deus, Conde reinante de Schaumburg, Conde e nobre, senhor da Lippe e Thranberg, Marechal General das Tropas de Sua Majestade Fidelíssima, Cavaleiro da Ordem da Águia Negra, etc. Para evitar dúvidas que se possam oferecer sobre esta matéria, estabeleço o seguinte: Que de ora em diante, todo o Sargento que nas mostras responda pela companhia e que pela natureza do seu encargo deve saber ler e escrever correctamente porque o Oficial Comandante da mesma pode não o saber, por ser Fidalgo. Dado em Salvaterra de Magos. 16 de Fevereiro de 1764” (*in*: <http://lagosmilitar.blogspot.pt/2008/09/conde-lippe-o-sargento-mor-e-o-fidalgo.html>). Este regulamento manteve-se entre finais do século XVIII e inícios do XIX, pelo que é provável que seja este um desses casos.

É conveniente esclarecer que à época o Sargento-Mór não correspondia ao actual sargento, mas sim ao que é hoje em dia um oficial com a patente de

Major, que estaria encarregue do comando e da administração de uma companhia.

Certamente o autor era um homem letrado mas com muitas limitações na escrita. Ainda que tenha uma bela caligrafia, as suas limitações denunciavam-se quando escreve tal como pronunciava os nomes. Assim, o nome Manuel apresenta-se com duas variações, ou sejam, nas formas “Manell” e “Manoel”, o nome Joaquim como “Jaquim”, para além disso, frequentemente termina o nome com letra maiúscula, certamente porque achava bonito.

É assim que nos é apresentado um testemunho que ficou para o futuro, onde ficaram registados os nomes de alguns militares que ali foram colocados em 1801, no âmbito da Guerra das Laranjas.

Poderia o autor, o José Manuel Salgueiro, estar a identificar-se conjuntamente com o grupo dos camaradas mais chegados, ou mesmo a registar o pequeno grupo que ali estaria de plantão, aproveitando as longas horas de tédio para praticar a sua escrita, enquanto esperava por uma invasão que ali não passou.

Documentação de Referência

Bibliografia

Alorna (1801a): “Plano e disposições para a defesa da fronteira entre o Tejo e o Douro, desde Villa Velha até ao Escallão pelo Marechal de Campo Marquez

de Alorna datado de 26 de Março de 1801”, *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. 18, p. 79-84, Lisboa, 1948.

Alorna (1801b): “Copia da correspondencia, relativa ao plano de defeza do Reino, derigida pelo Marquez de Alorna ao General Forbes”, *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. 18, p. 85-90, Lisboa, 1948.

Amaral, Manuel (2004): *Batalhas de Portugal. Olivença. 1801. Portugal em Guerra do Guadiana ao Paraguai*. Tribuna da História, Lisboa, 112 pág.

Antunes, Luís Filipe R. (2008): “Francisco Tavares Proença Júnior: um Arqueólogo “Moderno” na Pré-História da Arqueologia Portuguesa?”. *Arkeos. Perspectivas em Diálogo*, 22, CEIPHAR, Instituto Politécnico de Tomar, pp. 39-172.

Azevedo, L. (2009): “Apontamentos para uma Monografia de Cardoso”, *Cardo - Boletim Cultural e Informativo*, nº 1, ARAC, pp. 8-10.

Barata, Manuel Themudo (Dir.); TEIXEIRA, Nuno Severiano (Dir.), (2004): *Nova História Militar de Portugal*, vol. 3, Círculo de Leitores.

Batata, Carlos António Moutoso (1997): *As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho*, Centro de Estudo e Protecção do Património da Região de Tomar.

Batista, Graça (2001): *Vila Velha de Rodão. Viagens do Olhar*, Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Rodão, 240 pág.

Barrento, António (2006): *Batalhas de Portugal. Guerra Fantástica. 1762. Portugal, o Conde de Lippe e a Guerra dos Sete Anos*. Tribuna da História, Lisboa, 98 pág.

Berger, José Paulo (2008), Coord.: *A Fronteira da Beira e a Defesa do Território. Cartografia, Fortificação e Arquitectura Militar dos Séculos XVIII-XIX*. Catálogo de Exposição, Centro de Interpretação de Fortes e Baterias da Sobreira Formosa, Câmara Municipal de Proença-a-Nova, Proença-a-Nova, Novembro de 2008.

Brito, António Pedro da Costa Mesquita (2011): *Publicações Alemãs Sobre o Conde de Lippe. Uma Orientação Bibliográfica*. In: http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=627

Catharino, Padre Manuel Alves (1933): *Concelho de Proença-a-Nova (Monografia)*, Câmara Municipal de Proença-a-Nova, Proença-a-Nova (edição reproduzida da edição original).

Canêlhas, Armando (2002): *O Tempo dos Franceses e as Linhas de Torres*, Câmara Municipal de Torres Vedras.

Caninas, João; Henriques, Francisco (1992): “Nova Contribuição para a Microtoponímia Rodanense”, *Preservação*, 13, 111 p, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.

Caninas, João Carlos; Henriques, Francisco; Gouveia, Jorge (1997): “O Castelo de Ródão e a Capela da Senhora do Castelo”, *Ibn Maruan*, 6, Câmara Municipal de Marvão, p. 183-203.

Carvalho, Nuno; Cunha, Pedro P.; Martins, António A.; Tavares, Alexandre (2006): “Caracterização Geológica e Geomorfológica de Vila Velha de Ródão – Contribuição para o Ordenamento e Sustentabilidade Municipal”, *Açafa*, 7, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Carvalho, Carlos Neto; Rodrigues, Joana (2012): “Património Geológico de Proença-a-Nova: Caracterização e Gestão no âmbito do Geopark Naturtejo”. *Açafa On-line*, n.º 5, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Castello Melhor, Marquês de; Cardoso, Manoel Jozé Dias (1810): “Sobre o Giro que por ordem do Ill.mo e Ex.mo S.or Tenente General António Jozé de Miranda Henriques fizeram os Ajudantes de Campo Marquez de Castello Melhor e Manoel Jozé Dias Cardoso, pelas Linhas de posição de Talhadas, Águas Quentes e S. Domingos”. *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, 46.º Vol., Lisboa, 1976, pp. 445-456.

Correia, Fernando Branco (1999): *Relatório dos Trabalhos Levados a Cabo no Castelo de Vila Velha de Ródão (Projecto Açafa)*. Relatório depositado na Associação de Estudos do Alto Tejo.

Geraldo, Coronel José Custódio Madaleno (2009): *José Maria das Neves Costa e As Linhas de Torres Vedras*. In: http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=530+

Gotteri, Nicole (2006): *Napoleão e Portugal*, Teorema, 314p.

Guia de Portugal (1994): Volume 3 (Beira), Tomo II (Beira Baixa e Beira Alta), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 677-678.

Henriques, Francisco J. R. (1973): "Mito e Realidade no Passado de Vila Velha de Ródão", *Época Juvenil*, 4 de Abril, Lisboa.

Henriques, Francisco; Caninas, João Carlos (1980): "Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa", *Preservação*, 3, 82 p, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Henriques, Francisco; Caninas, João Carlos (1986): "Nova Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa", *Preservação*, 7, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Henriques, F.; Caninas, J.; Gouveia, J. (2005): *Serra das Talhadas. Fortins e Baterias da Ponte do Alvito e da Ponte da Fróia*, Catálogo da Exposição 25 Sítios Arqueológicos da Beira Interior, Associação de Desenvolvimento Estudo e Defesa do Património da Beira Interior (ARA) e Câmara Municipal de Trancoso, Trancoso, p. 44-45.

Henriques, Francisco; Caninas, João Carlos; Sabrosa, Armando; Henriques, Fernando; Gouveia, Jorge (2007): "As Estruturas Militares da Serra das Talhadas na Passagem de Ródão (Vila Velha de Ródão e Nisa)", *Actas das 3ª Jornadas de Arqueologia do Norte Alentejano* (Abril de 2005).

Henriques, Francisco; Caninas, João Carlos; Correia, Fernando Branco (2002): "As Estruturas Militares da Serra das Talhadas. (concelhos de Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Nisa)". *Açafa*, n.º 5, Actas do Colóquio "As Invasões Peninsulares e a Região de Rodão". (Vila Velha de Ródão, Maio de 2000). Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, pp. 43-71.

Henriques, Francisco; Caninas, João Carlos; Sabrosa, Armando; Henriques, Fernando Robles; Gouveia, Jorge (2008): "As Estruturas Militares da Serra das Talhadas na Passagem de Ródão. (Vila Velha de Ródão e Nisa)". *Açafa On-line*, n.º 1, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, pp. 2-29.

Henriques, F.; Caninas, J.; Azevedo, L.; Monteiro, M. (2009): "Antiguidades de Cardosa e Moradal", *Cardo- Boletim Cultural e Informativo*, nº 1, ARAC, pp. 2-7.

Hormigo, José Joaquim Mendes (1980): *Plantas de Povoações da Beira Baixa (séc. XVIII)*, edição do autor, 38p.

Hormigo, José Joaquim Mendes (1983): *A Beira Baixa vista por Artistas Estrangeiros (sécs XVIII-XIX)*, Museu Francisco Tavares de Proença Jr, Castelo Branco.

Hormigo, José Joaquim Mendes (2002) – "A Iconografia das Portas de Ródão nas Invasões Francesas", *Açafa*, 5, Actas do Colóquio "As Invasões Peninsulares e a Região de Rodão". (Vila Velha de Ródão, Maio de 2000). Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, p. 35-41.

Marbot, General Barão de (2006): *Memórias sobre a 3ª Invasão Francesa*, Caleidoscópico SA, 144p.

Manso, João (2012): "As Iniciativas do Município de Proença-a-Nova na Valorização do Património Militar Construído". *Açafa On-line*, n.º 5, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Marques, Luísa Pacheco (2012): “Valorização e Divulgação das Estruturas Militares da Serra das Talhadas – Projecto Integrado de Turismo Cultural e Paisagístico”. *Açafa On-line*, n.º 5, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Marques, Paulo (2002): “Os Fortes Militares que “Amedrontaram as Tropas Napoleónicas”, *Raia*, 38, Castelo Branco, p. 36-41.

Mascarenhas, António José Mais de (2012): “A Reacção dos Portugueses às Invasões Napoleónicas – A Importância das Talhadas”. *Açafa On-line*, n.º 5, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Miranda, Cónego Francisco; Godofredo Ferreira (1966): “Documentos e Notas para a Monografia de Sarzedas”, separata de *Estudos de Castelo Branco*.

Monteiro, Mário; Pereira, André (2008): “O Forte das Batarrias sobre a Ribeira do Alvito. Proença-a-Nova. Análise Preliminar da Intervenção Arqueológica”. *Açafa On-line*, n.º 1, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Monteiro, Mário (2012): “A Linha Defensiva das Talhadas-Moradal: um ensaio sobre a tipologia das estruturas militares identificadas”. *Açafa On-line*, n.º 5, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Moreira, Coronel de Engenharia Bastos (1984): “Castelo de Ródão”, *Boletim do Exército*, 290, Lisboa, p. 24.

Nogueira, José Manuel Freire (1995): *As Guerras Liberais: uma Reflexão Estratégica Sobre a História de Portugal*, Tese de Mestrado, Universidade Técnica, Lisboa.

Nunes, António Lopes Pires (2002): “A Guerra dos Sete Anos e a Invasão Francesa na Beira Baixa. Aspectos Militares”. *Açafa*, n.º 5, Actas do Colóquio “As Invasões Peninsulares e a Região de Ródão”. (Vila Velha de Ródão, Maio de 2000). Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, pp. 11-34.

Nunes, António Lopes Pires (2005): *Dicionário de Arquitectura Militar*, Caleidoscópio, Vale de Cambra.

Nunes, Graça (1994): “As Invasões Francesas e o Tejo”, *Histórias do Tejo*, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 65-80.

Oliveira, Acácio C. (s/d): *Sarzedas e seu Termo*, Tribuna da História Lda.

Pimentel, João Maria Pereira d' Amaral (1881): *Memórias da Villa de Oleiros e o seu Concelho*, Angra do Heroísmo.

Proença Júnior, Francisco Tavares de (1910): *Archeologia do Districto de Castello Branco – 1ª Contribuição para o seu Estudo*. Leiria.

Ribeiro, Orlando; Lautensach, Herman; Daveau, Suzanne (1987): *Geografia de Portugal. 1. A Posição Geográfica e o Território*, Edições Sá da Costa, Lisboa.

SA (2002): “Mais vestígios do passado”, *Boletim Municipal do Concelho de Proença-a-Nova*, 19, Proença-a-Nova, p. 19.

SA (2003): *Rota das Invasões, Percursos Pedestres de Vila Velha de Ródão*, Associação de Estudos do Alto Tejo e Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, folheto.

Santos, Tenente-coronel N. Valdez dos (1976): "A ocupação francesa de Junot segundo documentos existentes no Arquivo Histórico Militar", *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. 46, Lisboa, p. 85-462.

Sousa, Maria Leonor Machado de, Coord. (2007): *A Guerra Peninsular em Portugal – Relatos Britânicos*, Caleidoscópio, Lisboa.

Silva, António Manuel M. (2007): "O Francês da Fróia", *Agenda Cultural*, Novembro, Município de Proença-a-Nova, pp. 6-7.

Silva, António Manuel M. (2008): "Proença-a-Nova na Resistência aos Franceses", *Agenda Cultural*, Novembro, Município de Proença-a-Nova, p. 6.

Silva, B. Martins (1976): "Chronologia Histórica, Política e Diplomática e Militar e Parlamentar de Portugal. Desde que Sua Alteza o Príncipe D. João Reassumiu a Regência do reino em 1799, até aos Nossos Dias". *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, 46.º Vol., Lisboa, 1976, pp. 89-111.

Silva, António Manuel (2012): "Guilherme de Schaumburg-Lippe. O Homem para Levantar o Rei". *Açafa On-line*, n.º 5, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Soriano, Simão José da Luz (1867): *História do Reinado del-Rei D. José I e da Administração do Marquez de Pombal*, 2 tomos (555+644 p), Typographia Universal, Lisboa.

Soriano, Simão José da Luz (1876): "História do Reinado del-Rei D. José I e da Administração do Marquez de Pombal". *Documentos e Notas para a*

Monografia de Sarzedas, pelo Cónego Francisco Alexandrino Duarte de Miranda e Godofredo Alberto dos Santos Ferreira, (s/l), 1986, pp. 80-91.

Soromenho, Paulo Caratão (1965): "Lendário Rodanense", *Revista de Portugal*, série A, vol. 30, p.430-447.

Ternas, Gabriela Ferreira Gândara da Silva e Borges (1991): *O Portugal da Guerra Peninsular: A visão dos Militares Britânicos (1808-1812)*, edições Colibri, Lisboa.

Torrezão, Simão Coelho (s/d): "Epilogo Histórico da Guerra de Portugal com Castela. No Anno de 1762. Offerecido a S.A.R. O Seren.mo Príncipe Nosso Senhor. Por Simão Coelho Torrezão. Sargento-mor da Câmara de Tavira". *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, 46.º Vol., Lisboa, 1976, pp. 405-423.

Ventura, António (2006): *Planos Espanhóis para a Invasão de Portugal (1797-1801)*. Livros Horizonte, Lisboa, 118 pág.

Ventura, António (2008): *Guerras e Campanhas Militares da História de Portugal. Guerra das Laranjas. 1801*. QuidNovi, Matosinhos, 96 pág.

Vicente, António Pedro (2007a): *Guerras e Campanhas Militares da História de Portugal. Guerra Peninsular. 1801-1814*. QuidNovi, Matosinhos, 104 pág.

Vicente, António Pedro (2007b): "Invasões Francesas. 1801. Ano Zero". In: *Revista Actual* de 24 de Novembro, Expresso, Lisboa.

Vilhena, Maria Assunção (1995): *Sobreira Formosa: Passado e Presente*, Junta da Freguesia de Sobreira Formosa.

VV AA (1983): *Comunicações das 1ª Jornadas Regionais sobre Monumentos Militares*. Distrito de Castelo Branco (Março de 1983), ARCINPE – Associação Regional Arqueológica e Defesa do Património dos Concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Penamacor.

Outros Documentos

Caninas, João; Henriques, Francisco; Sabrosa, Armando; Henriques, F. Robles; Batista, Álvaro; Chambino, Mário (2004): *Relatório sobre a Avaliação do Descritor Património Arqueológico do Relatório de Conformidade Ambiental do Projecto de Execução da Linha Pinhal Interior – Falagueira a 150 KV e Subestação de Corgas (Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Nisa)*, elaborado por EMERITA, Lda. para PROCESL, Lda., Lisboa.

Caninas, João Carlos; Henriques, Francisco; Batata, Carlos & Batista, Álvaro (2003): *Aproveitamento Eólico do Pinhal Interior - Estudo de Incidências Ambientais do Parque Eólico do Moradal (Oleiros) e Interligação Eléctrica entre Moradal e Furnas (Oleiros, Castelo Branco) - Relatório sobre a Avaliação do Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico*, elaborado por EMERITA, Lda, Lisboa.

Henriques, Fernando Robles; Monteiro, Mário (2007): *Relatório Final dos trabalhos de escavação arqueológica no Castelo do Rei Vamba (Vilas Ruivas, Vila Velha de Rodão). Projecto VAMBA de Requalificação e Valorização do Espaço Envolvente do Castelo de Ródão*, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Correia, Fernando Branco, 2000: *Relatório dos trabalhos levados a cabo no Castelo de Vila Velha de Ródão (Projecto AÇAFA)*, Associação de Estudo do Alto Tejo.

Cartografia

IGeoE (1993): Carta Militar de Portugal, Escala 1: 25000, Folha 266, Orvalho: Oleiros, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa.

IGeoE (1993): Carta Militar de Portugal, Escala 1: 25000, Folha 267, Almagreira: Castelo Branco, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa.

IGeoE (1993): Carta Militar de Portugal, Escala 1: 25000, Folha 278, Oleiros, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa.

IGeoE (1993): Carta Militar de Portugal, Escala 1: 25000, Folha 279, Salgueiro do Campo: Castelo Branco, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa.

IGeoE (1993): Carta Militar de Portugal, Escala 1: 25000, Folha 290, Sobreira Formosa: Proença-a-Nova, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa.

IGeoE (1993): Carta Militar de Portugal, Escala 1: 25000, Folha 291, Benquerenças: Castelo Branco, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa.

IGeoE (1993): Carta Militar de Portugal, Escala 1: 25000, Folha 302, Proença-a-Nova, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa.

IGeoE (1993): Carta Militar de Portugal, Escala 1: 25000, Folha 303, Sarnadas do Ródão: Vila Velha de Ródão, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa.

IGeoE (1993): Carta Militar de Portugal, Escala 1: 25000, Folha 314, Vila Velha de Ródão, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa.

Furtado, Brigadeiro Luís Cândido Cordeiro Pinheiro (s/d): “Mapa topographico das montanhas comprehendidas entre os rios Tejo e Ocreza desde as portas de Rodano ate a Foz do Cabrão levantada pelos officiais da Brigada do Real Corpo dos Engenheiros comandada pelo Brigadeiro Luis Candido Cordeiro Pinheiro Furtado”. In: *Açafa* n.º 5 (cópia depositada no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, Vila Velha de Ródão).

Furtado, Brigadeiro Luís Cândido Cordeiro Pinheiro, Sargento-Mor Euzebio Dias Azedo & Capitão Pedro Folque (1797): “Villa Velha. Mapa topographico das montanhas comprehendidas entre os rios Tejo e Ocreza desde as portas de Rodano alhe á Foz do Cabrão levantado pelos officiais da Brigada do Real Corpo dos Engenheiros, Comandada pelo Brigadeiro Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado, e Sargentomor Euzebio Dias Azedo e o Capitão Pedro Folque em: Maio de 1797”. In: *Açafa* n.º 5 (cópia depositada no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, Vila Velha de Ródão).

Folque, Filipe (1881): *Carta Chorográfica de Portugal, Esc. 1:100 000. Redigida e gravada na Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos, Topográficos, Hydrográficos e Geológicos do Reino, sob a direcção do General Brigadeiro F. Folque*. Lisboa.

Leão, Major J. J. (1805): “Copia d’ hum Reconhecimento das Margens do Rio Tejo o pe de Vª Velha feito debaxo das Ordens do Coronel Engr.ro C. H. de Niemeyer pelo major do mesmo corpo J. J. Leão em Abril de 1805. Tirada do Arquivo do Marquês d’Alorna”. In: *Açafa* n.º 5 (cópia depositada no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, Vila Velha de Ródão).

Nogueira, João Rafael (1797): “Mappa Topografico da parte do Tejo pertencente a Vª Velha coforme o estado em que se achava no dia 24 de Abril de 1797”. In: *Açafa* n.º 5 (cópia depositada no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, Vila Velha de Ródão).

Pretorius, Jacob Crisóstomo (1762): *Mapa de Todo o Rio Creza e de Terrenos que lhe confinão, e que tenham alguma couza de remarquavel pelos Campementos diferentes deste ultima Guerra, como também dos Rayos das Serras, principiando do Rio Zefare ate alem do Rio Tejo, 1762*. Referência 3665/I-3-33-45, DIE, Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar. (tenho)

Ramos, Tenente-coronel Manoel de Souza (s/d): “Plano de huma parte do Tejo junto a Villa Velha que mostra a Ponte das Barcas, os caminhos de comunicação e as obras de fortificação de campanha projectadas para a sua defença”. In: *Açafa* n.º 5 (cópia depositada no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, Vila Velha de Ródão).

SA (1762): *Mappa de todo o rio Creza e terrenos que lhe confinão e que tenham alguma couza de remarquavel pelos compementos diferentes desta ultima Guerra, como tambien dos rayos das serras, principiando do Rio Zézere até alem do Rio Tejo*. Depositado no Estado-Maior do Exército, Lisboa.

SA (1762b): “Plano del Castillo del Vila Vella y sus immediac.nes en qe. se manifesta la si/tuacion de los Enemigos y la qe. tomo el Destacamto. mandado p. el Brigadier D. Martinez en el dia 2 de octubre de 1762 se rindió dicho Castillo”. In: HORMIGO, 1980; com outra versão em NUNES, 2002.

SA (1797): “Carta Topographico das Montanhas comprehendidas entre o Tejo e Ocreza desde as Portas-de-Rodão até a Foz do Cabrão. Anno 1797”. In: *Açafa* n.º 5 (cópia depositada no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, Vila Velha de Ródão).

Sítios da internet

Cartografia Geológica: <http://www.zonu.com/detail/2010-09-01-12020/Mapa-geologico-de-Espana-1994.html>

Direção-Geral do Património Cultural (DGPC): Base de dados Endovélico e Imóveis Classificados: <http://www.igespar.pt>

Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU): www.monumentos.pt

Google Earth: observação de imagens de satélite da área e das estruturas militares extraídas deste sítio

Guia de Portugal: mapas temáticos (www.guiadeportugal.pt).

<http://lagosmilitar.blogspot.pt/2008/09/conde-lippe-o-sargento-mor-e-o-fidalgo.html>

José Maria das Neves Costa e As Linhas de Torres Vedras: por Coronel José Custódio Madaleno Geraldo (http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=530+).

Os Planos da Guerra Fantástica: por General António Eduardo Queiroz de Martins Barrento (www.revistamilitar.pt).

Portugal. Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico: sítio de consulta de diversos temas relacionados (www.arqnet.pt).

Projecto Sidcarta: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, sítio que permite a consulta de cartografia antiga (www.exercito.pt).

Publicações Alemãs Sobre o Conde de Lippe. Uma Orientação Bibliográfica: por António Pedro da Costa Mesquita Brito (http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=627).

Wikipédia: sítio de consulta de diversos temas relacionados, como por exemplo Conde Lippe, Guerra dos Sete Anos, ... (pt.wikipedia.org).